PUC
RIO

CARLOS EDUARDO LEAL VIANNA SOARES

A ANÁLISE DO DESEJO
E O DESEJO DA ANÁLISE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, junho de 1986.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Cham. 150 S676a TESE UC
Título A analise do desejo e o desejo da analise

Ex.1 PUCB 0021897

CARLOS EDUARDO LEAL VIANNA SOARES

A ANÁLISE DO DESEJO
E O DESEJO DA ANÁLISE

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Circe Navarro Vital Brazil

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1986.

Ve 13 127-6

pe/d

1227
26/05/87
21897

150
5676a
TESEUC

Agradecimentos,

- À minha esposa.

- Aos meus pais.

- À Professora Circe Navarro Vital Brazil, orientadora da dissertação, pelo apoio e confiança depositados durante todo o percurso.

- À Beatriz Helena Repetto Nobre.

- À Maria Apparecida Viana

- Ao Norberto V. Pires

- E à Élida Lopes, pela datilografia.

RESUMO

Esta tese é uma análise da noção de desejo postulada por Freud e por Lacan. A primeira concepção que é a de Freud tenta dar conta do desejo em sua articulação com a teoria dos sonhos e logo a seguir, após a primeira tópica onde aparece a noção de inconsciente, com as outras formações do inconsciente. O desejo na teoria freudiana pode e deve ser articulado com outra noção que só aparece nos "Três Ensaios sobre a Sexualidade" que é a Pulsão (TRIEB). Isto permite uma leitura mais acurada de seus primeiros escritos sobre a Histeria, bem como uma análise do próprio desejo em Freud. A segunda concepção em relação ao desejo é demonstrada por Jacques Lacan a partir da releitura dos textos freudianos. Lacan irá postular a questão do desejo do psicanalista e a sua formação profissional. Assim poderemos retomar o desejo de cura, bem como a do próprio analista em Freud, pois percorrer sua obra é percorrer sua própria formação que sempre esteve em curso, pois que não tem fim.

RÉSUMÉ

Cette thèse est une analyse de la notion de désir postulée par Freud et par Lacan. La premiére conception, celle de Freud, essaie de rendre compte du désir dans son articulation avec la théorie des rêves et ensuite, aprés la première topique où apparaît la notion d'inconscient, avec les autres formations de l'inconscient. Le désir dans la théorie freudienne peut et doit s'articuler avec une autre notion qui n'apparaît que dans les Trois essais sur la Sexualité: la pulsion (TRIEB). Cela permet une lecture plus soignée de ses premièrs écrits sur l'hystérie de même qu'une analyse du désir même chez Freud. La deuxième conception relative au désir est démontrée par Jacques Lacan à partir de la relecture des textes freudiens. Lacan va postuler la question du désir du psychanalyste et sa formation professionnelle. Ainsi pourrons-nous reprendre le désir de guérison aussi bien que celle de l'analyste lui même chez Freud, car parcourir son oeuvre c'est parcourir sa propre formation, toujours en cours, puisqu'elle ne s'achève jamais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I: A CONSTITUIÇÃO DA CLÍNICA PSICANALÍTICA OU FREUD À PROCURA DE SEU OBJETO... 6

I.1. Traduzir a Emoção em Palavras 6

I.2. Seduzir é Causar Trauma - A Realidade é uma Fantasia 15

CAPÍTULO II: A VIA REAL... HAVIA. 30

II.1. Uma Injeção de Sonhos para uma Infecção de Desejos 36

II.2. Mecanismos da Formação dos Sonhos 55

II.3. O Simbolismo nos Sonhos 60

II.4. Dramatização ou Figuração nos Sonhos ... 63

II.5. Elaboração Secundária 64

II.6. Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente - uma "Regressão" necessária, para um avanço definitivo 65

II.7. A Censura e a Resistência como Fatores Propiciadores para o Esquecimento de Sonhos 67

II.8. Realização de Desejos 72

CAPÍTULO III: A DICOTOMIA DA SEXUALIDADE NO JOGO DAS PULSÕES 76

III.1. As Perversões 82

III.2. Os Estágios do Desenvolvimento Sexual - As Zonas Erógenas 84

III.3. Édipo Rei - Do Mito ao Complexo 90

III.4. "Ou Isto ou Aquilo" - Os Caminhos da Puberdade 94

CAPÍTULO IV: OS DESTINOS DAS PULSÕES 97

IV.1. Fome e Amor 97

IV.2. Fome de Amor 100

CAPÍTULO V: FREUD E LACAN: SOB OS AUSPÍCIOS DA PULSÃO DE MORTE 120

V.1. Histórias... 120

V.2. Compulsão à Repetição 124

CAPÍTULO VI: SOBRE O DESEJO... E A LEI 139

VI.1. Adentrando 139

VI.2. Necessidade, Demanda e Desejo 141

CAPÍTULO VII: O DESEJO DO PSICANALISTA 154

CAPÍTULO VIII: PONTUAÇÕES 166

CAPÍTULO IX: CONCLUSÃO 172

BIBLIOGRAFIA 174

I N T R O D U Ç Ã O

"Sabe poupar a vida a quem de pé a implora,
E sempre o coração, pulsando entre fulgores,
Ante quem o merece eis que se mostra e chora".

(*Baudelaire - As Flores do Mal*)

"... A senhora observou como eu trabalho, passo a passo, sem a necessidade interior de complemento, continuamente sob a pressão do problema imediatamente à mão e sofrendo dores infinitas para não ser desviado do meu caminho".

(*Sigmund Freud*)

Caminhar com Freud é tarefa árdua e que por inúmeras vezes pode parecer inglória. Caminhar com Freud é aceitar' que iremos tropeçar tanto quanto ou muito mais do que ele. É tomá-lo como mestre que nos legou um dos maiores ensinamentos dentro da psicanálise de que a verdade do homem é a de seu inconsciente.

Embarcar neste navio que é a psicanálise para tentarmos a travessia deste oceano que é nosso inconsciente, é sabermos que iremos enfrentar tempestades e ondas gigantescas que produzirão nosso tormento pondo-nos por inúmeras vezes à deriva sem um rumo aparentemente certo. Apenas em aparência, pois tal e qual um ICEBERG, o saber que se nos revela em nossa formação permanece no fundo pronto para emergir, mas basta apenas uma ponta para nos darmos conta dele. São pequenas pontuações (interpretações) que fazem com que o paciente julgue que sabemos de tudo. Ele supõe que poderemos trazer à tona todo o iceberg na

hora que quizermos, revelando-lhe toda sua verdade com o nosso saber. O que o paciente nos pede de uma certa maneira é que possamos, nós analistas, amá-lo e educá-lo, ou melhor, educar suas paixões que a muito desgovernaram-se. Mas na psicanálise não há educação de nada. Neste sentido é que não podemos processar a educação de outros analistas, pois que uma das três profissões impossíveis apontadas por Freud, uma delas é a do EDUCADOR. As ouras duas são as de ANALISTAS e GOVERNANTES. Por isso temos que permanecer na posição de que nada sabemos diante de nossos' pacientes para que estes, em transferência, produzam seu próprio saber, sua própria verdade.

Em certa ocasião, Freud escreveu que *"a ambição educativa é de tão pouca utilidade quanto a ambição terapêutica"* . A ambição de curar é do médico e não do psicanalista. Qual era então a ambição de Freud? Haveria? Creio que sim, ao menos uma. Sua ambição com relação á verdade do homem, com relação à sua própria verdade enquanto investigador da alma humana. Deste destino, por ocasiões tão funesto, ele jamais quis separar-se por maior que fossem as "dores infinitas" que sofresse. Perseguir então esta trajetória é aqui nosso dever. Trajetória que não é nada mais nada menos que a trajetória do DESEJO enquanto teoria e enquanto mola propulsora do trabalho do próprio analista em seu "setting".

Freud aprendeu com os outros, isto é, com suas pacientes, seus amigos, discípulos, dissidentes e mais amiúde consigo mesmo através de sua auto-análise.

Tentaremos outrossim, rastrear o desejo que é sempre inconsciente (ao menos é deste que a psicanálise nos fala) na teoria freudiana sem, no entanto, perdermos de vista o dese-

jo do próprio Freud e daqueles outros analistas que buscam sua formação. Desta maneira esbarraremos em outros postulados e/ou noções que estão amalgamados à psicanálise como a pulsão (TRIEB), a sexualidade infantil, o inconsciente e a compulsão à repetição, entre outros.

Como dissemos, Freud não aprende sozinho, como poderemos observar através de sua biografia produzida por um Ernest Jones, ou mesmo nos seus "Estudos sobre a Histeria" aonde são as histéricas que pedem para deixá-las falar, ou seja, oferecem um saber nas suas teatralizações endereçadas ao próprio Freud. O desejo já aí se inscreve. É a escrita do próprio inconsciente.

Do desejo (1900) ao discurso da pulsão (1905) a pergunta: o que quer uma mulher? formulada ainda nos idos de 1895, permanecerá sem resposta mesmo com estes avanços teóricos até o final de sua obra. Porém, há uma modificação substancial nesta pergunta com a qual concordamos. Esta modificação não foi feita por Freud, mas não se trata em absoluto de desviar os ensinamentos feitos pelo mestre de Viena, mas ao contrário, permanecer cada vez mais fiel a ele. A pergunta, "o que quer um analista?" é feita por Jacques Lacan que propõe uma releitura do texto freudiano, colocando o próprio analista no cerne da questão. Com esta mudança de cenário, da histérica para o analista, o que Lacan pretende é rever a formação do analista que jamais poderá desprender-se de sua relação com seus pacientes. *"Esse interesse em uma relação e não em um objeto definido é o que representa o aspecto emascarador do sintoma, desse sintoma que fala durante as sessões"* (*Jacques Lacan - As formações do inconsciente - Transcrição de J.B.Pontalis, em tradução de Ediciones Nueva Visión - Buenos Aires, 1970*).

Aí está nossa proposta de trabalho. Investigar o desejo que está contido na fala do paciente, pois o seu sintoma ' fala, e o desejo de escuta do analista, pois que há um desejo de cura. Tentarmos então a travessia deste oceano é estarmos certos de que este trabalho é infindável assim como o próprio inconsciente que só se esgota com a morte. É estarmos certos, porém, que para mergulharmos nestas águas teremos que estar atentos à gramática do próprio inconsciente, pois que este é estruturado como uma linguagem. Interessa-nos, portanto, apenas uma amostra da água deste oceano, ou seja, o recorte que faremos é através do desejo que ousa atravessar esta relação de aparente' intersubjetividade entre analista e analisando. Aparente intersubjetividade, porque esta relação tal e qual o jogo do FORT, DA, ameaça desaparecer todo o tempo, pois que não joga o jogo das horas, mas um jogo no qual o tempo obedece à lógica do inconsciente. Um jogo de vida e morte.

"O inconsciente é, portanto, essa profundidade do ser, é o que não está na superfície, não somente por não ser aí, mas por não dever-ser aí. É e só pode ser na abissal profundidade. Ele é no fundo de si o que é, sem poder aparecer de outro modo a não ser na transparência. É o contrário do nada por não ser senão ausência do "campo da consciência" ou da "consciência de si", isto é, das duas modalidades do Ser consciente que, reprimindo-o, consagram-no".

(Henri Ey)

I. A CONSTITUIÇÃO DA CLÍNICA PSICANALÍTICA ou Freud à procura de seu objeto...

"Os fatos posteriores deformaram até o inextricável
a lembrança de nossas primeiras jornadas"

(Jorge Luis Borges - O imortal)

A tua estrada daninha
ramifica-se inutilmente
pela umbilical linha.

(Carlos Eduardo Leal)

I.1. TRADUZIR A EMOÇÃO EM PALAVRAS

A tentativa de Freud de fazer com que suas pacientes pudessem traduzir suas emoções em palavras, remonta aos seus "Estudos sobre a Histeria", que foi escrito no período de 1893 à 1895. Esta tentativa e esta insistência de Freud é que o leva a tomar um caminho solitário e independente da influência inicial de Charcot e Breuer. Já no artigo, "As Neuropsicoses de Defesa" (1894), escrito entre a "Comunicação Preliminar" (1893) e os "Estudos sobre Histeria" (1895), Sigmund Freud começa demarcar, embora ele nunca houvesse previsto um limite, sua própria teoria, com a noção de defesa, que ganha um estudo mais intenso a partir de então. Mas se Freud tentava consolidar um caminho próprio a seguir, independente de seus mestres mais próximos, foi com a paciente de um deles, que ele começou a aprender os percalços da senda psicanalítica. Josef Breuer, um dos clínicos mais famosos de Viena, relatou a Freud, antes de sua partida para Paris, algu

mas observações sobre um caso de histeria que ele próprio tratara entre 1880 e 1882, por meio de um processo pessoal. O nome verdadeiro da paciente era Bertha Pappenheim, a conhecida Anna O. Filha de um paciente de Breuer, que ao tratá-lo, ela começa a apresentar sintomas histéricos. Talvez Anna O. já estivesse reivindicando para si, com seus 21 anos uma independência (do pai?), uma limpeza da chaminé, como ela mesma, mais tarde, durante seu tratamento pode sugerir.

"A própria paciente, que nesse período da moléstia só falava e entendia inglês, deu a esse novo gênero de tratamento o nome de "talking cure" (cura pela conversação) qualificando também, por gracejo, de "chimmey sweeping" (limpeza de chaminé).
(S.Freud - Cinco Lições de Psicanálise - VOL.XI - pág.16 - ESB).

Não me cabe aqui, a análise da Anna O., mas sim, o que nos seus 2 anos de tratamento e mesmo a posteriori, ela enquanto histérica, suscitou em Breuer e posteriormente em Freud.

Iniciaremos com a importante descoberta de Breuer a respeito dos "sintomas da histeria". Segundo Breuer, estes seriam determinados por certas experiências do paciente que operam de maneira traumática e que são reproduzidas na sua vida psíquica sob a forma de símbolos mnêmicos. Isto levaria Sigmund Freud afirmar que *"os histéricos sofrem de reminiscências"* e que seus sintomas são resíduos e símbolos mnêmicos de experiências especiais, isto é, traumáticas.

Este modelo de pesquisas a respeito da histeria, ainda levaria Freud pensar num outro, que é o arqueológico, donde partindo o arqueólogo-analista-explorador (do campo mental) do primeiro contato com a civilização perdida, ele não se prende e não se perde apenas nas primeiras e visíveis descobertas, mas ao contrário, vai se interessando sobremaneira pelos resíduos arque

ológicos que lhe é revelado na medida que vai escavando os fragmentos de rocha (e de memória), até encontrar o cerne, o miolo, o bojo de suas buscas, aonde residiria toda verdade sobre aqueles destroços.

"Saxa Loquuntur" (as pedras falam), diria Freud no início de seu texto sobre a "Etiologia da Histeria" (1896). Assim como ele poderia descobrir e extrair a verdade da história das pedras imóveis, como arqueólogo-analista ele poderia também descobrir a partir da imobilidade (paralisia) da histérica, sua história. O que lhe resta é fazê-la falar.

Havia desde já, para Freud, e podemos aqui inferir, um desejo inconsciente de saber não só a origem da doença, a origem do próprio homem, mas também a sua própria origem como sujeito que sofre, sonha e sabe que algo o incomoda, o lança para um futuro desconhecido, que teria um maior aprofundamento com o início de sua auto-análise no verão de 1897. Voltaremos a este assunto mais adiante.

Pensava assim, que a origem da doença ou do sintoma seria a origem da cura, como podemos observar ainda em seu texto sobre a Etiologia da Histeria (pág. 219): *"O que temos a fazer é aplicar o método de Breuer - OU ALGUM QUE LHE ASSEMELHE* (grifo meu) - *de modo a fazer a atenção do paciente retroceder de seu sintoma à cena na qual, e através da qual, o sintoma assomou, e, tendo assim localizado a cena, removemos o sintoma realizando, durante a reprodução da cena traumática, uma correção subsequente do curso psíquico dos eventos que então ocorreram".*

"Algum que lhe assemelhe..." É óbvio que Freud se remete aqui ao método de tratamento que o conduziria à psicanálise, mas se tomamos as próprias palavras desta frase, vamos perceber

a descoberta freudiana de que a verdade ou a causação do sintoma não deveria estar simplesmente aonde aparecesse ou estivesse a primeira cena traumática, pois por detrás desta poderia(m) haver outra(s). A cadência ou o ritmo desta descoberta adviria da associação livre. A cura pela conversão proposta por Anna O.

Tomemos pois, novamente a frase para pensarmos; tentando já deduzir nossas articulações: Algum(algo) que lhe assemelhe(associe), isto é, que a lembrança de uma cena possa lhe evocar uma outra cena e assim por diante. O método de Freud era então, o da "hipnose leve" e "sugestão", o que tenderia permitir que o afeto e a emoção estrangulada se expresasse através da fala.

Existe aqui, na teoria freudiana, um momentum, um impasse que obstaculiza que o fundador da psicanálise tenha um certo avanço. Estamos nos anos anteriores à 1897, portanto emaranhados e atados ainda à noção da teoria da sedução. De acordo com o que o próprio Freud iria descobrir na Interpretação dos Sonhos (1900); *"tudo o que perturba a continuação do trabalho é uma resistência"*, veremos como ele resiste à saída da teoria da sedução, e de que forma a sua resistência em manter a sugestão o afugenta e o distancia do prosseguimento de suas articulações com a associação livre e a psicanálise.

Mas, paradoxalmente, o conceito de resistência (talvez devido a inusitadas situações como esta - o entrave ao trabalho) exerceu um papel decisivo no surgimento da psicanálise, pois desde os Estudos sobre a Histeria (1895), Freud já denunciava sua presença como obstáculo à elucidação dos sintomas e à progressão do tratamento. Como Freud ainda não começara a se "auto-tratar", o que só ocorre após o verão de 1897, podemos in

ferir que seu principal sintoma é sua própria teoria, e, sem dúvida alguma o foi pelos anos afora de sua vida. Assim, o mestre de Viena, está preso à sua descoberta pois, segundo ele "*a resistência estava no trabalho*" (terapêutico).

Ora, Freud não era presa fácil (ele mesmo era o seu maior e severo crítico). Portanto, jamais observou o fenômeno da resistência isolado de outro importantíssimo fenômeno que era o da transferência, já que esta também era considerada como uma resistência. Se a transferência era, na esfera teórica, um deslocamento de afeto de uma representação para outra, ali estava o seu passaporte para o ingresso na psicanálise. Pergunto-me se o seu pensamento já não era psicanalítico desde sempre. Faltava lhe algumas articulações, alguns pontos nodais para que ele retirasse a pressão de sua mão da testa de suas pacientes.

Ele já havia dado um passo a mais do que Breuer, pois enquanto este utilizava a hipnose, ficando a espera passivamente de que sua paciente despejasse diante de si uma torrente de fatos que por si só chegasse às suas retenções produzindo a abreação, isto é, a liberação da carga de afeto, Freud empregava a sugestão diretamente como meio e ardil terapêutico. Portanto, quando os fatos traumáticos tinham sido identificados pelo emprego da hipnose, Freud passava imediatamente ao uso da sugestão com o intuito de eliminá-los ou ao menos debilitá-los em sua força patogênica. Freud havia aprendido com Bernheim, na França, a utilizar o método da sugestão com fins terapêuticos. "*Quando despertava de seu sonambulismo, a pessoa em experiência parecia ter perdido toda a lembrança do que acontecera durante o período que durara aquele estado. Mas Bernheim afirmava que ela o sabia, apesar de tudo, e, ordenava-lhe que se recordasse, asse-*

garando-lhe que sabia de tudo, que lhe devia dizer; além disso, ao colocar-lhe a mão sobre a testa, as recordações esquecidas voltavam realmente, de início hesitantes e, depois, em massa e com uma perfeita clareza" (S.Freud, *Ma vie et la Psychanalyse - Idées, Gallimard, Paris, 1965*).

Talvez porque tenha sido a Bertha (Anna O.) Pappenheim que tenha influenciado o método catártico de Breuer, e talvez ainda porque ela tenha estabelecido uma enorme relação transferencial para com ele mesmo, é que Josef Breuer jamais tratou outra paciente pelo mesmo método catártico. Breuer dá alta à Anna O. e parte, batendo em retirada, numa segunda lua-de-mel com sua esposa.

Freud pensava que pelo método da sugestão ele pudesse induzir suas pacientes a aceitarem suas opiniões (na forma de sugestão), daí chegando até o cerne do trauma para então eliminá-lo. Percebe neste momento, que nem todas suas pacientes são tão hipnotizáveis e susceptíveis à sugestionamentos como pensara até então e, ainda havia o risco do efeito pós-hipnótico sem qualquer controle seu. Decide então voltar ao método catártico de Breuer por achar que era muito mais inquisidor e investigador que o seu e também, *"incomparavelmente mais atraente do que as proibições monótonas e forçadas usadas no tratamento pela sugestão, proibições que criavam um obstáculo a qualquer pesquisa"* (*Freud, ESB, VOL.XIV, pág.19*). E é o retorno a este método catártico que envereda Freud pelos caminhos da associação livre, pois passou a acreditar que suas pacientes poderiam encontrar por si, isto é, sem o fator hipnótico ou sugestivo, o caminho que conduzia e interligava desde o sintoma até as lembranças a ele vinculadas. Talvez aqui, tenha começado a ganhar forma o que

mais tarde vai ser de grande importância para a psicanálise que é a noção de "compulsão à repetição", como algo inerente ao ser humano, não sendo portanto necessário que um outro exterior ao paciente desse a ordem sugestiva para se repetir ou rememorar um acontecimento traumático do passado no presente, pois o próprio paciente possui esta "força".

O que era inacessível à reflexão consciente devido à defesa (repressão), passou a ser acessível pelo método da associação livre. É interessante notar que a descoberta deste método vincula-se à própria noção de defesa, com a qual não concordava Breuer, pois para este, as idéias patogênicas produziam seu efeito traumático porque surgiam durante os "estados hipnóides", nos quais o funcionamento mental estava sujeito a limitações especiais. Este é o ponto de partida para o rompimento mais formal (pois era em busca de uma verdade científica) entre Freud e Breuer pois era claro que para o primeiro, *"uma idéia se tornara patogênica se seu conteúdo estava em oposição com a tendência predominante da vida mental do sujeito, de maneira a incitá-lo a entrar em defesa"* (Freud, ESB. VOL.XVIII, pág.289 - *Dois Verbetes de Enciclopédia* - 1922), enquanto que para o segundo, a manutenção da teoria dos "estados hipnóides" de uma certa forma contituía em sua própria "defesa", excluindo-o assim, dos avatares transferenciais de outras pacientes.

Talvez o medo do avanço para Breuer, seria justamente o que impulsionava Freud. Era a obscuridade do futuro e da própria alma humana (o seu inconsciente) e a firme determinação em desvendá-los é que move Freud para fora da manipulação, do direcionamento e condutibilidade do método hipnótico. Além disso, ele já tinha a firme convicção de que nem todas as suas pacien-

tes eram passíveis de serem hipnotizadas.

Por aproximação poderíamos infocar que seu movimento teórico se aproximava muito do movimento e da estrutura do sintoma da histérica. Os discursos histéricos das histéricas se faziam por sucessivos deslocamentos no sentido mais pleno desta palavra. As histéricas queriam falar (por qualquer parte do corpo) e Freud desejava se imiscuir no desejo delas. Sua própria audácia de pesquisador, de fuçador da alma humana, que me perdoe o Georg Groddeck, é que o leva ao contato direto e mais imediato com a transferência e a resistência. Era o contato ou a interrelação médico-paciente que funcionava como ponto de apoio para que a sugestão tivesse efeito. "*Se essa relação era perturbada, todos os sintomas reapareciam, como se nunca houvessem sido dissipados*" (Freud, ESB, VOL.XVIII, pág.289 - *Dois Verbetes de Enciclopédia* - 1922).

Freud havia aprendido que nenhum sintoma histérico poderia emergir de uma experiência real isolada, mas que em todos os casos a lembrança de experiências mais antigas, despertadas e revividas em associação com ela, atuava influenciando na produção e causação do sintoma. Seu propósito era então ir além da primeira cena descoberta, ir além da primeira hipótese descoberta, pois sua teoria era a própria intensidade da vida de suas pacientes, daí que por detrás de cada teoria provavelmente se esconderia outra, além da primeira relação observável, se esconderiam outras relações até que provavelmente a teoria infalível e/ou o sintoma "curado" emergissem. Mais tarde ele vai se dar conta dos limites de ambos, até para dizer que a "*cura é considerada pelo ego como um novo perigo*". Freud sabia o que era o perigo, o que era o perigo da morte, da morte teórica, ele mes-

mo "devia à natureza uma morte" (E. Jones, *Vida e Obra de S. Freud pág. 52, Zahar Editores*). Já não havia dúvida da força profética de sua mãe quando lhe dizia que somos feitos de barro e, assim devemos retornar à terra. O sentido de retorno era de grande importância. O retorno de algo que havia ficado na sua tenra infância e que insistentemente lhe incomodava.

As histéricas falavam de um trauma que havia ocorrido em suas infâncias, diziam elas que aquele fato havia contribuído para um prejuízo de sua sexualidade a partir da puberdade.

Freud no seu bojo teórico e, no contexto de toda a psicanálise, era ainda uma criança, talvez contasse menos de 6 anos, mas mesmo assim a questão da sexualidade já lhe aparecia como discurso mais importante proferido por suas pacientes. Assim é que teoricamente acreditava como todos até então, que a sexualidade surgia apenas na puberdade e que qualquer libidinização em que ocorresse um trauma, adviria da sedução de um adulto nesta mesma criança.

Jogando com as palavras, assim como Freud jogava com as idéias, poderíamos dizer que se o trauma era um infortúnio da alma, tratava-se então de um tralma. Não era um trauma físico, causado por um ato violento, mas sim um trauma que acometeria graves transtornos psíquicos.

I.2. SEDUZIR É CAUSAR TRAUMA - A REALIDADE É UMA FANTASIA

"Quem sou, senhor, na tua treva e no teu fumo?
Além da minha alma, que outra alma há na minha?
Por que me deste o sentimento de um rumo,
se o rumo que busco não busco,
se em mim nada caminha?"

(*Fernando Pessoa*)

"... eu não sou nem isto nem aquilo, na verdade não sou nada de modo completo"

(*S. Freud - Carta a Emil Fluss*)

Este período que temos ousado chamar da constituição da clínica psicanalítica (será que ela não estaria em permanente constituição?), que vai das primeiras publicações de Sigmund Freud até os anos de 1897/8, é um período relativamente curto, mas de uma densidade teórica enorme e considerado de vital importância para a evolução do pensamento freudiano.

Nesta época, anterior a 1897, ele acreditava que o trauma de infância era causado pela sedução de um adulto. A noção de realidade não era de forma nenhuma refutada, tanto é que Freud literalmente em alguns de seus casos ia investigar com parentes de seus pacientes a veracidade das histórias por eles contadas. A sua teoria era a de que em sua infância, os neuróticos foram traumatizados por tentativas reais de sedução sexual, numa época em que sua sexualidade ainda estava adormecida; e com a puberdade, o despertar da sexualidade torna patogênica a lembrança do trauma.

A teoria do trauma, apesar de ter profunda repercussão

sobre os escritos iniciais de Freud, paradoxalmente vai se constituir na maior "defesa" para a elaboração da teoria psicanalítica. Na "Comunicação Preliminar" (1893), escrito por Breuer e Freud, podemos ler que "*nas neuroses traumáticas a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante mas a emoção do susto - o trauma psíquico*" (*pág.46 - VOL.II*). Da mesma forma observava-se que para a maioria dos sintomas histéricos as causas desencadeantes só podiam ser descritas como traumas psíquicos.' Qualquer emoção que possa causar um abalo, que possa trazer um conjunto de emoções aflitivas, um susto, momentos de vergonha ou qualquer outra experiência desta natureza poderá evocar e atuar como um trauma. No caso particular da histeria mais de um trauma pode ter acontecido para a ocorrência da doença. "*Estas causas somente puderam exercer um efeito traumático somando-se suas influências, e elas constituem um conjunto porque são, em parte, componentes de uma mesma história de sofrimento*" (*Comunicação Preliminar - 1893 - Breuer e Freud - Pág.46 - ESB*). Talvez aqui já estivesse a base para o que alguns anos mais tarde Freud chamaria de sobredeterminação, ou seja, que um fato ou uma lembrança de algum episódio, estaria sobredeterminado por vários outros fatos a ele vinculados, como o resultado de um somatório.

É óbvio que a intensidade do trauma estaria diretamente atrelado à susceptibilidade da pessoa afetada.

A simulação da histérica era um espetáculo dado a Freud. Ela não simulava sozinha, pois sabia que havia um espectador bastante interessado em assisti-la.

O discurso de Freud recai sempre sobre sua experiência, sobre suas pacientes, pois estas ao mesmo tempo em que produzem sua análise, esclarecem-no sobre ele mesmo, ou seja, so-

bre os pontos cegos do analista. Freud se deixa interpelar pela loucura das histéricas, aceitando deixar-se questionar no campo de seu próprio inanalisado. Esse seu ponto cego é a via indireta pela qual se faz nele a abertura do interesse terapêutico. O que ocorria, sem dúvida alguma, é que Freud podia receber de suas pacientes o esclarecimento daquilo que, nele, havia permanecido até então ao abrigo de todo questionamento. Já que elas o constituem como tal, cada palavra advinda de suas bocas, cada sintoma eregido em seu favor tinha imediata repercussão na sua teoria, tal como o impacto de um trauma ou a emoção de um susto.

Esta é a forma como Freud procede com seus achados, e é o próprio tropeço, o susto de seu inconsciente que lhe revela seu desejo. Um desejo que subjaz a qualquer possibilidade de uma interrelação. Um desejo de transferência, de transposição, ou melhor de conversão de sintoma em teoria, teoria em praxis. Sabemos que foi por esta via que Freud efetivou sua descoberta que marca a psicanálise, o inconsciente. A via do saber científico, com sua formação de neurologista e da psiquiatria com Charcot e Breuer e a outra via do saber sobre seu próprio desejo, que é percorrida na sua relação com Wilhelm Fliess. Breuer possuia a chave para abrir a porta do saber psicanalítico, mas faltou-lhe o saber do desejo (Freud já nesta época não o usava?) que permitiria usá-la. A chave que abriria as portas para a via real e para o inconsciente, talvez só viesse mesmo em 1900 com a interpretação dos sonhos.

Mas a sedutora hipótese da sedução está prestes a ruir, ou melhor, está com seus dias contados. Conta-se que até que Freud publicasse os seus "Estudos sobre a Histeria", a idéia de que havia uma parte inconsciente na mente humana atraía apenas'

o filósofo ocasional ou o poeta. Filósofo, Freud não foi, mas poeta podemos observá-lo em vários trechos de sua obra e mesmo nas suas numerosas cartas. Assim, é talvez com a sua parte poeta, que ele pode pensar num mundo aonde a realidade pode ser totalmente desprezível, aonde a verdade não ocupasse um lugar, agora privilegiado pela fantasia, e pela imaginação. De mais a mais, no seu artigo "Poesia e Fine Frenzy" (loucura) - inserida no "rascunho N" datado de 31 de maio de 1897, Freud vai escrever que: "*o mecanismo da poesia (criação literária) é o mesmo das fantasias histéricas (VOL.I, pág.346)*.

Em 1901, no seu artigo denominado, psicopatologia da vida cotidiana, Freud escreveria: "*constatamos mais uma vez que a psicanálise nada descobre que os poetas já não tenham pressentido há longo tempo*". Maud Mannoni chama atenção para este fato, ao citar um trecho de Freud aonde ele analisa os sonhos e os delírios na gradiva de jensen: "*poetas e romancistas são preciosos aliados, e o seu testemunho deve ser tido em grande conta, porque, entre o céu e a terra, eles têm o conhecimento de muitas coisas que nossa sapiência acadêmica ainda não poderia sequer sonhar. No conhecimento da alma, são eles que nos ensinam, a nós, homens comuns, pois que as fontes onde se banham ainda não estão ao alcance da ciência*" (*Maud Mannoni - A Teoria como Ficção - pág.82 - Campus Editora*).

Mas esta teoria sobre a sedução chega a um impasse. Na carta de número 69, datada de 21 de setembro de 1897, Freud apresenta quatro razões para o abandono desta sua "neurótica teoria das neuroses" que estava sendo elaborada desde 1893. O primeiro motivo por ele exposto é que as pessoas, suas pacientes, abandonam a análise num momento em que ele achava estar compre-

endendo tudo, além do que não tinha totalmente êxito estas mesmas pacientes. Um segundo motivo por Freud apresentado é que ele começou a pensar ser impossível que todos os pais (de Viena) "*não excluindo o meu*", sejam perversos, ainda mais que a incidência de "perversos" teria que ser enorme em visto do número de histéricas. Em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que no inconsciente não há indícios de realidade, "de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a imaginação que está caracterizada com afeto". Finalmente, como quarto item, Freud apresentou que mesmo na "psicose mais severa e profunda a lembrança inconsciente não vem à tona (não se torna consciente), assim os segredos da infância não seriam revelados nem no delírio mais profundo".

Como pano de fundo de todas essas estonteantes descobertas e revelações está a sua auto-análise que havia iniciado no verão de 1897. Os valores destes quatro argumentos têm pesos diferentes entre si.

Se apenas o próprio Freud trabalhava em cima deste seu método, seu parâmetro mais imediato nesta época era a cura, que era igual a conclusão da análise e, para que isto se tornasse possível, era necessário remover todos os sintomas apresentados e, preferencialmente evitar que outros sintomas surgissem no lugar do já eliminado. De mais a mais, ele sabia que seus conflitos internos ainda estavam longe de serem sanados. É por acreditar que ele também era um neurótico ou um histérico, ou mesmo que tivesse elementos dos dois, que prossegue avançando sempre retroativamente em suas formulações teóricas.

Pode parecer, à primeira vista um paradoxo este avançar para trás, mas é que já não podia duvidar que a causa do sin

toma histérico (e seu próprio) estaria no infância remota e que estes conjuntos patogênicos revelados na puberdade, teriam como ponto de referência a própria erogeneização do corpo, isto é, a sexualidade infantil. Freud começava a perceber que poderia e deveria haver uma sexualidade infantil, independente das contribuições perversas de um adulto. Impulsionado pela sua auto-análise, Freud inicia com mais vigor (embora ele em algumas ocasiões tivesse lançado mão de suas lembranças) as recordações do passado. Escreve Jones: *"Outro incidente se refere à lembrança' consciente de haver urinado (deliberadamente) na cama dos pais com a idade de sete ou oito anos, e de haver sido admoestado pelo pai, que irritadamente permitiu-se exclamar: este menino não vai dar para nada (...)* Freud escreveu sobre o fato: *"Deve ter sido uma terrível afronta à minha ambição, uma vez que alusões a essa cena ocorrem repetidamente nos meus sonhos e vêm constantemente ao mesmo tempo que as enumerações das minhas realizações e sucessos, como se eu quisesse dizer: veja bem, afinal de contas consegui ser alguma coisa, apesar dos pesares".*
(E.Jones - Vida e Obra de S.Freud, pág.52 - Zahar).

E mais, em 1931, Freud escrevia (essa era algumas das formas encontradas para fazer sua catarse e sua auto-análise) ' um texto intitulado "A aquisição e o controle do fogo" onde diz textualmente: *"... com a finalidade de conseguir controle sobre o fogo, os homens tiveram de renunciar do desejo (seu inclusive) mesclado de homossexualismo, de apagá-lo com um jato de urina".*

É com base no mito de Prometeu, o Portador do Fogo, ' que Freud lança estas suas idéias, mas também é na promessa feita a si próprio de mostrar que havia de conseguir fazer algo, ou seja, apagar aquele fogo que havia na cama dos pais, apesar dos

dos pesares. Confirma-se aqui a enorme importância das suas primeiras experiências infantis, o conflito edipiano, as ambivalências, os sentimentos de culpa, suas angústias, seus sonhos, etc.

Como disse seu médico Max Schur: "*Freud se achava no limiar de descobertas monumentais (...) Freud se tornava consciente de que ele também não se achava livre de sintomas neuróticos ou de "histerias", como os chamava em sua correspondência com Fliess. Tornava-se gradativamente mais consciente acerca do fato de que certos fenômenos que vira em seus pacientes pudessem ser apenas distorções de fenômenos característicos do funcionamento psíquico de todos os homens*". (M.Schur - Freud, Vida e Agonia - VOL.1, pág.90 - IMAGO).

Ora, aqui podemos notar dois inusitados fatos que cercaram Freud por longo período de sua vida. Vejamos dois trechos do texto supracitado para melhor entendermos nossa posição. Em primeiro lugar, "*ele também não se achava livre de sintomas neuróticos ou histéricos...*" Esta descoberta vale para ele como a própria possibilidade de participar ativamente de suas descobertas, ou seja, experimentar sentindo nele mesmo os percalços do caminho percorrido pelos sintomas de suas pacientes. Pesquisador como era, cada vez mais, ele se aproximava do fenômeno da transferência na ânsia de buscar para si, para sua própria compreensão, o movimento e os tresloucados caminhos pelos quais percorriam os sintomas histéricos. Este era um movimento dialético pois na tentativa de se aproximar (proximidade de corpos, de idéias, de sentimentos, de afetos, de inconsciente para inconsciente) as histéricas se distanciavam, mas na distância tornavam a chamá-lo e ele ia, e elas se afastavam, querendo neste jogo que Freud jamais deixasse de procurá-las, perdendo-se no jogo

delas, mas também que ele jamais as achasse. É na elocubração' deste jogo quase mortal, neste jogo de aproximação e delire du toucher (fobia do contato), neste jogo de tentativa e erro, ou fort da, que Freud vai estendendo seu carretel e sua linha de pensamento para que através dele e só através dele, isto é, da fantasia, do sonho, do chiste, do ato falho, ele possa estabelecer um contato com suas pacientes. O contato físico, a mão na testa tinha sido um ardil que já não era mais útil. Freud estava mais do que nunca agora, perto muito perto de suas pacientes e de encontrar a verdade neste jogo de ver um ao outro sem ao menos trocar um olhar.

É espantoso como Freud brinca com seus prórios delírios, suas próprias fantasias, seus sonhos, embora ele nunca nos tenha confidenciado na íntegra, como ele diz numa nota de rodapé: "... *quase nunca comuniquei a interpretação completa de um sonho pessoal. Provavelmente, tive razão ao não confiar demasiado na discrição do leitor*". Mas é nesse desfazer e se refazer ' que Freud vai se constituindo, vai aos poucos, tateando, mas encontrando respostas às suas investigações mais preeminentes sobre a alma humana. Muitas questões ficaram sem resposta. Ele mesmo disse que haviam três coisas impossíveis do homem fazer que eram: educar, governar e analisar.

Neste seu ir e vir, algumas pacientes suas foram, mas em compensação novos conceitos vieram por causa justamente destas "idas" delas. Referimo-nos aqui, ao trabalho iniciado em janeiro de 1901 e só publicado em outubro e novembro de 1905, que originalmente se chamou "Sonhos e Histeria", "*pois ele me parecia peculiarmente bem adaptado a mostrar de que forma a interpretação dos sonhos se entrelaça na história de um tratamento e*

como pode tornar-se o meio de preencher e elucidar sintomas". (*Freud, ESB, VOL.VII, pág.8*). É o caso clínico Dora, onde a dinâmica da transferência foi vista e descrita pela primeira vez com mais intensidade, chegando o próprio Freud a dizer que se não fosse por causa dela (obviamente a transferência e contratransferência) teria prosseguido sua análise além dos escassos três meses, quando foi "*interrompido por desejo da própria paciente quando já ia a certa altura*" (*pág.9- Ibid*). Freud sabia que seguia por estes caminhos como podemos observar numa carta endereçada a um de seus discípulos, Oskar Pfister: "*Ora, estas coisas psicanalíticas só são compreensíveis se forem relativamente completas e detalhadas, exatamente como a própria análise só funciona se o paciente descer das abstrações substitutivas até os mais ínfimos detalhes. Disso resulta que a discrição é incompatível com uma boa exposição sobre a psicanálise. É preciso ser sem escrúpulos, expor-se, trair-se, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro da casa e queima os móveis para que o modelo não sinta frio. Sem algumas destas ações criminosas, não se pode fazer nada direito*".

Será que Freud queimava seus livros, confessadamente' sua obsessão, para curar uma paciente, tal como o artista faria com os móveis? Creio que não. Vejam bem, o artista jamais queimaria a tela, portanto o que Freud ousou queimar em todos os anos como investigador da alma humana, foi justamente o seu lugar de analista, o qual o punha à prova a todo momento. Era por se sujeitar perder o seu lugar, a sua moradia, que cada vez mais ela se solidificava, aprimando-se no seu edifício teórico.

Em segundo lugar, retornando ao texto de Max Schur, podemos observar o seguinte trecho: "... *sua correspondência com*

Fliess. Sabemos que o que houve entre Freud e Fliess, foi bem bem mais do que uma mera correspondência de cartas. Este otorrino, teve uma influência muito maior do que outros neurologistas como Breuer, para Freud. Vejamos o que nos diz O.Mannoni no seu livro Freud e a Psicanálise: "...*com Breuer, Freud aprendeu muitas coisas; mas com Fliess, fez a sua própria análise e de certo modo estabeleceu o modelo da análise (a sua) de tal maneira que as análises posteriores só poderiam repetir. Dois anos mais moço, Fliess estava mais adiantado na vida e na profissão. É certo que Freud via nele uma imagem idealizada de si mesmo. Por outro lado, chamava-o de* <u>*meu outro eu*</u>" (*pág.37-38*). Não há dúvida que Freud entrou num domínio de idéias muito particular, favorecido agora, pelos acidentes do desejo inconsciente na sua relação transferencial com Fliess. Estes acidentes que a sua própria auto-análise corroborava viabilizar dois desmascaramentos e dois endereços certos; um era sua ligação com Wilhelm Fliess, e o próprio endereço deste; o outro tinha como pano de fundo a sua própria teoria que ia tomando corpo (o corpo do outro pela embriaguez transferencial) de uma certa paisagem tópica que mais tarde escreveria.

Ele a cada dia acrescentava uma nota, frequentemente oferendada por suàs próprias pacientes, a qual tornava a sua partitura mais legível, mais sonora. Sua sinfonia analítico-literária ia sendo afinada por todo o corpo da orquestra. Seus músicos eram seus pacientes. Cada um tocava um instrumento-sintoma e era com a desafinação de cada um deles que Freud podia ir corrigindo seu próprio tema, procurando assim a melhor melodia. Freud, um "virtuose" da Viena de Mozart, tentava compreender seus sonhos, suas aspirações, seus desejos, enfim, seu movimento rítmi

co inconsciente. Freud sabia, assim como Mozart, que uma só palavra ou uma só nota que se trocasse, mudaria toda a estrutura de sua obra. Ele arriscava, tentava novas fórmulas (haveriam?)' novos textos, novas palavras que se adequassem melhor com aquilo que ia descobrindo na sua auto-Fliess-análise. Se Fliess fazia parte de sua estrutura, não havia como não integrá-lo no binômio auto e análise. O caminho de Freud passava e era passado inclusive pela teoria da periodicidade de Fliess. Provavelmente esta teoria desembocaria, no futuro, como um afluente na "noção de repetição". Fliess mais do que um afluente era um braço do rio pelo qual Sigmund velejava. Um braço direito, e portanto, difícil de se cortar. No final de sua vida, em Londres, Freud escrevia: *"Um paciente nunca esquece o que vivenciou na transferência. Possui uma força de convicção maior do que qualquer coisa que possa adquirir de outro modo.* (O.Mannoni - pág.39 - Ibid)

Assim, Freud ia repensando sobre si mesmo, sobre suas vicissitudes, que o levaram aos seus avatares. É por causa destas transformações que vão lhe ocorrendo, provenientes destes fatos (auto-análise, sua própria resistência, as questões da transferência, seus sonhos, etc.) é que Freud vai deslocando a pergunta *"o que é a psicanálise?"* para *"o que é o inconsciente?"*. Se o objeto primordial da psicanálise é o inconsciente, Freud dirá que: *"A minha vida não tem interesse senão em sua relação com a psicanálise..."*, ou seja, na relação direta e íntima com o inconsciente. É deste lugar íntimo que Fliess lhe fala, ou melhor, é desta intimidade por onde Freud é falado, *"meu outro eu"*. Mas este seu *"outro eu"* era-lhe tão vital quanto mortal. W.Fliess hábil numerologista, conseguia, utilizando as múltiplas conbinações dos números 28 e 23, prever qualquer coisa. Assim, entre

UNIVERSIDADE CATOLICA

outras coisas ele "prevê" a morte de seu amigo Freud, para o ano de 1907, aos 51 anos (28+23 = 51). Freud viveria ainda até 23 de setembro de 1939. Um pequeno erro que custou muito a Freud, mas talvez bem menos a nós, pois talvez esta data marcada para morrer tenha aumentado sua compulsão a escrever.

Fliess era apenas um médico como muitos outros,de uma curiosidade intelectual talvez um pouco mais aguçada e provavelmente tinha uma grande necessidade de se afirmar, exercendo sobre os outros (Freud) seus dotes e vicissitudes. O que se torna instigante e misterioso era a (aparente) credulidade inabalável de Freud face às postulações quase delirantes do amigo,como por exemplo, que o nariz e os órgãos genitais possuem a mesma estrutura ou que, todos os homens estão submetidos a uma lei de periodicidade rígida, segundo o modelo dos períodos menstruais. *"O simbolismo sexual do nariz ficará como o modelo de um tipo de deslocamento com o qual a análise se relaciona diariamente.A periodicidade perturbará Freud por muito tempo, mas encontrará seu lugar sob a forma da importantíssima compulsão a repetição(...) Em nome desta teoria, Fliess fizera a Freud alguma predição imprudente que, na situação transferencial, assumiu força de oráculo". (O.Mannoni - pág.38/39).* É por esta intimidade que a amizade com Wilhelm "Tirésias" Fliess vai se solidificando. Como e porque amamos, poderia se perguntar Freud. Como, por que e a quem desejamos?

Breuer, já tinha ficado provado para Freud, não tinha o menor interesse por algumas experiências amargas no passado (Anna O.), de trabalhar ou mesmo aprofundar a sua técnica terapêutica pelos caminhos da sexualidade. Fliess é, portanto,o confidente ideal, pois ele remete a sexualidade ao epicentro de

sua teoria, ou precisamente no centro, da cavidade nasal. Ter um confidente assim, pronto a tudo escutar, pronto a tudo receber, tanto o extravagante como o inédito, o escabroso como o insólido, é nessa condição que Freud consegue defrontar-se diariamente com o desejo das suas pacientes e com as provocações ao seu próprio desejo.

É a intimidade de seu desejo com o desejo da histérica, o desejo de ter um desejo insatisfeito, que o leva cada vez mais em direção do inconsciente. O que motiva, ou que força é esta que paradoxalmente impede e impele a caminhada do homem na direção de um outro? Freud queria saber, isto era vital para ele. Queria saber sobre este amor transferencial, sobre esta sexualidade que já não cabe mais na puberdade, mas se origina nos primórdios da infância. Freud tateia seu universo querendo saber.' Era como se ele já pudesse prever o que escreveria em 1905 nos seus três ensaios sobre a teoria da sexualidade: "*Quase na mesma época em que a vida sexual das crianças atinge seu primeiro ápice, entre as idades de três e cinco anos, elas também começam a mostrar sinais da atividade que pode ser atribuída ao instinto**(1) *do saber ou da pesquisa*" (Freud, ESB, As Pesquisas Sexuais da Infância "in" 3 Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, pág.199).

---

(1) Queremos desde já demarcar aqui a diferença entre instinto e pulsão. O primeiro termo foi erroneamente traduzido para o português como sendo a tradução correta do alemão "trieb", o que não é verdade. Do vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis, podemos observar que "o instinto (instinkt,em alemão) classicamente, é um esquema herdado (noção de hereditariedade) próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para o outro (...) Já a pulsão é um processo dinâmico que consiste numa pressão (drang) ou força (carga energética, falta de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão) o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou gra

Se esta vontade ou voracidade de saber não tinha limites, Freud vai descobrindo, através de sua auto-análise, um novo objeto para ser pesquisado. Ele mesmo, ou melhor, seu inconsciente. Aqui mais do que nunca, a frase proferida por Breuer à Freud em 1883, ganha toda a sua intensidade: "*Agora que você tem a arma, desejo-lhe feliz batalha*" (*Freud, Correspondência de Amor e outras cartas - 1873/1939 - Carta a Marta Bernays. Viena, 3ª feira, 25/10/1883 à noite - pág.95 - Ed. Nova Fronteira*).

É óbvio que a batalha estivesse apenas inciando, mas sua argúcia em descobrir novas "armas" o credenciavam para novas batalhas. O uso da "Regra Técnica Fundamental", este procedimento de associação livre, mesclado com sua própria auto-análise, e sua honestidade (fato mais do que comprovado por seus biógrafos mais eminentes - E.Jones, Max Schur, etc.), o colocam como o seu melhor paciente, "*na posição de um auto-observador atento e desapaixonado, simplesmente comunicando o tempo inteiro a superfície de sua consciência (...) não retendo da comunicação nenhuma idéia, mesmo que sinta por ela muito desagradável, julgue-a absurda ou sem importância demais ou irrelevante para o que está sendo buscado*" (*S.Freud - Dois Verbetes de Enciclopédia - Psicanálise - pág.290/291 - VOL.XVIII - ESB*).

Agora ele já possuia a arma e as ferramentas para a construção do caminho que o levassem até a "idéia incompatível com o ego" que havia sido repelida. Em 1895 (Psicoterapia da Histeria) Freud escrevia: "*A idéia em questão foi forçada para fora*

Cont.
ças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo". Além disto a necessidade de um instinto é passível de ser satisfeita, enquanto a pulsão tem uma força constante jamais interrompida.
A pulsão não existe sem uma representação mental.

da consciência e da memória. O seu vestígio psíquico aparentemente se perdeu de vista. Não obstante, DEVE ESTAR LÁ (grifo meu) *(pág.325 - VOL.II)*. Este "lá", lugar até então obscuro, locus indecifrável e inatingível, já podia se tornar mais perto. Este era um sonho que Freud vai aos poucos podendo tornar realidade. Ele pertenceria, dentro de pouco tempo, ao grupo daqueles que perturbariam o sono do mundo.

11. A VIA REAL... HAVIA.

"Tudo quanto sugere,
ou exprime o que não exprime.
Tudo o que diz ou que não diz,
e a alma sonha, diferente e distraída"

(Fernando Pessoa)

Perdi o sono pensando na vida
E a minha vida se perdeu em sonhos.

(Carlos Eduardo Leal)

PROLEGÔMENOS

A fala, a linguagem oral, são cada vez mais importantes para a situação na qual se engendra a psicanálise. O uso da associação livre permite um correr frouxo da língua materna pelo inconsciente do analisando. Este uso permite precisamente a abolição das convenções do diálogo, incitando a infringir as regras do raciocínio. Porém, a fronteira do intelegível recua cada vez mais com a análise dos lapsos linguísticos, rasurando, portanto, a pseudoimpermeabilidade do discurso gramatical.

Mas um discurso, muito importante para Freud, literalmente se interrompe a 23 de outubro de 1896. É a morte de seu pai, Jakob Freud. Este acontecimento que tem força de um trauma, o coloca entre o sonho e a dor, quer dizer, a possibilidade de resgate de seu pai através de seus próprios sonhos e o sentimento edípico hostil nutrido contra ele desde a tenra infância.

É com esta ambivalência que Freud atravessa este ano, até iniciar sua auto-análise no verão do ano seguinte. A morte do pai, seus sonhos e sua dor, o empurram para escrever um de seus livros mais importantes, que exprimiam agora pela condensação dos dois nomes um Freud sonhador. É a TRAUMDEUTUNG (Deutung = interpretação ; traum = sonho - A interpretação dos sonhos). Talvez Freud pudesse repetir a frase lapidar de Hölderlin, escrita muitos anos depois: *"O HOMEM É UM DEUS QUANDO SONHA*

E UM MENDIGO QUANDO PENSA".

Nada mais restava senão pensar e escrever a respeito dos sonhos, embora de acordo com um grande número de referências, este assunto vem merecendo sua atenção desde 1882 e *"as primeiras provas importantes publicadas acerca do interesse de Freud pelos sonhos aparecem no curso de uma longa nota de rodapé à primeira de suas histórias clínicas (a de Frau Emmy Von N., com data de 15 de maio) nos Estudos sobre Histeria de Breuer e Freud (1895)". (Nota de James Strachey ao primeiro livro sobre a Interpretação dos Sonhos de Sigmund Freud - Histórico - pág.XX, ESB).* Se Freud acreditava que a verdade estava no inconsciente e que o sonho era a via real até ele, então de certa forma, Freud podia chegar até mais perto de seu pai, pois cinco anos antes, na data de seu 35º aniversário, ganhou de seu pai uma Bíblia, onde se podia ler na dedicatória, que aquele era o "livro dos livros". Ora, se Deus possui toda a verdade e o homem é um Deus quando sonha, então a ponte Deus-pai (inconsciente-todo-poderoso) estava feita e o caminho a percorrer, demarcado. Assim, o encontro com o pai se daria e Freud retribuiria, escrevendo a Interpretação dos Sonhos, um livro onde mostraria a sabedoria do povo judeu. Um livro Todo-Poderoso para a psicanálise, assim como a Bíblia tinha

sido para ele, como podemos observar neste trecho citado por Max Schur no seu livro Freud - Vida e Agonia: "*Minha profunda absorção na história da Bíblia (quase tão logo depois que aprendi a arte de ler) teve, como reconheci mais tarde, um efeito duradouro na direção dos meus interesses*" (*pág.30*). E mais adiante, Freud pode mostrar a admiração que sentia por seu pai dizendo que era um homem "de uma sabedoria profunda". É necessário que o pai morra, para que o homem possa realizar uma grande obra? Seria necessário a morte de um pai internalizado para podermos nos identificar com nossa obra-filho, e assim tornarmo-nos pais também? Hölderlin, após a morte de seu pai, escreve um de seus mais lindos poemas, qua obviamente se intitula "GEDICHT FÜR MEINEN VATER" (Poema para meu pai). Ouçamos apenas o seu início:

> "*Perpetuamente*
> *enterrado vivo*
> *num sepulcro cinzento melancolia,*
> *não és aí desejado e estás só...*"

Sabemos assim, como Freud também, que Hamlet foi escrito logo após a morte do pai de W.Shakespeare em 1601. "*...sob o impacto imediato de sua aflição e, como muito bem poderemos presumir, enquanto seus sentimentos de infância sobre o pai tinham sido recentemente revividos*" (*Freud - ESB, VOL.IV, pág.281*). Estaria o pai de Sófocles morto quando escreve Édipo Rei? Não temos acesso a este registro da história, mas se estamos no abandono da teoria da sedução, isto é, do acontecimento real do fato traumático, a força da compulsão pode ser até maior apenas pela morte simbólica. "*...o Hamlet de Shakespeare, tem suas raízes no mesmo solo que O Edipus Rex*" (*Freud, Ibid, pág.280*).

Pois bem, era de se esperar que Freud acreditasse na possibilidade de cura através da psicanálise, porque seu método

ainda era embrionário. Ao perguntarem certa vez a Santo Agostinho como o homem poderia se livrar de todas as incertezas, medos e males do mundo, ele disse: *"conhece-te a ti mesmo"*. Esta advertência está inscrita no templo de Apolo em Delfos. Este era o vôo solo do fundador da psicanálise, isto é, conhecer a si próprio, seus próprios fantasmas, sonhos e devaneios. E o material que ele tem a mão são os seus próprios sonhos a serem interpretados. Mais uma vez a Bíblia legada por seu pai é-lhe de grande utilidade, pois vai buscar o respaldo para esta arte nos sonhos do Faraó com as sete vacas gordas e as sete vacas magras, interpretado por José, curiosamente libertado de suas amarras, após a interpretação bem sucedida. Seria esta a possibilidade de Freud se soltar de suas amarras, interpretando seus próprios sonhos? Se o caminhar adiante pela teoria psicanalítica estivesse atrelado apenas a este fato, interpretar seus próprios sonhos, poderíamos dizer que sim, ou seja, que Freud se libertaria de seus grilhões. Mas apesar do avanço enorme que a psicanálise sofreu por causa da Interpretação dos Sonhos, Freud parecia ainda insatisfeito com seus resultados terapêuticos. Sabemos também que de forma nenhuma, a Bíblia foi o único parâmetro teórico que seguiu. Sigmund (Schlomo) Freud, judeu que era, nunca se enveredou por estas sendas de doutrina religiosa de seu povo. Por seu desejo de saber (esta curiosidade há muito aguçada) percebemos o número de autores citados por Freud durante sua obra: de Artemidoro de Daldis a H.Spitta, de Aristóteles a Cícero, além de muitos outros como seus mais chegados, Bleuler e Breuer.

Se, como já dissemos anteriormente, há registros de Freud sobre produções oníricas desde 1822 em suas cartas, há tam

bém valiosas passagens nos "Estudos sobre a Histeria" (1895) e, principalmente no "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895). Observemos uma passagem da nota do editor inglês, James Strachey, à edição inglesa: "... *as seções 19, 20 e 21 desse "Projeto" constituem uma primeira abordagem a uma teoria coerente dos sonhos. Ele já inclui muitos elementos importantes que reaparecem nesta obra, tais como: (1) o caráter de realização de desejos dos sonhos, (2) seu caráter alucinatório, (3) o funcionamento regressivo da mente em alucinações e sonhos, (4) o fato de o estado de sono envolver paralisia motora, (5) a natureza do mecanismo de deslocamento nos sonhos e (6) a semelhança entre os mecanismos dos sonhos e dos sintomas neuróticos*" (Freud, ESB, pág. XXI, VOL.IV). Além disto, já no "Projeto", podemos observar as definições sobre o processo primário e o processo secundário, que distinguem os dois modos diferentes do funcionamento mental.

Porém, embora este material já estivesse todo pronto até 1896, Freud vai dar preferência a sua auto-análise (1897) e é graças a ela que pode pela primeira vez falar do Édipo, não mais como mito, mas como complexo (Rascunho N, e principalmente carta de nº 71) *(2). Nesta carta, além dele apontar a universalidade da tragédia grega de Sófocles, Freud indigna-se, com certo espanto, com o próprio Hamlet, de Shakespeare, que já tendo cometido diversos atos bárbaros, não podia ir de encontro a seu

---

(2) Freud só empregaria a expressão "COMPLEXO DE ÉDIPO", em 1910 no seu texto "Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens" (Contribuições à Psicologia do Amor I - pág.154).
Vejamos: "Ele (o menino), começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do Complexo de Édipo".

tio que havia matado quem ele próprio tivera vontade de matar; seu pai. Diz-nos Freud: "*Sua consciência é o seu sentimento inconsciente de culpa*" (*pág.359, op.cit*). É contra, então seu próprio desejo que Hamlet não pode ir de encontro. O desejo de matar seu pai e desposar sua mãe. Ser (fazer) ou não ser (fazer), eis a questão.

Freud precisava deste tempo para poder digerir suas próprias descobertas. No início do ano de 1898, ele esboça algumas páginas, só retomando definitivamente ao tema dos sonhos em fins de maio de 1899. Desta data em diante a obra prossegue rapidamente. Novamente seu sintoma havia se transformado em teoria, pois, "*o escritor, por mais frio ou realista que seja, não consegue libertar-se totalmente de seu mundo conflitual. Extravasa-o sempre na obra, de uma forma ou de outra, quer cultivando o sofrimento, quer despistando através do humorismo ou ironia. Cairá fatalmente numa catarse que o aliviará, momentaneamente, conseguindo uma pouco de trégua, até surgir novo acúmulo que o impulsionará à realização de outro trabalho literário. E então virá mais um extravasamento, porém, não definitivo*" (*Valmir Adamor da Silva - Psicanálise da Criação Literária - pág.13, Achianê - RJ, 1984*). Freud confirma este posicionamento, numa carta a Sandor Ferenczi, de 02 de abril de 1911, onde diz o seguinte: "*Há muito tempo sei que me é impossível trabalhar quando me sinto bem; tenho necessidade, ao contrário, de certo grau de mal-estar, do qual tento livrar-me*".

II.1. UMA INJEÇÃO DE SONHOS PARA UMA INFECÇÃO DE DESEJOS

"Ai daquele que sabe: há de pagar pela culpa de ter sabido pouco"

(Sören Kierkegaard)

"O vazio de uma existência dedicada aos cuidados de um ventre obstruido torna-se insuportável".

(S. Freud - Carta a Martha - 12 de julho de 1911)

Estas duas notas em epígrafe, apesar de não se relacionarem de imediato com os sonhos e sua interpretação ou com a realização de desejos que é uma característica do processo onírico, revelam um Freud que: em primeiro lugar sabe, já em 1900, da importância da sua descoberta que é a possibilidade de se chegar ao inconsciente interpretando os sonhos cientificamente, isto é, com o auxílio da técnica psicanalítica. Mas a "culpa" pela qual o pai da psicanálise haveria de pagar seria a de ter revelado o inconsciente que é inesgotável fonte de saber. Portanto, quanto mais ele soubesse, mais haveria para saber. Creio que é a respeito deste raciocínio, e sobre esta ótica que se funda um certo "saber" lacaniano sacramentado no não-saber, no lugar do desconhecido ou do morto para o analista. Abordaremos este assunto mais adiante em nossa tese.

Em segundo lugar, Freud se depara com um obstáculo.' Um ventre obstruído. Como então fazer para retirar este seu filho analítico que teima em não se revelar? A possibilidade vis-

lumbrada começa a ganhar corpo na noite de 23 para 24 de julho de 1895, quando do seu sonho sobre a injeção, em Irma. O seu sonho modelo. Este sonho é o Césamo para descobrir a via real para o inconsciente. A interpretação deste sonho mostra como o encadeamento dos elementos - à primeira vista sem nenhuma interrelação - obedece a uma organização rigorosa e uma lei que lhe confere uma marca indelével. A perenidade do desejo será autorgada por esta marca, por esta lei que funda o sujeito em seu discurso inconsciente. É a marca da castração que cinde este ventre colocando-o no jogo da alternância de vida e morte. Enfim, é um jogo gramatical, no qual esta linguagem incs se funda e se outorga, se vela e se revela, depõe a máscara e a repõe, diluindo assim toda e qualquer possibilidade de se saber toda a verdade do inconsciente.

Num grande salão (que é este da vida)- numerosos convidados que estávamos a receber. Entre eles, estava Irma. É este o início do sonho modelo de Freud o qual analisa até certo ponto, pois não confiava em demasia na discrição de seus leitores. Um sonho que lhe proporcionaria uma Bellevue (bela vista) de seu próprio inconsciente e da psicanálise. Este sonho, segundo Freud, possui uma vantagem sobre os outros, pois eram bem nítidos os fatos da véspera que teriam proporcionado o seu ponto de partida. Só que ao analisarmos a análise feita por Freud de seu sonho, vemos que esta "véspera" não ocorreu apenas no dia anterior, mas em todos os dias anteriores a 24 de julho de 1895. Portanto, remonta ainda à infância de nosso sonhador.

Sabemos atualmente, que a própria noção da realização de desejo num sonho já havia sido expressa na carta 22 à W.Fliess, quando ele cita a história do "sonho de conveniência".

A importância desta obra foi tão grande para Freud que ele mesmo reconheceu que "*este livro contém de acordo com o meu julgamento dos dias que correm, a mais valiosa de todas as descobertas que tive a felicidade de fazer. Compreensão dessa espécie só ocorre a alguém uma vez na vida*" (*Prefácio a terceira edição inglesa - 15 de março de 1931 - pág.XII da ESB*).

Já dá para termos uma idéia da importância dessa "compreensão". No esteio de todo este vislumbre estava o seu próprio inconsciente, como possibilidade de investigação e desvendamento. Neste rastro, acompanham o pré-consciente e o consciente que dariam a base da estrutura psíquica a qual ele chamaria de primeira tópica, onde sua melhor descrição pode ser observada nas páginas do sétimo capítulo sobre a Interpretação dos Sonhos. Mas retomemos uma vez mais (e quantas mais não haveremos de retornar) ao primeiro sonho analisado por Freud. Sabemos que o rastro a ser perseguido num sonho é o deixado por sua má formulação. É justamente no ponto aonde surge a dificuldade do sonhador em expressar o conteúdo onírico, que o sonho revela um sentido a ser perseguido e desvendado. Ora, o desvendamento do sonho não se dá apenas a partir de uma única expressão de seu sonhador. É preciso, e necessário que haja uma história de uma certa maneira conhecida daquele que sonha por parte da pessoa encarregada' de desvendá-lo. Bom, o que Freud nos diz é o seguinte: que a José só foi possível interpretar aos sonhos do Faraó porque este era bem conhecido por sua ganância, opulência e outros parâmetros que não nos cabe aqui discutir. Mas como Freud pensava em estabelecer certos critérios bem definidos para compreensão do inconsciente - e esta é a grande diferença entre a interpretação de sonhos realizada por Freud e as outras pessoas até então, ou

seja, o descobrimento do inconsciente - é que é proposta a seus pacientes uma técnica para a interpretação dos sonhos: "*Meus pacientes comprometeram-se a comunicar-me todas as idéias e pensamentos que lhes ocorressem em relação com algum assunto específico; entre outras coisas narraram-me seus sonhos e assim informaram-me que um sonho pode ser inserido na cadeia psíquica que tem de ser remontada na lembrança oriunda de uma idéia patológica*" (*A Interpretação dos Sonhos - Cap.II - pág.108*).

Ora, o que Freud está nos dizendo é que o que importa na investigação de um sonho é o método utilizado para sua compreensão e não o objeto em si, isto é, a maior relevância recai sempre na técnica de interpretação do sonho e não como este nos é trazido. É necessário admitir os traços e os dados do sonho tal como eles são e analisá-los sem mistificação. Antecipando-nos ao próprio Freud e a sua descoberta do inconsciente (Cap. VII da Interpretação dos Sonhos) podemos dizer que interpretar' sonhos significa descobrir o seu sentido em relação a um pensamento inconsciente.

Freud acredita aqui que os sonhos se remetem a uma idéia patológica, portanto, os mesmos podem ser tratados pelo mesmo método que ele já havia formulado para o tratamento dos sintomas. Assim, o sonho também é um sintoma visto que nos fala também de um desejo inconsciente que quer ser revelado. E ele caminha nesta direção, da interpretação do sonho-sintoma, propondo ainda uma maior definição de sua técnica através de "*alguma preparação psicológica do paciente. Devemos ter em mira provocar-lhe duas modificações: um aumento da atenção que ele dispensa às suas próprias percepções psíquicas e a eliminação da crítica pela qual ele normalmente filtra os pensamentos que lhe ocorrem.*'

A fim de que ele possa concentrar sua atenção na observação de si mesmo, constitui para ele uma vantagem ficar numa mesma atitude repousante e fechar os olhos (esta conveniência de fechar' os olhos foi abandonada muito cedo). É necessário insistir explícitamente no sentido de ele renunciar a toda crítica dos pensamentos que percebe. Informamos a ele, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele notar e relatar o que quer que lhe venha à cabeça e não cair no erro, por exemplo, de suprimir uma idéia porque ela o impressiona como desprovida de importância ou irrelevante ou porque lhe pareça destituída de sentido" (Ibid - pág.108).

Os pacientes de Freud comprometiam-se a dizer-lhe e a comunicar-lhe as idéias e pensamentos que lhes ocorriam. É esta sinceridade, a troco da verdade inconsciente, que Freud exige de seus pacientes tanto quanto de si próprio. No encalço desta verdade oculta, latente, enveredamos pelos caminhos do desejo inconsciente que tentará ser realizado através dos sonhos. ' Não há dúvida de que o sonho da injeção dada em Irma revela este desejo inconsciente de Freud em saber se ainda não tem toda compreensão dos sonhos, assim como, "*se você ainda sente dores, é realmente por culpa sua*", isto significa que, se você ainda desconhece o preparado desta injeção de sonhos é porque você ainda não investigou com uma maior profundidade. Freud se debatia meticulosamente com este seu sonhar em desvendar os sonhos. Um sonho que estava se realizando através de um sonho. É impressionante este paradoxo, pois nos dá a exata dimensão da punjância' de seu objeto de investigação: o inconsciente.

Mas, para Freud ainda não estava de todo claro, o que era este inconsciente ou melhor do que se tratava este desejo a

ser realizado no sonho. Neste momento, o da interpretação do sonho dos sonhos, não há ainda uma rigorosidade em saber o que é este desejo e nem de onde ele provém, se do inconsciente ou do pre-consciente. Freud estava notadamente preocupado e posteriormente feliz, por ter podido explicar este sonho em todos os seus detalhes. Com isso ele retirava de si próprio a culpa e a responsabilidade no fracasso do tratamento em Irma.

Assim, de imediato, não havia a preocupação com a formulação da primeira tópica. Seu maior interesse era desvendar o conteúdo do sonho e a consequência deste feito é que este sonho, após seu desvendamento, adquire um sentido para seu sonhador. Mostra com certeza que a direção a seguir era justamente continuar investigando estes produtos da alma humana que são os sonhos.

"O sonho exonerou-me da responsabilidade pelo estado de Irma, indicando que este era devido a outros fatores" (pág.127). É sumamente interessante notar o cuidado de Freud com a verdade e com o temor do fracasso. Se podemos observar anteriormente que o início de sua pesquisa sobre os sonhos coincide de maneira mais frontal com a morte de seu pai e o início de sua auto-análise, é de se esperar que esta elaboração da morte paterna, o que lhe engendra um novo corte, não seja fadado ao fracasso. É de fundamental importância que Freud consiga explicar a si (seu) próprio (pai), que ele é capaz de desvendar os segredos da mente, sem fracassos. Respira mais aliviado ao descobrir o desejo nos sonhos. É através deste verbo, desejar, que ele vai poder articular todas as outras conjugações da gramática do inconsciente. É pela morte literal de seu pai, que Freud vai poder pensar a respeito da simbologia daquilo que é velado; seu pai, seus so-

nhos internalizados como leis que regem e impelem o homem durante toda sua vida. Freud nos fala a respeito desta questão que move, que impulsiona o sujeito, no seu texto metapsicológico, "A pulsão e seus destinos" de 1915. Jacob, seu pai, é então (re)velado, não só neste sonho mas durante toda a sua obra. Este termo "revelado", aqui por nós utilizado, reveste-se muito mais do caráter de elaboração do que propriamente seu sentido ao pé da letra. Elaboração da própria culpa por não saber tudo. A busca deste saber, marca com uma força indelével, seu desejo de saber.

Ora, a realização deste desejo estava vindo através de, se chegar ao não revelado via sua estrada real.

Diz-nos Freud, no final da sua interpretação de seu sonho: "*Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo*" (*pág.127*). Sabemos muito bem que o conteúdo não é o preparado propil... ácido propiônico... trimetilamina da injeção, mas sim o conteúdo simbólico do sonho e seu motivo, bem, Freud não confiava em demasia na discrição de seus leitores, sendo assim apenas podemos conjecturar a respeito de qual o motivo originou seu desejo. A sua fórmula estava pronta, a ponto de no fim de toda a interpretação ele poder dizer: "*quando o trabalho de interpretação fica concluído, percebemos que um sonho é a realização de um desejo*" (*pág.130*). Numa visita posterior a Bellevue, a casa na qual ele teve este sonho, que lhe proporcionou esta "bela vista" do funcionamento mental da realização de desejos, escreve a Fliess "*que algum dia uma plaqueta de mármore será colocada (selada) na casa, inscrita com estas palavras*".

NESTA CASA, EM 24 DE JULHO DE 1895
O SEGREDO DOS SONHOS FOI REVELADO
AO DR. SIGMUND FREUD

Esta inscrição lapidar poderia assim ser desmembrada: Nesta casa, em 24 de julho de 1895, a importância da realização de desejos nos sonhos foi revelada àquele que se preocupou em descobrir o porque ao acordarmos nos esquecemos do que foi inteiramente sonhado. Isto produz um efeito e um sentido. Um efeito porque nos dá a exata dimensão de que só nos lembramos de partes do sonho e um sentido porque remete a realização de desejo uma tendência, como nos sonhos de conveniência, no qual este toma o lugar da ação. A ação não realizada, será concretizada durante' o sonho, mas a sua lembrança dirá a medida certa da impossibilidade de se praticar a ação na vida de vigília. Aí está justamente uma das funções do sonho, que é impedir a pessoa de acordar pois no sonho ela está tentando realizar o que não conseguiu ' alhures. O sonho é então o guardião do sono.

Mas podemos perceber ainda uma outra função do sonho que é o de "ACORDAR A PALAVRA", no sentido de que propicia que algo seja revelado através dela. Assim, o sonho tem a função de acordar a palavra, tanto quanto de protejer o sono contra excitações que tenderiam a interrompê-lo, pois os desejos (inconscientes) não adormecem no mesmo leito da nossa consciência.

Seria lícito então, afirmarmos a fórmula na qual o sonho é a realização de um desejo? Será mesmo que o sonho realiza plenamente este desejo? Sabemos que a realização se direciona para alguma coisa futura, algo que o sujeito quer que aconteça, segundo algumas leis que lhe regeram o passado lhe dando um sentido. Se o desejo ligado a esta realização está ligado a um passado, segundo algo que nos é lembrado no presente, e se nós dissemos que o sonho evidencia o inconsciente, então é lógico que este desejo é inconsciente e é recalcado. É recalcado por-

que ele não teve todo o seu curso feito (algo se opôs a ele, barrando sua passagem) sendo obrigado a retroceder ou interromper sua trajetória normal. Não é que tenha ficado atrofiado como um braço ou uma perna de um paraplégico, apenas este desejo é mantido em toda sua intensidade no inconsciente a espera de uma forma de satisfação e realização. Nesta esfera, o sonho serve, de certo modo, para se fazer de cenário a todas as perturbações. Mas o sonho transforma e quase sempre deforma estas perturbações, fazendo-as desempenhar um papel numa espécie de pequeno palco. Daí o sonho se parecer tanto com um alucinação, um delírio. Diz-nos Schopenhauer: "*O sonho é uma loucura curta, e a loucura um sonho longo*". Esta aproximação remete-nos a pensar que sonho e loucura estão muito próximos e que tanto um quanto outro procuram a sua melhor forma ou melhor caminho para se expressar. Freud chega mesmo a comparar o sonho com a psicose: "*O sonho é uma psicose com todos os absurdos, visões e alucinações que a caracterizam. É, na verdade, uma psicose inofensiva, de curta duração, encarregada mesmo de uma função útil, iniciada com o acordo da pessoa e terminada por um ato de vontade*".

Com todas estas nuances, e por todas estas formas de escape/revelação, podemos dizer que o sonho é a realização (mais ou menos disfarçada) de um desejo recalcado.

Sabemos que a teoria da sexualidade infantil só será escrita em 1905, quando Freud aborda a teoria das pulsões (sexuais) nas crianças. Mas o que ocorre nos sonhos das crianças ? Seriam estes iguais aos dos adultos? Representam também a realização de um desejo? Ouçamos Freud: "*Talvez esperemos encontrar as formas mais simples de sonhos nas crianças, visto não poder haver dúvida de suas produções psíquicas serem menos complica-*

das que as dos adultos". E mais adiante: "*Os sonhos de crianças de pouca idade são, amiúde, puras realizações de desejos e são nesse caso, inteiramente desinteressantes em confronto com os sonhos de adultos*" (*Cap.III, Interpretação dos Sonhos - pág.136* ESB). Eu não diria desinteressante, mas também não podemos contestar tanto pois este texto foi escrito como já havíamos dito, antes dos seus "3 ensaios sobre a teoria da sexualidade", onde fala da importância da sexualidade infantil. Os sonhos de criança se são realizações imediatas de desejo (não atendido em vigília) não constituem grande problema para sua interpretação, mas o seu conteúdo uma vez vislumbrado revela a dinâmica da estrutura mental infantil.

No longo capítulo das crianças, o sonho é curto (e grosso), no sentido de que podemos em pouco tempo desvendar seu mistério e este representa o todo da criança naquele instante. Mas se o sonho é curto, sua imaginação é fértil, estendendo-se tanto quanto a sua vivência lhe permite. A criança sabe como ninguém dar asas a sua imaginação. Ela necessita fazer isto, exercitar seu vôo, antes que a podem, embora seja a significação deste podar (a castração) que lhe permita o vôo solo (mas ela ainda não sabe disto). Assim, se a criança não teve, ou não ganhou algo que ela queria muito durante o dia ela recupera durante a noite, pois para ela, a noite é tudo aquilo que não coube durante o dia. A noite recupera para a criança aquilo que ela não teve durante o dia. Freud ilustra os sonhos da criança com um sonho de sua filha Anna Freud: "*Minha filha mais nova, que contava então dezenove meses de idade, tivera um ataque de vômito numa certa manhã e, em consequência, ficara sem alimento o dia inteiro. Durante a noite, nesse dia de fome, ouvia-se que ela grita-*

va excitadamente enquanto dormia: Anna Freud mo-nranga, morran-ga, sivestras, ambleta, podim!" (*pág.139 - Cap.III - Interpretação dos Sonhos - ESB*). Seu sonho é diretamente contra a ordem de não comer, ou seja, tentava satisfazer-se e vingar-se ao mesmo tempo contra o veredito da sua ama que atribuía a sua indisposição a uma indigestão de morangos.

O que Freud estava descobrindo é que os sonhos das crianças são realizações imediatas de um desejo não atendido na vida diurna e que isto assim se produziria, ao contrário dos adultos, visto que nelas (as crianças) as produções psíquicos eram menos complicadas que as destes. Nesta época ainda se podia ouvir nestas páginas da Traumdeutung que as crianças possuiam uma maior felicidade por se acharem ainda "*inocentes de desejos sexuais*" (*pág.140 - Cap.III*). Freud apontava desde já, a dor, no seu sentido mais profundo e com todas as suas nuances, pelas quais o "homem" poderia passar, caso estes desejos sexuais infantis sofressem grande revés no curso de seu desenvolvimento. As neuroses, psicoses e perversões, por nós tão estudadas e esquadrinhadas hoje em dia, seriam sem sombra de dúvida, decorrentes do desenvolvimento insatisfatório do jogo das pulsões sexuais, e do destino a elas conferido.

Observamos assim, que o anelo nos adultos representaria e estaria amalgamado aos desejos sexuais infantis, sendo o sonho uma via pela qual a interdição outrora do desejo poderia no presente se realizar. Como disse certa vez Gaston Bachelard: "*Para uma criança ávida, o fruto maior é o melhor, aquele que fala mais claramente ao seu desejo, aquele que é o objeto substancial do desejo. A noção de massa concretiza o próprio desejo de comer* (*Filosofia do Novo Espírito Científico - pág.30 - Biblioteca de Ciências Humanas*).

Diz um ditado popular que "as crianças têm o olho maior do que a barriga".

Esta postura, e esta leitura mais acurada do material revelado pelos sonhos, foi pouco a pouco dizimando com o antigo conceito de que a história revelada pelo sonhador no seu relato, só serviria para prever seu futuro. Até então, o sonho tinha um sentido oracular. Mas o que na verdade se descobria com a psicanálise é que o sonho permitia e facilitava uma compreensão atemporal do sujeito, ou seja, isto implicava numa revisão do conceito de tempo que até então se tinha. Com a "descoberta" do inconsciente (na verdade ele sempre estivera lá) por Freud, o sonho se torna (e hoje podemos afirmar isso) a primeira via real para o seu conhecimento. Se esta estrada levava a algum lugar, sem dúvida que era um passado, quer dizer, a própria história do sujeito do sonho. Freud acreditava então que, conhecendo-se a história de vida do sujeito (incrível, contada através de seus esquecimentos, ou seja, justamente daquilo que ele não se lembra contar), a sua cura estaria assegurada.

Mas Freud se depara com um outro problema, pois se de um lado, o desvendamento total dos sonhos abria o caminho para a cura, de outro lado estes mesmos sonhos na sua maioria das vezes (hoje podemos assegurar, em sua totalidade), se apresentavam por vezes desconexos, não perfazendo à primeira vista nenhum sentido, ou mesmo, que se poderia extrair do sonho diversos sentidos, que obviamente conduziriam a tantos caminhos quanto fossem estes sentidos. E qual deles o verdadeiro? Todos? Não existem chaves de interpretação de sonhos (até existem, mas como estão distantes da verdade), pois cada sujeito sonha seu próprio sonho, com todas as suas características próprias, e não

sonha o sonho do outro. O sonho é, pois, egoísta e particular , embora como veremos mais adiante ele fale de uma universalidade que é o cerne da psicanálise, a saber, o complexo de édipo. Neste sentido podemos falar que, não o sonho, mas o desejo, que o contém, está remetido a um outro sujeito. Numa terminologia mais freudiana, este desejo se remete a uma outra instância, esta a que Freud chamava de inconsciente.

Mas como sabemos, este desejo não é desejo de nada , mas de alguma coisa que eu quero ter (portanto, não tenho). Acontece que este desejo (re)velado através do sonho não é o desejo na sua plenitude, pois o que foi revelado também sofreu cortes, distorções e deformações por parte da censura, antes da sua emergência. O desejo onírico é alucinado e, como uma alucinação' encontra-se com a crença na realidade de sua satisfação. E é através desta crença que o desejo, mesmo sob os auspícios da censura, consegue sobreviver exigindo a sua satisfação. A satisfação para um pensamento, que poderia vir a se transformar numa ação, mas que foi impossível na vida de vigília. O sonho, disse Aristóteles, é o pensamento que persiste no estado de sono. Freud apropria-se desta frase embora com algumas restrições, para retomar a questão da deformação e do desejo na produção do sonho. Diz ele: "... *nosso pensamento diurno produz atos psíquicos das mais variadas espécies - juízos, inferências, negociações, expectativas, intenções, etc. - por que deveria ser ele, durante' a noite, obrigado a restringir-se apenas à produção de desejos? Não existem pelo contrário, numerosos sonhos que nos mostram atos psíquicos de outros tipos - preocupações, por exemplo -transformados em forma de sonho?"* (S.Freud - *A Interpretação dos Sonhos, Cap.VII, c*). Ou será, como nos disse Platão que, "bons

são aqueles que se limitam a sonhar aquilo que os maus praticam?" Parece-nos que Platão não está tão longe assim da verdade, ao menos na relação que se pode fazer entre o neurótico e o perverso, onde o primeiro sonha, fantasia, aquilo que o segundo faz, realiza.

Portanto, se falávamos que aos sonhos não caberia a revelação do todo do sujeito, mas apenas uma parte, poderíamos perguntar: a quem se destinaria a revelação do não dizível no sonho? Responderíamos que certamente seriam as outras formações do inconsciente - chistes, atos falhos, sintoma - e ainda pelo psicanalista interessado na escuta do sonho. Mas mesmo assim com todos estes dados (alguns obviamente viriam a posteriori descobertos e nomeados pelo próprio Freud), Freud já sabia de antemão que alguma coisa no sonho lhe escapava e que junto com a própria história do sujeito estaria para sempre e irremediavelmente perdida. Mesmo assim, ele tinha a certeza de que todo sonho é a realização de um desejo (recalcado) e que este sonho muitas vezes aparece deformado na sua essência ou em alguma parte. Mas aonde? Freud se perguntava sobre a origem da deformação onírica e descobre, através das análises de seus próprios sonhos, que esta origem coincidia com a origem da formação do processo de censura psíquica e que de certa forma era semelhante ao processo social no qual na relação entre duas pessoas forçosamente uma era obrigada a ceder à força da outra. Esta que cede, dissimula suas próprias vontades, analogamente ao sonho.

É óbvio que havia em Sigmund Freud um desejo de reconhecimento, através de sua obra que ia ganhando corpo. Podemos notar isto através de seu sonho com seu amigo R, sendo este seu tio - *"Tinha por ele um grande sentimento de afeição"*. "Meu

tio Josef representava meus dois colegas que não (grifo meu) *haviam sido nomeados para o cargo de professor - um como simplório e o outro como criminoso"* (*pág.149 - Interpretação dos Sonhos - VOL.IV - Parte I*). Ao contrário dos dois amigos, o Dr. Sigmund Freud, então com 41 anos, fora recomendado para ser nomeado PROFESSOR EXTRAORDINARIUS. Isto foi motivo de grande alegria pessoal e júbilo. Esta vitória foi celebrada pela produção deste sonho onde o sentimento de afeição pelo amigo R, disfarçava e dissimulava uma calúnia contra o mesmo.

Este sonho, ao meu ver, possui duas marcas que o definem e o caracterizam muito bem. A primeira delas refere-se ao próprio sentimento de grandeza, enaltecimento, pelo qual Freud havia passado na primavera de 1897 quando soube de sua indicação para o cargo de "Professor Extraordinarius". O sonho vem confirmar este desejo, realizando-o portanto. A segunda marca refere-se ao sentimento de ser "o mestre" (em relação aos dois amigos), sentimento este que irá perdurar durante toda sua vida. Aqueles que não concordam com a psicanálise, que se afastem dela e dele também. Muitos foram os seus discípulos que se tornaram dissidentes, após não concordarem com algumas formulações feitas pelo pai da psicanálise. Além destas duas marcas terem origem no mesmo solo, o fruto que elas produzem é inequívoco, ou seja, confirmam na prática a própria teoria de que os sonhos são realizações de desejos.

Como Cristo, Freud foi tentado, por inúmeras vezes, a seguir o caminho mais curto nas suas formulações, mas ele sabia que este não era o caminho da verdade, não era o caminho que desvendaria por completo o conhecimento do sujeito que sofre, da histérica que teatraliza. E Freud prezou sempre e com um vigor

enorme pela verdade. Uma das suas pacientes quis certa vez lhe provar que o sonho que ela tivera não era com certeza, uma realização de desejos. Eis o sonho: "*Queria dar uma reunião onde fosse servida uma ceia, mas não tinha mais nada em casa senão um pequeno SALMÃO DEFUMADO. Pensei em sair e comprar alguma coisa, mas me lembrei que era domingo de tarde e que todas as casas comerciais estavam fechadas. Em seguida, tentei telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone estava defeituoso. Assim, tive que abandonar meu desejo de dar uma recepção*" (*pág.156 - VOL. IV*). Freud responde-lhe que à primeira vista o sonho realmente' apresentava-se como uma não realização de desejos, mas que para melhores efeitos teria que proceder à uma análise mais cuidadosa do mesmo. Pouco a pouco, durante o relato de sua paciente , Freud vai descobrindo o mistério desta trama. O prato "predileto" da amiga da sonhadora é o salmão defumado, mas também o marido daquela. Por ciúmes óbvios a mulher tranca (barra, censura) todas as portas (das casas comerciais) que poderiam levar sua amiga até seu marido. Aí estava portanto, a realização de um desejo, que o sonho corroborava. A censura distorce a imagem mas fala do desejo. A não realização deste significa a realização ' de um outro. Assim, um desejo renunciado camufla e dissimula o surgimento de um outro.

Seguindo ainda uma linha de raciocínio de Freud a respeito da identificação histérica, neste mesmo sonho, ele vai dizer que a identificação é mais amiúde empregada na histeria para expressar um elemento sexual comum, o que era realmente a base deste sonho. Ainda, que a "*identificação permite aos pacientes expressarem em seus sintomas não somente suas próprias experiências como também as de um grande número de outras pessoas ;*

ela lhes permite, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar todos os papéis isoladamente' numa peça" (*pág.159*). O conceito de identificação começa aqui a ganhar substância e atravessa toda a obra de Sigmund Freud, que lhe dedicou em 1921, no seu artigo "Psicologia das massas e análise do ego" um capítulo em especial. Mais adiante, neste mesmo sonho do salmão defumado, Freud concluiria que "*minha paciente colocou-se no lugar da amiga* (processo de Identificação) *no sonho, porque esta estava ocupando o lugar da paciente com o marido e porque ela (minha paciente) deseja tomar o lugar da amiga no alto conceito em que o marido a tinha*" (*pág.160*).

Estes dois sonhos por nós sintetizados (já sabendo da trama dos erros de qualquer síntese) possuem, além da evidente realização de desejos neles contida, uma distorção sofrida pela censura. Muitas vezes, a realização de desejo fica neles (nos sonhos) praticamente irreconhecível, justamente por causa da aversão que se sente pelo que o sonho quer esconder, o seu cerne, havendo assim uma necessidade enorme de recalcá-los. Assim, esta deformação na verdade é um ato da censura. Um ato que impede que um outro ato (motor), tenha sua manifestação. Uma força psíquica atuando como censura.

Sabemos, outrossim que o sonho está sempre falando de um passado, recente ou não, mas que o material escolhido tem que estar sobremaneira numa cadeia associativa de pensamentos e sensações. Assim é que para Freud remontar a esta cadeia associativa, propõe que se possa haver algumas fontes das quais os sonhos poderiam jorrar:

1ª) Uma experiência recente e psiquicamente significativa que é representada no sonho, ou

2ª) Várias experiências recentes e significativas que se combinam numa única unidade pelo sonho (Freud já fala aqui da sobredeterminação nos processos oníricos), ou

3ª) Uma ou mais experiências recentes e significativas que são representadas no conteúdo do sonho pela menção de uma experiência contemporânea mas indiferente, ou

4ª) Uma experiência interna significativa (por exemplo, uma lembrança ou um encadeamento de pensamentos) que é nesse caso, invariavelmente representada no sonho por uma menção a uma impressão recente mas indiferente. (pág.191)

A conclusão a respeito destas fontes dos sonhos é retirada de sua própria clínica, ou seja, de sua experiência consigo mesmo, sua auto-análise, e com seus pacientes através dos relatos de seus sonhos. A verificação de Freud é a de que um componente do conteúdo do sonho é uma repetição de uma impressão recente e é este componente que poderá servir de catapulta' para o lançamento de idéias a respeito daquilo que em realidade instigou o sonho. Este componente poderá ser o ponto nodal, para usarmos uma terminologia freudiana, de todo o sonho. Mas este ponto nodal, ou este umbigo do sonho (o umbigo é a cicatriz da nossa não totalização e o sonho também tem o seu umbigo), nem sempre está assim tão disponível ao primeiro olhar, a primeira investigação.

La Rochefoucauld disse: "*nem o sol nem a morte podem ser olhados diretamente...*" Acrescentamos que nem ao inconsciente podemos olhar diretamente. Primeiro porque ele só se nos re-

vela aos disfarces e isto vemos pelos sonhos. Segundo que se o olhássemos diretamente, isto é, sem o filtro da censura, teríamos mais do que os olhos vazados (como os do Édipo), teríamos' também a própria alma vazada, numa ruptura sem fim. O sonho e a censura que o contém, possui a finalidade de proteger quem dorme, isto é, num certo sentido são "sonhos de conveniência" que servem a um propósito que é prolongar ao máximo o sono do indivíduo, ao invés de despertá-lo. Neste sentido "os sonhos são os guardiães do sono e não seus elementos perturbadores". O sonho tem a função então de acordar a palavra a qual até estão estivera adormecida no inconsciente, mas ao acordá-la ele a deforma , despindo-a de suas vestes e recolocando outras em seu lugar. Impede assim que esta palavra (este sujeito) acorde fazendo então com que uma outra (e um outro) desperte em seu lugar. É como se o sonho pudesse ter as mesmas características de um ventrílogo: falo a partir de um lugar aonde não estou, e embora seja a minha voz que fale ela está distorcida. É nesta composição pictórica que o sonho ganha um sentido e um valor.

II.2. MECANISMOS DA FORMAÇÃO DOS SONHOS

"A idéia de que profanarás o leito de tua mãe te aflige; mas tem havido quem tal faça em sonhos..."

(Jocasta fala para Édipo. Sófocles - Rei Édipo)

Queremos salientar desde já que apesar dos mecanismos da formação do sonho obedecerem à uma lei inconsciente, a qual falará de que modo o pensamento onírico poderá se tornar um conteúdo manifesto, o desejo que atravessa este discurso é indestrutível e perene. Indestrutível pois como já vimos, embora distorcidos ou deformados os sonhos guardam no seu bojo o desejo que lhe foi perpetuado. Perene, basta lembrarmos da geografia. São aqueles rios que jamais secam, jamais esgotam seu manancial. Assim é o desejo, não se esgota. Em alguns casos leva o sujeito ao esgotamento pela não realização deles.

Mas se o sonho fala deste desejo indestrutível, ele também aponta para o seu próprio sentido e significado que seria a possibilidade legada a nós, analistas, para a interpretação. Freud diz o seguinte: *"Devo afirmar que os sonhos realmente têm um significado (sentido) e que um método científico de interpretá-los é possível"* (ESB, VOL.IV, pág.107).

Segundo o Dicionário de Filosofia de Walter Brugger, a palavra sentido é empregada numa acepção subjetiva e objetiva. *"Tomado subjetivamente, dizemos, antes de mais nada, que há muitos sentidos como potências do homem destinados a captar imediata ou intuitivamente os fenômenos do mundo corpóreo. As faculda*

des sensoriais, embora sejam em si algo psíquico, estão essencialmente ligadas (e chamo a atenção para isto) *a órgãos corporais*". É assaz interessante notar o quanto este conceito subjetivo de "sentido" aproxima-se da noção psicanalítica da pulsão, pois esta também tem a sua fonte numa excitação corporal. E é este corpo erógeno que nos interessa e do qual fala Freud. "*Tomado objetivamente, o termo "sentido" denota aquilo que no objetivo corresponde ao sentido existente no homem, o que, aparentado ao seu compreender intelectual, torna o ente acessível ou compreensível*" (*pág.472*). Se tomarmos o ente como nosso próprio sonho veremos que este também nos dá indicações e algumas pistas para que, munidos de nosso artefato científico, a psicanálise, possamos desvendá-lo. Registre-se, porém, que o sentido do sonho não é imediatamente passível de reconhecimento nem a quem sonha, nem ao analista. Isto ocorre, como já vimos, pela incisão da censura nos sonhos, ocasionando a deformação onírica, além do que a realização de desejos encontra-se sempre de uma forma disfarçada. Postular que existe um sentido onde inicialmente parecia não haver, é afirmar que existe uma intenção lá onde ninguém ousaria suspeitar que existisse; é o mesmo tempo negar que existam condutas humanas - motoras, verbais, imaginárias- que não sejam movidas por uma intenção, em outras palavras, por um desejo. Assim, o sentido é justamente aquilo que nos parece mais destituído dele. O sonho pede interpretação porque ele certamente tem um sentido, um destinatário e tem um destinatário porque o desejo se articula com a falta. Enfim, o sonho não quer dizer alguma coisa, o sonho, diz alguma coisa. Tal e qual o sintoma - e Freud articula cada vez mais esta aproximação - o sonho é uma construção para dar conta daquilo que não pode ser di

to. Portanto, o sonho é (mal) dito, distorcido em sua sintaxe, em sua gramática dos desejos.

Mas se se processa a análise de interpretação de um sonho, deparamo-nos com certas figuras gramaticais que dão conta dos mecanismos da formação do sonho. Para o mecanismo da CONDENSAÇÃO temos a METÁFORA. Análogo ao DESLOCAMENTO surge a METONÍMIA. Tomemos a definição do Aurélio para os dois termos:

METÁFORA: Tropo em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra, em virtude de relação de semelhança subentendida. EX.: a primavera da vida, a luz da inteligência, queimar de desejo. Propriamente falando, não é uma substituição de sentido, mas a modificação do conteúdo semântico de um termo.

METONÍMIA: Tropo que consiste em designar um objeto por uma palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de causa e efeito (trabalho, por obra) de continente e conteúdo (copo, por bebida), lugar e produto (bordéus, por vinho bordéus), matéria e objeto (porcelana por louça de porcelana), etc.
EX.: acima eu usei o nome próprio "Aurélio" para designar o Dicionário da Língua Portuguesa.

É certo que um sonho não evocará apenas associações a acontecimentos ligados àquele dia, mas sim, suscitará lembranças de acontecimentos ocorridos em épocas remotas, em circunstâncias do passado. Ilustremos o mecanismo da CONDENSAÇÃO e do DESLOCAMENTO com um sonho de um paciente: "*Ele sonha que viajou*

para a África (e era-lhe agradável) mas que de repente surge-lhe um perigo enorme: um tigre de bengala". M. (vamos chamá-lo assim) fizera um acampamento no sítio de seu amigo durante o último fim-de-semana. Esta lembrança do sítio é a primeira que lhe ocorre. Tinha achado que o acampamento não havia sido bem organizado (uma África pontua ele) pois, não haviam levado uma caixa de fósforos sequer. Além disto, seu colega esqueceu do lado de fora da barraca, o cobertor no meio da chuva. Havia em M. um certo desconforto, pela privação que passava. Mas se a associação acampamento-mato-África estava mais clara, o perigo representado pelo tigre de bengala ainda parecia um enigma. Não se recordava de ter visto, nem no zoológico um tigre destes. Eu lhe interpelei: nem no zôo...? Esta minha pergunta fez com que ele através da palavra zôo, se recordasse de vôo, depois vô. O seu avô que sempre em suas andanças no sítio, usara uma bengala. A palavra bengala evocou-lhe ainda uma série de outras associações como o seu avô sendo um homem de bem e que sempre tivera uma postura muito imponente, "de gala". Condensadas numa só palavra estava o seu sentimento pelo seu avô que também representava o chefe de sua clã, de sua tribo (da África), de sua família. Diante de qualquer distúrbio na sua família era ele, seu avô que bradava seu cajado (seu pau = pênis) e aquietava o perigo iminente. Mas este avô ao mesmo tempo que representava o "bem", representava também o desagradável, pois da mesma forma que seu cajado servia para ajudar as pessoas a saírem de suas areias movediças, era também este cajado um símbolo de poder, de falus, de castração. Havia mesclado em M., um sentimento que há muito fora recalcado de amor, admiração, mas também de ódio e revolta. Fazendo um deslocamento da figura do seu avô para um tigre, M.

consegue assim dissimular seu ódio, sua sensação de desconforto (tal e qual ele sentira no acampamento) provocado pela ameaça da castração. O perigo real que M. havia passado sob a ameaça de passar fome (não ter comida - era seu avô quem fornecia a comida) e frio, foi-lhe relembrado no sonho. Significados latentes ainda desconhecidos, como frio e fogo, foram sendo trabalhados ao sabor das associações. Assim, tomando o sonho não pelo que ele é, mas pelo que representa, podemos ir efetuando o trabalho de interpretação.

"*A primeira coisa que se torna clara* (escreve Freud), *a quem quer que confronte o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos é que se efetuou um trabalho de CONDENSAÇÃO em ampla escala. Os sonhos são breves, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos. Se um sonho for escrito, talvez ocupe meia página. A análise que estenda os pensamentos oníricos subjacentes a ele poderá ocupar seis, oito ou dez vezes mais espaço*" (ou sessões) (*ESB - VOL.IV pág.297*).

Reunir, portanto, várias imagens em uma só (por exemplo, Irma que representa uma amiga, a mulher de Freud, uma paciente, etc.) constitui o fenômeno psíquico denominado condensação.

Havia em Freud, o desejo de forçar o segredo do desejo, de desvendar a realidade da vida sexual.

O deslocamento, por sua vez, (metonímia) é o mecanismo da formação do sonho mais importante, visto que é através das transferências de intensidades psíquicas operadas por ele que os pensamentos latentes podem surgir na consciência. "*A consequência do deslocamento* (escreve Freud), *é que o conteúdo do sonho*

não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais que uma deformação do desejo do sonho que existe no inconsciente". E mais adiante, "*o deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelo qual essa deformação é alcançada*" (*ESB, VOL.IV - pág.328*). Assim, o deslocamento, permite ao sonho enganar, em certo sentido, o espectador mais atento (como aliás o fazem os ilusionistas) desviando a tônica para um tema secundário, em detrimento do principal. Há um outro sonho, do próprio Freud, o sonho da "monografia botânica", que pode ser encontrado no volume IV da ESB, pág.301, onde podemos observar que o ponto central é visivelmente a palavra "botânica", enquanto que os pensamentos do sonho giram à volta de um outro problema : as dificuldades entre colegas, a idéia de sacrificar demasiados' caprichos, enfim, nada realmente relacionado com a botânica que constituía o ponto nodal no sonho.

II.3. O SIMBOLISMO NOS SONHOS

Voltemos ao dicionário de Walter Brugger para tentarmos dar conta do mecanismo do simbolismo nos sonhos. "*Símbolo*, define Brugger, (*do grego reunir*) *é, etimologicamente um sinal de reconhecimento, mediante o qual o fragmento de um objeto (por exemplo, de um anel), dividido em dois, se adaptava* (grifo meu) *exatamente ao outro*" (*Op.cit. - pág.484*). O simbolismo de maneira geral é uma linguagem primordial universal, representando uma associação de idéias que têm algo em comum entre si, embora a relação destas idéias nem sempre seja facilmente entendida. Em psi

canálise, o simbolismo está diretamente relacionado com os pensamentos oníricos. Uma metáfora é uma identificação de duas coisas conhecidas, mas para compreender o verdadeiro simbolismo do inconsciente, tem-se de descobrir o equivalente recalcado. Ao longo de toda história documentada, o simbolismo usado na literatura, arte, música, dança, folclore e mitologia, assim como na "psicopatologia" da vida cotidiana, encontrou aceitação como um meio de comunicação.

Em nossa psicanálise brasileira há um ditado proferido pelo "velho guerreiro" que diz que "quem não se comunica, se trumbica", ou seja, quando o inconsciente não opera por suas canaletas de escoamento, ele poderá entrar em colapso. Quando a força da censura é tal que impede a realização de desejos, quer seja através dos sonhos ou de um sintoma qualquer, esta realidade com a qual o sujeito convive, torna-se insuportável de se sustentar. A fuga, no mundo das idéias, para um total isolamento (por exemplo: o psicótico), torna-se assim a sua única maneira de comunicar o seu descontentamento frente ao insuportável.

O símbolo, que na verdade é arbitrário, "já era", como diz Luiz Alfredo Garcia-Roza, "*desde Aristóteles, visto como um signo convencional (não-natural)*" (*L.A.Garcia-Roza - Freud e o Inconsciente - pág.72/73 - Zahar ed.*). A garantia desta comunicabilidade é que nos permite através do símbolo, a percepção do todo, como uma visão gestáltica. A função simbólica adquire assim, para a interpretação dos sonhos, um mercanismo de vital importância sem a qual estaríamos atados tal e qual a Andrômeda à espera de seu monstro marinho (nosso inconsciente).

No sonho do "tigre de bengala", por nós já apresentado, podemos notar uma riqueza de símbolos que obviamente vieram'

do inconsciente e portanto estavam recalcados. A palavra BENGALA por exemplo, representava para o paciente, a antítese entre o bem e o mal, além de pênis, altivez, nobreza, força, temerosidade, etc. Mas tomemos cuidado com a questão do simbolismo nos processos oníricos, pois como sabemos estes são eminentemente individuais referindo-se sempre à própria pessoa e que, cada vez que aparece uma pessoa estranha no sonho, se trata de uma identificação do ego do sonhador com esta pessoa. Portanto, é impossível dizermos que um símbolo X ou Y possa servir para mais de uma pessoa, pois a experiência do sujeito com este símbolo é ímpar, ou seja, é aquilo que o seu desejo inconsciente esforça-se por revelar. Se alguns símbolos se revestem de um significado universal, muitos deles podem ser compreendidos pelas associações do paciente.

Freud desde seu artigo sobre "As neuropsicoses de defesa" (1894), faz uso da noção de símbolo. *"Utiliza-o como sinônimo de "sintoma mnêmico" ou "sintoma histérico", querendo com isso dizer que o fenômeno em questão funciona como "símbolo" de um traumatismo patogênico"* (L.A.Garcia-Roza - Ibid - pág.74). Para Freud, o simbolismo onírico não constitui propriamente um produto da elaboração do sonho, apenas é um pequeno apêndice, sem dúvida alguma de nosso pensamento inconsciente, que favorece à esta mesma elaboração, o material propício para o deslocamento, a condensação e a dramatização (figuração).

Ouçamos esta passagem de Freud: *"Muitas vezes, um símbolo tem que ser interpretado em seu significado próprio e não simbolicamente; enquanto em outras ocasiões quem sonha pode tirar de suas lembranças particulares o poder de empregar como símbolos sexuais todas as espécies de coisas que não são comumente empregadas como tais"* (FREUD, ESB, VOL.V, cap.VI, pág.375/6).

Portanto, apesar dos sonhos oferecerem uma gama enorme de símbolos, o sujeito decidirá apenas por aquele que o curso de suas associações estiver ligado. Intencionalmente, portanto, o símbolo carrega no seu cerne, no seu bojo, o desejo inconsciente que quer revelar.

II.4. DRAMATIZAÇÃO OU FIGURAÇÃO NOS SONHOS

Sinteticamente, a dramatização como o nome já em si mesmo expressa, consiste numa transformação de idéias em imagens visuais. É como se fosse a encenação num palco do sonho, onde quem sonha pode tomar parte na peça, ou mesmo ficar de espectador.

Melanie Klein chamou atenção para o quão próximos estão os sonhos das crianças com os seus jogos. Por serem os sonhos de crianças realizações imediatas de seus desejos, estas durante a análise tenderão quase que frequentemente, embora nem sempre, a brincar daquilo que para ela foi prazeroso. O que não couber dentro desta brincadeira, ou seja, a insatisfação do desprazer, o sonho tratará de resgatar como uma tentativa de restabelecer o estado natural das coisas. E este movimento efetuado pela criança é um movimento lúdico, aonde a criança joga com o sonho e este, numa verdadeira encenação, traz à baila o esplendor do desejo que arde na criança.

II.5. ELABORAÇÃO SECUNDÁRIA

A elaboração secundária é um efeito da censura e como tal, assim como as outras formações dos sonhos, mascara a realidade. De certa maneira a elaboração secundária incide sobre os outros três mecanismos, pois sua função reside em dar coerência, tapando os buracos da história do sonho a ser contada. Tendo por finalidade que a história do sujeito se apresenta coerente e compreensível, este mecanismo atribuirá interpolações e acréscimos' para que duas parcelas do conteúdo onírico estejam interligados evitando qualquer ranhura no seu contexto. A tentativa da elaboração secundária é então de tentar transformar o sonho noturno, sem coerência, descaracterizado de seu sentido, em algo semelhante a um sonho diurno, ou a devaneios da vida de vigília.

"A função da elaboração secundária que atribuimos ao quarto dos fatores envolvidos no delinear o conteúdo dos sonhos, revela-nos mais uma vez em atuação a atividade que é capaz de encontrar livre vazão na criação de sonhos diurnos sem ficar inibida por quaisquer outras influências" (FREUD, ESB, VOL.V, pág.526). De todas as quatro condições para a formação dos mecanismos dos sonhos, a elaboração secundária é aquela cujas exigências parecem exercer menos influência sobre os sonhos. É como se esta função estabelecesse um íntimo e estreito contato com a função intelectual de racionalização.

Dizem que os dois livros sobre a interpretação dos sonhos poderiam se resumir (condensar) em apenas 200 páginas. Acontece que Freud, como excelente fuçador da alma humana que era, não poupou esforços para levar a cabo a sua intenção: não deixar escapulir, nada para a construção da sua primeira tópica a respei

to do funcionamento do mecanismo mental. O capítulo VII de sua "traumdeutung" vem marcar a primeira tentativa de se levar adiante todo o estudo da alma humana com o máximo de rigor científico.

II.6. INCONSCIENTE, PRÉ-CONSCIENTE E CONSCIENTE - UMA "REGRESSÃO" NECESSÁRIA, PARA UM AVANÇO DEFINITIVO

Ao redor de mim
pairam cinzas do futuro,
impossível imaginá-las
por detrás do muro.

(*Carlos Eduardo Leal*)

O jogo de forças que no sonho opera, promove uma tentativa de compreensão de seu conteúdo. A psicologia dos processos oníricos vai tentar explicar os mecanismos mentais pelos quais o sonho flui e assim tentar mostrar porque é que ele (o sonho) é o guardião do sono. O primeiro sonho apresentado por Freud no capítulo VII nos dá conta disto. "*Após velar pela filho morto, este pai adormece no quarto ao lado e tem o seguinte sonho: seu filho estava de pé ao lado de seu leito, que o apanhou pelo braço e lhe sussurrou em tom de censura: – Pai, não vê que estou queimando? O pai acorda de sobressalto e nota que o clarão no quarto contíguo era porque uma vela havia caído no braço de seu filho, queimando-o*". A primeira explicação ouvida por Freud a respeito do sonho realmente é coerente, ou seja, de que a despeito'

de o pai ter deixado uma pessoa tomando conta de seu filho, foi dormir apreensivo e o clarão serviu-lhe de sinalizador para despertar de seu sonho. Mas Freud não se satisfaz com esta explicação e propõe-nos outra que dá conta da imensa realização de desejos, que este sofrido pai carregava no seu sonho. Carregava, outrossim, o desejo de que seu filho continuasse vivo e o seu sonho permite dar vida aquele a quem tanto amara. O sonho tem o poder de ressuscitar as pessoas. Aquelas que não morreram no nosso inconsciente. *"O filho morto comportou-se no sonho como vivo; ele próprio advertiu o pai, veio até o leito deste e agarrou-o pelo braço..."*. *"Por causa da efetivação deste desejo, o pai prolongou seu sono por um momento. O sonho foi preferido a uma reflexão desperta, porque podia mostrar a criança como novamente viva"* (FREUD, ESB, VOL.V, pág.544).

Assim caminha o trabalho de interpretar os sonhos, realizado por Freud. Passo a passo. Ao sabor das sobredeterminações*(3). Ele sabe que não há como esclarecer por inteiro um sonho, tal e qual um mecanismo psíquico, *"uma vez que explicar algo significa trazê-lo de volta até alguma coisa já conhecida..."* (FREUD, ESB, VOL.V, pág. 545). O que Freud quer dizer é que na verdade o encontro com um objeto novo (um novo elemento no sonho por exemplo) é o reencontro deste mesmo objeto. Assim pois, é

---

(3) A sobredeterminação é uma característica na qual um ponto qualquer do sonho no seu relato manifesto, pode estar ligado a uma série de outros pensamentos latentes, "sem absolutamente qualquer determinação satisfatória" (Freud, ESB, VOL.IV, pág.327).

que reencontrar todo o caminho pregresso do sonho constitui tarefa árdua senão impossível de ser realizada. Mesmo assim, o único caminho viável é este.

II.7. A CENSURA E A RESISTÊNCIA COMO FATORES PROPICIADORES PARA O ESQUECIMENTO DE SONHOS

"Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi"

(*Chico Buarque*)

"*Em primeiro lugar, aquilo de que nos lembramos de um sonho e sobre que exercitamos nossa arte interpretativa já foi mutilado pela infidelidade de nossa memória, que parece muito especialmente incapaz de reter um sonho e bem pode ter perdido exatamente as partes mais importantes de seu conteúdo*" (FREUD, ESB, VOL.V, pág.546).

Este membro do qual fala o Chico, que já não mais faz parte de mim ainda continua a sentir suas dores, é tal e qual o sonho que por sua própria mutilação também se esvai, perde-se nos tempos e só o que sobra é aquilo que não sei como veio parar ali. Talvez pudesse ser como o veneno da cobra que uma vez cortado o seu rabo, continua a mexer-se como se ainda fizesse parte da outra parte do corpo, é esta pulsão, este veneno que insiste em re

tornar a mente trazendo o objeto. E Freud nos chama a atenção para que, nesta tentativa de busca da gênese do sonho, deparamo-nos com elementos que parecem triviais, sendo a primeira vista sem a mínima importância. O fato é que muitas vezes estes elementos psíquicos estão determinados por outros que permitem assim uma melhor leitura e interpretação da trama dos sonhos. Estes elementos ingênuos em aparência, podem ser numa análise, justamente o Calcanhar de Aquiles do qual o analista precisa para desvendar uma das tramas do inconsciente. Tecnicamente, Freud pedia, quando o sonho não lhe era claro (e na maioria das vezes não o é), que o paciente contasse novamente seu sonho. Agindo assim, ele apontava para o paciente que no sonho havia uma intenção qualquer - um desejo - o paciente recontava, mas invariavelmente, tropeçava naquilo que ele achava ser a intenção do sonho e ao tentar escondê-la, revelava àquele que queria e sabia escutar.

Sigo atrás da alma
sigo nesta labuta
tua fala me acalma
na hora da escuta.

(*Carlos Eduardo Leal*)

A censura, que este paciente carregava dentro de si, torna a agir, impedindo que ele relate o que é vexaminoso ou doloroso de relembrar. "*Desse modo, atrai minha atenção para a expressão que abandonou*" (FREUD, ESB, VOL.V, pág.549). O que o paciente impede de vir à tona, por meio da censura, em seu sonho é justamente o que tentaremos revelar-lhe, visto que, o manifesto não precisa de explicação, a não ser para compreender o latente. E esta compreensão se dá por se crer que o que se diz no relato é a pura verdade e é com este dado, com este índice de pureza que

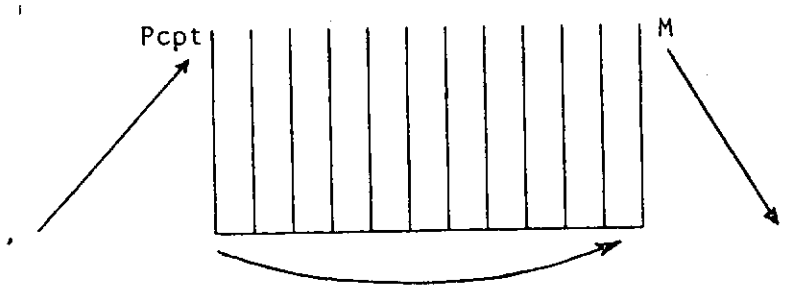
iremos trabalhar, para podermos interceder justamente aonde a resistência opera. Uma das regras explícitas por Freud para a psicanálise é que tudo quanto barra o progresso do trabalho analítico é uma resistência. Freud tentava então evocar ao paciente um pensamento igualmente desagradável ao ocorrido e não revelado (por efeito da censura) no sonho. O que acontecia porém, é que por causa da enorme deformação sofrida pelos sonhos, estes se mostravam muitas vezes, impossíveis de serem interpretados na sua totalidade. Mesmo as associações livres, que se conduziam para além do emaranhado de pensamentos, chegava no ponto "X" que era como se fosse um nó cego, que não ata e nem desata. Apenas está ali e pronto. Um ponto obscuro que mergulha cada vez mais para o desconhecido, para a totalidade do desejo onírico inconsciente. É, por assim dizer, graças a estes pontos obscuros que o sonho se reveste de sentido.

Freud ao se dar conta que estes fatos careciam de explicação, passou então a montar sua primeira tópica que se constitui nos sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente, com o intuito de desmistificar aquilo que seu paciente ou a própria ciência tinha dado conta de mistificar: a alma humana. É no item "B" (REGRESSÃO) do capítulo VII que os sonhos novamente se tornam a estrada real para o inconsciente. Já não é mais possível para ele adiar a tarefa a qual esteve por tanto tempo se preparando. A sua "construção" do aparelho mental, não será biologizante, ou qualquer modelo anatômico, como chegou a sugerir no seu "Projeto para uma Psicologia Científica", de 1895. Partindo então de todo o seu aracabouço teórico-prático e principalmente inspirado na luminosa frase de Fechner - *"a cena de ação dos sonhos é diferente daquela da vida ideacional de vigi-*

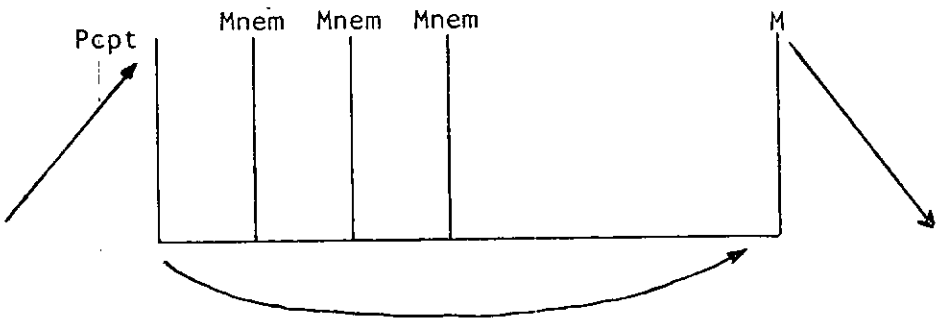
lia" - ele propõe então esta outra cena (eine andere schauplatz), da localização psíquica.

Neste ponto o conceito de regressão começa a ter um valor inestimável para a teoria psicanalítica, pois é a partir dele que Freud dará prosseguimento ao seu objetivo. O aparelho mental será por Freud representado como "sistemas " e este sistema possui um sentido ou direção. É interessante notar o quanto este modelo, ao menos no seu início, se assemelha na física às forças que interagem : num corpo em movimento, no qual notamos um impulso inicial e após, uma liberação de forças, embora algumas se percam justamente no atrito (censura, resistência?) quer seja com o ar ou mesmo com o solo.

Então imaginemos que primeiramente haja um estímulo e que a atividade psíquica termine em enervações. São justamente estes estímulos (internos ou externos) que irão dar o direcionamento ou o sentido da atividade psíquica. "... *proporei simplesmente seguir a sugestão de que devemos representar o instrumento que executa nossas funções mentais como semelhante a um microscópio composto, a um aparelho fotográfico ou a algo deste tipo*" (FREUD, ESB, VOL.V, pág. 572). Numa das extremidades do "sistema ", Freud atribui à extremidade sensória e na outra a motora. As percepções são canalizadas diretamente pela extremidade sensória que tenderia a se resultar numa descarga motora, isto é, na outra extremidade do aparelho psíquico. O primeiro modelo proposto por Freud fica assim demonstrado:

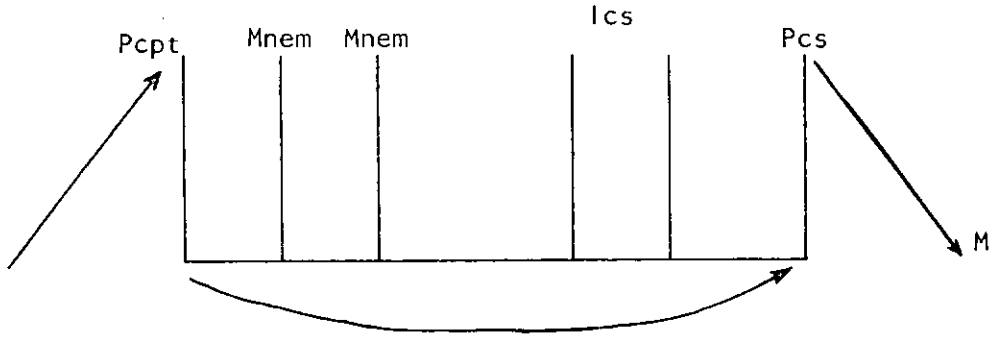


Nota-se porém, que o aparelho psíquico deve ser "*construído como um aparelho reflexo*" (*op.cit.*, *pág.574*) e que, portanto tem de dar conta justamente destes seus "reflexos", ou seja, havia mais alguma coisa entre a sensação e a descarga motora, algo que ficava retido por efeito, como já vimos, da censura. São os "traços de memória" que se interpõem entre as duas extremidades. "*Suporemos que um sistema na própria frente do aparelho recebe os estímulos perceptivos, mas que, por trás do primeiro encontra-se um segundo sistema que transforma as excitações passageiras do primeiro sistema em traços* (DE MEMÓRIA) *permanentes*" (*op.cit.*, *pág.574*). Um novo quadro, em vista disto, é apresentado.



Mas como o sistema perceptual não tem capacidade de acumular modificações, não possuindo portanto, memória, as nossas lembranças gravadas ou grafadas em nossa mente serão inconscientes, embora possam se tornar conscientes. Pelo trabalho onírico, Freud pôde perceber que das duas instâncias psíquicas em confronto, uma delas sofreu uma crítica da outra tendo que se retirar da consciência. Esta instância crítica seria aquela que julgaria a outra (da consciência) e portanto deveria estar próximo à ela, então só lhe caberia estar próximo à extremidade mo

tora do aparelho. Um terceiro e último quadro é então apresentado:



Assim, o sentido ou a direção proposta por Freud para o aparelho psíquico está pronta, apenas com uma ressalva importante quanto ao caráter da regressão, pois se na vida de vigília o processo de excitação percorre um caminho da esquerda para a direita, até a descarga motora, na vida onírica o sentido é inverso, ou seja, caminha da extremidade sensória até atingir o sistema perceptual, produzindo assim uma regressão aonde os traços mnêmicos são reinvestidos.

Uma vez que foi proposta a estrutura do aparelho psíquico com suas instâncias (sistemas), podemos caminhar um pouco mais na obra freudiana, para esmiuçarmos a questão da;

II.8. REALIZAÇÃO DE DESEJOS

Como já vimos anteriormente, o desejo pede uma satisfação, chegando mesmo a impor condições para sua realização. Soubemos, no entanto, que não só os sonhos mas também os sintomas eram detentores de um desejo inconsciente e que sua pseudocomu-

nicabilidade era atropelada pelo subjetivismo que a censura lhe impunha. O tom deste subjetivismo era dado pela maneira na qual esta censura vinha disfarçada. Normalmente o agente da censura não se nos apresenta como ele o é, mas com uma máscara que esconde sua identidade. Nestes casos a realização de desejos fica quase que impossível de ser distinguida, pois houve um ataque direto da censura onírica. Num liame deste pensamento com o da regressão,como num eterno retorno, Freud se pergunta pela origem, pela nascente possível por onde poderia jorrar o desejo, apresentando três momentos para tal:

"1) *Ele pode ter sido despertado durante o dia e, por motivos externos, não ter sido satisfeito; neste caso, um desejo reconhecido que não foi atendido é deixado para a noite.*

2) *Ele pode ter sido despertado durante o dia, sido repudiado; nesse caso, o que restou é um desejo que não foi atendido, mas suprimido.*

3) *Ele pode não ter qualquer conexão com a vida diurna e ser um daqueles desejos que somente emergem da parte suprimida da mente e se tornam ativos em nós à noite".*

(FREUD, ESB, VOL.V, pág. 587)

Tentando exemplificar estas três origens propostas por Freud, teríamos para a primeira origem o seguinte acontecimento que originou tal desejo: Uma criança quer comer um doce, mas sua mãe o impede dizendo que este seria para o dia seguinte. Nesta mesma noite esta criança "devora" seu doce alimentando assim seu desejo e pretensamente sua barriga. Este tipo de desejo está localizado no sistema pré-consciente. A segunda origem poderia es

tar contida no seguinte: Um rapaz adolescente vê sua irmã trocar de roupa e logo lhe vem à mente o desejo de possuí-la. Porém o que acontece é que pela força da censura este desejo é imediatamente atacado e recalcado para o inconsciente. A satisfação alucinatória deste desejo poderá vir retocada com outra maquiagem, com outra lingerie. Os sonhos deste adolescente foram expulsos do sistema pré-consciente para o inconsciente. A terceira e última origem é a de maior carga de intensidade, pois não tendo nenhuma articulação com a vida diurna, só nos aparece na vida onírica, portanto devem ter sido construídos num passado muito remoto na vida do sujeito, podendo mesmo chegar a ter origens antes da formação do seu ego. Estes tipos são incapazes de passar além do sistema inconsciente justamente pela falta de articulação com a vida de vigília, aonde mais facilmente poderia se articular com a consciência. Freud propõe ainda uma quarta' fonte de desejos oníricos aonde a pulsão impregnada de desejos (sexuais — polução noturna, sede, etc) busca satisfação durante a noite.

A sexualidade começa a se interpor neste espaço, lutando contra a retensão da censura, ela busca novas formas para se revelar. Se este afrouxamento da censura ocorre durante o sono, então é através do sonho em sua manifestação mais plena que ela irá mostrar sua força, sua tendência de sempre querer se rebelar contra a censura. Se a sexualidade, para Freud, tem o seu desenvolvimento desde a infância, e o que decorre no sujeito é daí proveniente, então o sonho atrelado a esta mesma sexualidade possui evidentemente um caráter infantil, ou seja, o desejo representado num sonho revela-se como um desejo infantil. "*O sonho*, revela Freud, *é um pedaço da vida mental infantil que foi*

suplantado" (*Op.cit.*, *pág.604*). Este desejo, portanto, permanece sempre em estado de alerta procurando suplantar os entraves à sua realização. Daí que mesmo sendo inconsciente, ou melhor, justamente por causa disso, este desejo se mostra indestrutível, perene, assim como as outras formações do inconsciente.

Para muitas pessoas desta época (1900), a afirmação de que todos os processos inconscientes são indestrutíveis parece esdrúxula, pois se são por assim dizer "eternos enquanto duram", o que visaria o método ou a técnica psicanalítica? Apenas conhecê-los? Bom, fiquemos com esta resposta que por enquanto nos parece satisfatória.

Vinte anos depois, no capítulo II de "Mais Além do Princípio do Prazer", Freud descobrirá que nem todos os sonhos são realizações de desejos, como os que ocorrem nas neuroses traumáticas e que falam de pulsão de morte.

Por enquanto, na nossa tese, deixaremos os sonhos adormecerem para adentrarmos um pouco mais na questão da sexualidade e da pulsão que dela demanda.

Freud terminara o seu livro sobre os sonhos. Mais do que qualquer fechamento sobre alguma questão, ele conseguiu reunir dados suficientes para a elaboração de novas teorias que adviriam num futuro não tão longínquo. Se a via real estava inaugurada então era necessário por os carros nela para se saber não só o que tinha em suas margens, mas principalmente o que o seu final (se é que existia) iria revelar. A procura e a busca pela verdade sempre foi um fato incansável para este mestre de Viena.

III. A DICOTOMIA DA SEXUALIDADE NO JOGO DAS PULSÕES

"Desde que a natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher - o que agora chamamos mulher - quer com a de um homem; e assim iam se destruindo".

PLATÃO - O BANQUETE

Seria impossível falar da sexualidade, sem antes tentar aproximá-la com o deus do Amor, que surge no "Banquete" de Platão.

No início de seus diálogos é Pausânias quem fala de um amor que quando praticado decentemente é belo, mas se indecentemente é feio. E indecentemente é aquele que só ama a carne e não a alma. Este não é constante, pois só ama um objeto que também não é constante - a carne, o corpo. Quando este desfalece, desaparece também o amor. Erixímaco enaltece o deus Amor, como sendo aquele que é da música, das artes e da natureza. A louca busca, a procura desvairada, pelo outro pedaço, cindido, cortado, mutilado que acredito possa o outro me dar. Este é o pensamento e a fala de Aristófones. Aqui o amor começa a buscar sua origem, que estaria na própria origem do homem. É o ANDRÓGINO , dividido como castigo, por Zeus. Finda o Banquete, não em Alce-

biades que é o último a falar, mas na voz de Sócrates que faz o mais belo de todos os discursos. Sócrates não comete a falha fundamental dos outros oradores, de que a máxima de seus discursos seria uma consequência da máxima beleza atribuída ao Amor. Há um outro banquete hoje do qual podemos nos servir e que nos permite o reingresso no discurso platônico. É a noção de sexualidade, trazida pelos ventos da psicanálise. Temos aqui um prato cheio e, portanto, sem qualquer indelicadeza, a possibilidade de falarmos de boca cheia. Ambos utilizam a mesma linguagem, ambos falam do amor e do desejo de algo que não está mais ali, mas para sempre perdido.

No prefácio da quarta edição datada de maio de 1920, dos seus "Três ensaios sobre a Sexualidade" (1905), Freud comenta: "... *a psicanálise coincide com o Eros do divino Platão*" (*FREUD, ESB, VOL.III, pág.134*). Em outro artigo seu denominado, "Psicologia das massas e Análise do Ego" (1920), no capítulo "Sugestão e Libido", acrescentaria que "... *em sua origem, função e relação com o amor sexual, o Eros do filósofo Platão coincide com a força amorosa, a libido da psicanálise...*" (*pág.116*).

Mas a noção de sexualidade na psicanálise é mais abrangente, embora fruto de um mesmo palco, onde floresce o Amor ou o Eros de Platão. A sexualidade muitas vezes é normativa do sujeito, tornando-se em alguns casos a sua pior inquilina. O pagamento, é claro (e é caro), é o sintoma. Desde o início de seus estudos, que Freud vem pensando a questão da sexualidade, principalmente a infantil. Com a sua auto-análise e com a sua descoberta do Édipo, não mais como mito mas como complexo, ele dá sinais a si próprio de sua sexualidade infantil. Na carta 71 a Fliess, de 15/10/1897, ele revela ter descoberto em si mesmo im

pulsos carinhosos quanto à mãe e hostis para com seu pai. Ele já havia sentido, o que Sófocles descrevia no seu drama: A impossibilidade da completude. A marca da separação sua de sua mãe, dizia muito mais do que apenas o corte (este sim simbólico) do cordão umbilical. Apenas por este rompimento não se chegará ao desenlace total entre os dois. Havia mais. Havia um jogo de forças que impelia uma ou as duas partes na mesma direção. Neste momento, a analogia com os polos do ímã é perfeita. Polos iguais se repelem e diferentes se atraem. Isto sob o nosso ponto de vista, ou sob nosso referencial, pois pela ética da criança recém-nascida, ela e sua mãe ainda são uma e só única peça desta engrenagem. A este jogo de forças, Freud dá o nome de pulsão (trieb). Como já foi explicado em nota de rodapé anterior, preferimos usar este termo (pulsão) ao invés do usado em nossa tradução brasileira (instinto = INSTINKT).

É interessante notar que o mesmo tema de abertura dos "Três Ensaios" é o mesmo que o encerra, a saber: A INVERSÃO. Talvez isto demarque em sua obra, a própria "inversão" do conceito daquilo que até então se tinha como sexual. É esta inversão dos conceitos que ele começa a propor. Mas convém lembrar as palavras de J.Laplanche, de que, *"não se trata de procurar nos "Três Ensaios" o alfa - e muito menos o ômega - da teoria psicanalítica ..."* (*J.Laplanche - Vida e Morte em Psicanálise - Artes Médicas, Porto Alegre, 1985*).

Poderemos adiantar que não há um início, porque não há um fim. Há simplesmente um paciente que nos procura com sua dor, e que devemos escutá-lo. E já é muito, se isto fizermos bem.

Retornando. A concepção popular de sexualidade era a de que ela estaria ausente nas crianças, só tendo o seu surgi-

mento na puberdade. Freud, com o texto "As Aberrações Sexuais", pretendia mostrar e sacudir não só a pacata Viena, como o resto do mundo. Conseguiu *(4). Sua primeira preocupação foi definir quem era objeto e objetivo sexual. Ao primeiro ele chamou a pessoa de quem procede a atração sexual e segunda o ato a que a pulsão conduz.

Se havia um objeto e um objetivo sexual, então deveria haver alguma coisa que os unia, que os ligava. Análogo à energia que liga dois pensamentos, como se pode ver nos sonhos, havia uma energia intermitente entre objeto e objetivo sexual. Esta energia ou este impulso pulsional (esta forma tautológica' serve apenas para demonstrar a força deste mecanismo), tenderia à satisfação no encontro de seu objeto. A característica desta força, e Freud pode comprovar isto desde a época das histéricas, é a de que ela não se dirige apenas para os órgãos sexuais num intuito de levar a cabo a relação sexual final e "normal". A zona erógena que se concentrava basicamente nos órgãos genitais , começa a partir de sua visão, percorrer o corpo, não sendo portanto comum a duas pessoas o mesmo objetivo sexual final. Indo um pouco mais além. A zona erógena de um indivíduo estava realmente em sua mente e ele a poria no lugar (no seu corpo ou fora dele) que melhor lhe conviesse.

O início da montagem dos "Três Ensaios", é justamente por aí, ou seja, os "DESVIOS RELATIVOS AO OBJETO SEXUAL". E uma questão que temos de formular é se todo o desvio é alienan-

---

(4) Definindo, redefinindo e principalmente sugerindo novas terminologias, ele ia pouco a pouco demolindo o antigo edifício teórico e construindo outro do qual não se poderia postergar mais a noção de sexualidade infantil.

te ou prejudicial para a pessoa. Evidentemente que não. A própria elaboração secundária (e mesmo as formações de compromisso) *(5), visto nos sonhos, eram um jeitinho de se arrumar os desvios legados pelas lacunas. Portanto, nem sempre há perda nestes desvios, podendo haver um ganho secundário com elas próprias. Mas, se se perdeu alguma coisa, e isto é o que interessa para Freud; o que se perdeu? Quando, onde, como e por que se perdeu?

Para se achar um caminho, uma das possibilidades é procurar os descaminhos e conhecendo-os, evitá-los. É por aí que as pessoas se perdem. Na vã tentativa de encurtar o desenvolvimento normal da libido, na ânsia de satisfazê-la, perdem-se em desenredos a não mais voltar. Desta vez, a "via real" para o conhecimento do problema, é paradoxalmente o descaminho, a errância. "A psicanálise é extremamente desconfiada", disse Freud' em certa ocasião. É por esta desconfiança que ele começa a desvendar os caminhos da sexualidade, para a qual não tinha a menor parcimônia com suas idéias.

Desviar a sexualidade quanto ao seu objeto sexual, era invertê-la, quer dizer, tornando caricato, evidente, o que o homem tinha de mulher e vice-versa. É por acreditar que o outro sexo possa dar tudo aquilo que este não tenha - e assim tentar evitar todo e qualquer sofrimento - que se busca a inversão.

---

(5) Formação de compromisso: Começou a ser estudada por Freud, desde as "Novas Observações sobre as Psiconeuroses de Defesa (Weitere Bemerkungem über die Abwehr - Neuropsychosen, 1896).
"Forma que o recalcado vai buscar para ser admitido no consciente, retornando no sintoma, no sonho, e, mais geralmente em qualquer produção do inconsciente (...) Na mesma formação podem assim satisfazer-se - num mesmo compromisso - simultaneamente o desejo inconsciente e as exigências defensivas".
(J.Laplanche e J.B.Pontalis - Vocabulário da Psicanálise, pág.257 - Moraes Editores - Lisboa, Portugal).

Freud propõe três tipos para os homossexuais:

"1) *Podem ser invertidos ABSOLUTOS e, nesse caso, seus objetos sexuais são exclusivamente de seu próprio sexo. Pessoas do sexo oposto nunca são objeto de seu desejo sexual deixando-os frios e, às vezes, provocando-lhes mesmo aversão sexual.*

2) *Podem ser invertidos ANFIGÊNICOS, isto é, hermafroditas psicossexuais. Nesse caso seus objetos sexuais tanto podem ser do próprio, como do sexo oposto.*

3) *Podem ser invertidos OCASIONAIS e, nesse caso, sob a influência de certas condições exteriores, como por exemplo, principalmente, a falta de um objeto sexual normal ou sua imitação, são capazes de adotar como objeto sexual alguém do mesmo sexo e de com ele obter satisfação através de relações sexuais".*

(FREUD, ESB, VOL.VII, págs. 136 e 137)

Esta pulsão que age tanto no homossexual quanto no heterossexual é sempre ativa, isto é, está sempre em busca de um objeto, não importando, desde que atenda a seus princípios, qual seja a sua estrutura anatômica. Os distúrbios que acometem a pulsão sexual no curso de seu desenvolvimento, levam-na para uma situação de tensão, de desprazer, onde a tentativa de encontro do objeto, reduziria este estado adverso. A idéia obsessiva e compulsiva que daí poderá detonar, tenderá a que o desejo deste sujeito permaneça insatisfeito, fazendo com que ele procure formas alternativas, mesmo que não totais (para os "normais"), de se interrelacionar com o outro. A produção de um sintoma ou mesmo um sonho pode ser frequente nestes casos.

III.1. AS PERVERSÕES

Tua resposta perversa
para antes do fim do início
e não conta sobre o que versa.

(*Carlos Eduardo Leal*)

"Não é o morrer que dói,
mas o viver padecendo"

(*Marisa Raja Gabaglia - O Pirol Brasileiro*)

Estaríamos sendo impróprios ao dizer que aos neuróticos nada e aos perversos tudo? Não, creio que não. Quem não se atreve a fazer ou a dizer, sonha em dizer e fazer. O perverso, ao contrário do neurótico que só sonha, realiza aquilo que ele acha no seu direito. Segue seu caminho certo na sua errância. A neurose é o negativo das perversões.

Georg Groddeck, psicanalista que primeiro falou sobre o ID, mesmo antes de Freud (Freud pega este conceito de Groddeck, para escrever o EGO e o ID), dizia que o "id" estaria em todas as partes do corpo (até nos vasos capilares, na membrana óssea, etc.) e que sua energia é que possibilitava ao sujeito uma ligação sexual, num certo nível qualquer, com outra pessoa. Estes "ISSOS" (ça, da tradução francesa), estariam nas extensões anatômicas de todo o corpo, onde cada região seria detentora de seu próprio desejo. Além, obviamente do ISSO (id) individual e central que haveria em cada sujeito e que coordenaria todos os ou-

tros. "... *fora do ISSO individual*, diz Groddeck, *de cada ser humano existe um número incalculável de seres-ISSO que fazem parte de cada célula. Não se esqueça, além disso, que o ISSO-indivíduo do homem integral, assim como os ISSOS de cada célula, escondem, cada um, um ISSO masculino e um ISSO feminino, sem contar os minúsculos seres-ISSO da cadeia ancestral"* (*Georg Groddeck - O Livro Disso - Ed.Perspectiva, pág.208*).

É óbvio que não iremos assim tão longe quanto Groddeck foi, embora sua contribuição, muitas vezes não reconhecida, à psicanálise tenha sido inestimável. Esta sua formulação a respeito do ISSO (Id), aproxima-se sobremaneira da noção que Freud dá à erogeneização de inúmeras partes do corpo. O corpo, para Freud, é representado e o próprio representante desta erogeneização. O que ocorre é que "*a valorização psíquica dada ao objeto sexual como meta da pulsão sexual, não chega nos órgãos genitais*" (*FREUD, ESB, pág.151, VOL.VII*). O que acontece então com esta libido, com esta pulsão, que não chegou a conhecer seu objeto sexual final? Ora, irá procurar substituir para os órgãos' genitais, isto é, qualquer objeto que por si só possa fazer o outro de sua finalidade promordial e, assim agindo, impede a dolorosa lembrança de não poder alcançá-lo.

No curso de seu desenvolvimento sexual normal, a criança passará por esta fase chamada de perversa polimorfa, aonde algumas partes de seu corpo estarão em evidência, ou mais susceptíveis à erogeneização - supervalorizando-as, portanto - mais do que outras.

Interssa-nos saber o que seria NORMAL ou PATOLÓGICO ' para a criança nas etapas de seu desenvolvimento psíquico e corporal. Podemos, de maneira geral, afirmar que o uso prolongado'

e não interrompido de qualquer parte do corpo, para produção de prazer, poderá ser considerado como patológico. Observemos ainda outra condição, ou seja, que neste mesmo caso não haja mudança ou interpolação para uma outra zona erógena que suprima esta.

III.2. OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO SEXUAL - AS ZONAS ERÓGENAS

Evidentemente, é desde o seio que a diminuição da necessidade alimentar se enriquece de um prazer que, mesmo fazendo um apoio - ou análise (anlehnung) - sobre esse apaziguamento, jamais se confundiria com ele. A parte primordial neste contato com a mãe é a boca da criança. É uma zona, a da cavidade bucal, que se torna erógena a partir do momento no qual as pulsões sexuais se apoiam nas funções vitais, isto é, no instinto de autoconservação que procura seu objeto, o seio, a fim de saciar sua fome. Após um momento, que é mítico - o da mamada - desova-se instaurando a pulsão sexual à procura do objeto que já está perdido. A criança retorna ao seio em busca do alimento, mas já também em busca daquela satisfação altamente prazeirosa.

A relação mãe-filho não é unívoca, mas de total reciprocidade, pois se a criança encontra no corpo e no seio da mãe o complemento para aquilo que lhe falta, a mãe também por sua vez, encontra no corpo e na boca da criança a possibilidade de lhe resgatar aquilo que ela jamais teve. O falus. Esta criança passa a ser para esta mãe a sua nova possibilidade de troca e barganha com o mundo.

Na poesia de Raimundo Correa, "O Pesadelo de Ema", vemos como através de um folclore, esta passagem é feita, ou seja, a criança que até então mamava em sua mãe é posta fora de seu trono por uma cobra (representante inequívoco do falus) que passa a sugar aquele leite. A substituição criança-falus é assim descrita:

"Assim, enquanto Ema dorme,
E ao colo o filho gentil
Lhe suga o leite, uma informe
Serpe a esgueirar-se, sutil,

Da mãe, que o filho amamenta,
Achega-se mansa, mansa,
E troca, pela nojenta
Boca, a boca da criança:

E, macia, a poma cheia
De leite puro a infamar
Torpe e vil, lúbrica e feia
Põe-se a mamar, a mamar..."

No amargo ofício do desejo, a criança reinvidicará para sempre a perda deste lugar. O prazer da sucção é originariamente auto-erótico, pois a criança ainda não tem a noção de um mundo exterior diferenciado dela. Esta etapa constitui-se basicamente no narcisismo primário. A boca engole o mundo, ou o mundo a acabará engolindo. Só que nem tudo que lhe é dado (alimento, carinho, etc.) é recebido de bom grado e se muitas vezes ela é obrigada a engolir (calada), ela dará provas de sua insatisfação que agora já não precisa ser mais com a boca, mas com outro orifício: o anal. Não que a zona bucal seja esquecida, mas se outra zona erógena é desperta, a criança quer saber que brinque

do é este e quais são as suas regras. Assim como a criança foi um produto de sua mãe, permitindo-lhe assim um certo gozo, os excrementos da criança também são um produto seu, portanto, passível de prazer. É difícil para a criança o reconhecimento das regras deste jogo e se para a mãe colocar a criança para fora é dar vida, para a criança perder suas feses poderá significar morte - perda de uma parte que é sua.

Poderia-se pensar que esta fase fosse eminentemente passiva, mas o esquema dualista-dicotômico, que também marca presença nas outras fases, reveste-se aqui no investimento anal de sua forma ativa. A criança possui controle sobre o que ela produz, o que é um modo de possuir o controle sobre o que ela deixa de produzir, por exemplo, as pessoas ao seu redor. Estas duas extensões anatômicas, que marcam um desvio em relação ao objetivo sexual, serão marcadas também pelo sentimento que Freud chama de REPUGNÂNCIA: "*A repugnância parece ser uma das forças que levaram a uma restrição do objetivo sexual (...) No que diz respeito ao ânus, torna-se ainda mais claro o que é a repugnância que marca esse objetivo sexual como uma PERVERSÃO... as pessoas que tentam explicar esta repugnância dizendo que o órgão em questão atende à função de excreção e entra em contato com excremento - algo repugnante em si - não têm mais razão do que as moças histéricas que explicam sua repugnância pelo órgão genital masculino dizendo que ele serve para expelir a urina*". (FREUD, ESB, VOL.VII, pág. 153). Freud ainda dirá que além da REPUGNÂNCIA, a VERGONHA e a MORALIDADE também contribuem para o surgimento ou não, da perversão. A pulsão sexual tentará por sua própria origem e tendência à procura de satisfação, sublevar contra estas três forças no intuito de suplantá-las. O fracasso po

derá levar a pulsão sexual à escolha de um objeto sexual que seja inteiramente inapropriado para o uso como objetivo sexual normal. *"O que se coloca em lugar do objeto sexual é alguma parte do corpo (tal como o pé ou os cabelos) que é, em geral, inadequada para finalidades sexuais, ou algum objeto inanimado que tenha relação atribuível com a pessoa que ele substitui e, de preferência, com a sexualidade dessa pessoa (roupa íntima). Tais substitutos são, com alguma justiça, assemelhados aos FETICHES ..."* (FREUD, ESB, VOL.VII, págs. 154 e 155).

O fetichismo, como característica da perversão, se torna patológico quando o objeto utilizado "toma o lugar" do objeto sexual normal. Embora durante toda a sua obra, Freud tenha esboçado alguma coisa sobre o fetichismo, ele irá dedicar quatro textos que basicamente falam do assunto: "A CABEÇA DA MEDUSA" (1922), "FETICHISMO" (1927), "ESBOÇO DE PSICANÁLISE" - parte III, capítulo VIII - "O RENDIMENTO TEÓRICO" (1938) e "A DIVISÃO DO EGO NO PROCESSO DE DEFESA" (1938).

Para o fetichista, na sua mente a mulher (que pode ser sua própria mãe ou tia) teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa assumiu o seu lugar, o substituiu... Eles, por um lado, negam o fato de sua percepção - o fato de que não viram pênis nos genitais femininos - e por outro, reconhecem o fato de que as mulheres não possuem pênis e tiram dele as verídicas conclusões. Nestes casos há uma promessa de castração feita pelo seu pai e para que isto de forma nenhuma ocorra, eles driblam esta visão, jogando para escanteio as chances do sucesso paterno.

A prática do fetichismo de forma nenhuma indica a inversão, mas esta quase sempre virá acompanhada de uma prática fe

tichista (perversa).

Poderíamos imaginar que o pensamento da criança assim se formulou: bom, eu tenho pênis, se uma mulher foi castrada então posso vir a perder meu pênis também, daí coloco algo ali aonde não existe nada. Esta forma condicional é assim estruturada para permitir que a criança mais tarde possa fazer uma formação de compromisso, dando-lhe a chance de transar muito bem com as mulheres, pois não há o perigo da castração e nem mesmo do "devoramento" do pênis pela vagina. "... *a escolha de um fetiche é um efeito secundário de alguma impressão sexual recebida, via de regra, na primeira infância*" (Freud citando Binet, FREUD, ESB, VOL.VII, pág.156).

O conceito de zona erógena está presente para Freud desde 1896, mas a noção de organização pré-genital só aparece bem mais tarde (1913-1915) nos seus acréscimos aos "Três Ensaios". Com isto ele pretendia dar a noção de que a sexualidade infantil passava por uma estrutura organizada, ao contrário do que se pensava até então.

A fase FÁLICA também só foi alvo de suas teorias em 1923, no seu texto "A ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL". É a terceira fase do curso do desenvolvimento normal da criança onde o primado de todo investimento erógeno recai justamente sobre os órgãos genitais. Embora recaia este investimento sobre os órgãos genitais, não é a ele que se dirige a criança mas ao falo, representante que marca a diferença, instaurando de vez a possibilidade de saída da relação dual para a relação triádica. O encontro com o pai é o encontro com o social. Ouçamos Freud: "... *a característica principal dessa organização genital infantil é sua DIFERENÇA da organização genital final do adulto. Ela con-*

siste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo" (FREUD, ESB, VOL.XIX, pág.186).

A descoberta desta zona de prazer não é feita ao acaso e muito menos advinda do nada. Desde cedo, por volta dos três anos de idade, a curiosidade sexual na criança é aguçada. Em primeiro lugar, ela quer saber de onde vêm os bebês e em segundo, que diferença existe entre uma menina e um rapaz? Estas duas perguntas são fundamentais para a criança, pois na verdade, são as primeiras perguntas sobre ela mesma. O entendimento delas passa pela vivência e a forma de elaboração das fases de seu desenvolvimento sexual. Freud ocupa-se destes "problemas sexuais" em dois artigos "O ESCLARECIMENTO SEXUAL DAS CRIANÇAS" (1907) e "SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS" escrito no ano seguinte. Sua proposta é mostrar a partir de sua visão psicanalítica que enfoque dar a estas perguntas e tentar derrubar os velhos mitos e lendas que se contam para as crianças para satisfazer as suas necessidades. As respostas dadas até então (e ainda hoje continuam a usá-las) eram mais para a conveniência e comodidade dos pais e educadores (vigentes com os três conceitos citados: vergonha, repugnância e moralidade) do que para a verdade que deveria ser dita. A falsa resposta, às vezes, pode trazer consequências desastrosas como é o caso do pequeno Hans trabalhado por Freud. "*... já há algum tempo demonstrava um vivo interesse por aquela parte do seu corpo que ele chama de PIPI. Aos três anos perguntou à mãe: Mamãe, você também tem um pipi? Ela respondeu: Naturalmente. O que é que você acha?"* (FREUD, ESB, VOL.IX, O Esclarecimento Sexual das Crianças - pág.140). Na verdade o que o

pequeno Hans passou a achar foi "pipis" embaixo de tudo quanto tinha pernas, desde cadeiras até vacas. Uma resposta mal dada à uma criança, às vezes, é pior do que o silêncio. É como uma interpretação mal feita a um paciente, ou melhor, deixa de ser uma interpretação para passar a ser uma violentação àquilo que ele queria ou podia escutar.

A fase fálica é um momento decisivo, abraçando sobre o futuro homem todas as suas angústias até então existentes. É o momento da passagem do menino pelo Édipo, que organizará tudo o que veio antes assim como o que virá depois. É o momento que toda a impressão, toda a marca, todo o toque desferido sobre seu corpo, será mais visível por ele mesmo, direcionando portanto, seu comportamento futuro.

Com a palavra, Clarice Lispector em "Laços de Família": *"Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem".*

III.3. ÉDIPO REI - DO MITO AO COMPLEXO

"Morrerei - disse-me - devo morrer desta deplorável loucura (...) Aterraram-me os acontecimentos futuros, não por si próprios, mas pelos seus resultados. Tremo ao pensar mesmo no mais trivial incidente, pelo efeito que possa ter sobre esta intolerável agitação de minha alma. Não receio, efetivamente, o perigo, exceto em seu efeito absoluto: o terror. Neste estado de excitação... nesta lamentável condição... sinto que chegará logo o momento em que deverei abandonar, ao mesmo tempo, a vida

e a razão, em alguma luta com o horrendo fantasma: o medo"

(Edgar Allan Poe - HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS)

Antes do nascimento do Édipo, Laio, seu pai e rei de Tebas, ouviu do oráculo de Apolo em Delfos a predição de que teria um filho que o mataria, casaria com a mãe e sua prole seria nefanda. Assim, antes de nascer, Édipo já estava condenado à morte por seus pais. E desta forma foi feito. Ao nascer, Laio entrega a criança para um homem para que este o mate. Este homem, um pastor, apiedando-se dele, levou o recém-nascido ao monte Citerão e, ao invés de matá-lo, furou-lhe os pés e o atou com uma corda a uma árvore. Seu nome é aqui constituído: Oedipus = pés inchados. De passagem por aquela região seguia um pastor de Corinto que comovendo-se daquela criança solta-a de seus grilhões levando-a consigo. Em Corinto foi acolhido por Mérope e Políbio que não tinham filhos, criando-a como filho legítimo. Quando da idade adulta, ouviu certa ocasião a verdade de que não era filho destes pais que o tinham criado. Consternado e triste, Édipo consulta o oráculo que ainda vai mais longe: seria assassino de seu pai e esposaria sua mãe. Édipo apavorado, foge de Corinto sem saber que quanto mais ele fugia mais se aproximava de sua tragédia. Na estrada, encontra um senhor acompanhado de sua escolta. Mata-o e também a todos os outros. A profecia tinha ali sua primeira prova. Seu pai havia tombado morto por suas próprias mãos. Sem saber, caminha ao encontro de sua mãe (é a sua curiosidade em saber que o destrói - saber quem era o assassino de seu pai). Consumado o parricídio, Édipo defronta-se com a Esfinge que propunha enígmas a todos que por ali passavam. Sua setença era: "Decifra-me ou devoro-te". E o enigma: "Qual é o

animal que, pela manhã, anda com quatro pés, ao meio dia com dois pés e à tarde, com três pés?" - É o homem, responde Édipo- na infância engatinha, depois ao crescer anda erguido com dois pés e na velhice necessita de um cajado (terceiro pé) para apoiar-se. Além de vencer a Esfinge, Édipo ganha como "recompensa" a mão da rainha de Tebas, que não era senão sua própria mãe. Creonte, cunhado de Édipo, incentiva-lhe a descobrir o assassino de Laio, que estaria naquela cidade. Da descoberta dá-se a tragédia que culmina na morte de Jocasta e na cegueira com que o próprio Édipo se lhe impõe, vazando seus dois olhos ante a visão horrenda que se descortinou a sua frente.

Freud disse que até hoje, passado tantos anos, as pessoas ainda se emocionam com esta tragédia, por haverem assim como Édipo, tentado desposar com sua mãe e matar seu pai. E esta idéia permanece inconsciente, bastando um sopro de lembrança para torná-lo vivo em nós.

A fase fálica, culmina, com este instante angustiante da passagem pelo Édipo. O complexo de relações que aqui se estabelece faz com que o menino saia desta situação com o medo da perda do seu pênis - a angústia da castração - e a menina entra nesta relação justamente para ganhar aquilo que não lhe deram - é a penisneid (inveja do pênis), que é o desejo de tê-lo. A decisão na hora desta passagem irá depender da escolha de objeto (de amor) que se faça para o percurso normal da pulsão sexual.' *"O filho demonstra sua gratidão desejando ter, com sua mãe, um filho igual a ele próprio; em outras palavras, na fantasia de salvamento ele está se identificando completamente com o pai"* (FREUD, *Um tipo especial de escolha do objeto feita pelos homens - Contribuições à Psicologia do Amor I - ESB, pág.156*).

A despeito disto, o menino continuará achando que um dia ainda o pênis na menina crescerá, pois ele é apenas muito pequeno. Esta sua formulação evita o mal-estar da visão da diferença entre os sexos e o medo da perda do seu pênis. Este medo de ser castrado - a angústia da castração ocorre também pelo poder mágico atribuído aos adultos, ou seja, uma inferioridade geral e verdadeira diante do adulto. Mas o menino precisa de se identificar' com o pai para ter acesso às coisas que ele tem, inclusive, pensa ele, sua mãe. É uma luta quase que de morte, que vai da paixão pela mãe ao ódio extremo pelo pai. O investimento libidinal está voltado para o seu pênis, supervalorizando-o, portanto, e menosprezando a menina por não tê-lo. Esta após uma primeira identificação com o pai, retoma a identificação original com a mãe, valendo-se de um futuro filho para ter também o pênis.

A formação do Superego (do qual Freud só falará em 1923, no texto "O EGO E O ID"), se fará a partir deste momento do declínio do complexo de édipo com a interdição do pai na relação' dual. Em seu foro íntimo, da sua consciência, que lhe apontará as melhores coisas a fazer, as que deverá evitar, não mais de acordo com o princípio do prazer direto, mas segundo o princípio da realidade e o senso moral que é preciso ter para ser levado em consideração não só por seu pai, mas ainda há muito o que ouvir, em termos de compensações pela voz de sua mãe (por exemplo: você está um homenzinho!). Satisfaz ao menino, mas como podemos ver, ela o chama de homem mas nem tanto (é ainda zinho) pois ela não deseja perder aquilo que para ela poderia ser o seu falus. Neste sentido poderíamos dizer que toda mãe é uma mãe fálica.

Encerraremos por ora, esta pequena olhadela para o Édipo com uma frase de Freud aonde emprega pela primeira vez a

expressão COMPLEXO DE ÉDIPO. "*A informação esclarecedora que recebeu* (Freud faz aqui alusão à diferença quase inexistente entre a mãe de um menino e uma prostituta, visto que elas fazem a mesma coisa), *despertou, de fato, traços de lembrança das impressões e desejos de sua tenra infância que, por sua vez, levaram à reativação de certos impulsos psíquicos. Ele* (o menino) *começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do COMPLEXO DE ÉDIPO*" (FREUD, ESB, *op.cit.*, *pág.154*).

Com o fim da crise edipiana ou ao menos seu aquietamento, se instaura até a puberdade um período de relativa calma que Freud chamou de período ou fase de latência.

III.4. "OU ISTO OU AQUILO" - OS CAMINHOS DA PUBERDADE

Todo o longo caminho percorrido pelo sujeito, chega a um ponto no qual ele percebe que todos aqueles investimentos, em si próprio ou nos outros, poderá ser canalizado e escoado realmente para uma outra pessoa que seja o seu alvo de paixões. É como se o indivíduo começasse a ganhar o seu alvará de soltura. O homem ou a mulher já podem dar vazão à descarga de seus produtos sexuais. A menina com a menarca e o menino na maioria das vezes com a primeira polução noturna, dão o sinal verde para a reprodução e consequentemente alcançar o objetivo sexual normal.

Todas as pulsões parciais (as da zona oral, anal ou fálica) podem agora se unir em torno do mesmo objetivo e objeto

para buscar o prazer da zona genital. A pulsão e sua representação mental - na verdade a primeira não existe sem a segunda - pode agora fazer melhor o jogo entre o afetivo e o sexual. Esta corrente afetiva provém da sexualidade infantil. "*A pulsão sexual está agora subordinado à função reprodutora; tornou-se por assim dizer, altruística*" (FREUD, ESB, VOL.VII, pág.213). Seu desprendimento em busca do amor do próximo é enorme. E isto tem que ser satisfeito, ou seja, há que se dar vazão à tensão que começa se formar pela retensão do prazer. A excitação sexual que está a flor da pele, se for desagradável poderá provocar distúrbios ao nível patológico. Há uma oscilação entre o prazer e o desprazer.

Como o aparecimento da puberdade se dá ainda em jovens adolescentes, nem sempre a tensão sexual poderá encontrar' o meio desejado para a sua redução. A prática da masturbação ganha aqui neste estágio, poderosos adeptos. Outras zonas erógenas, como a pulsão escópica, poderão ser utilizadas para servirem de sutentáculo à esta experiência de prazer.

O que pode ser causa de grande apreensão e mesmo perigo, é o jovem na busca do prazer, perder-se nos caminhos do pré-prazer. "*O pré-prazer é, assim, o mesmo prazer que já foi produzido, embora em menor escala, pela pulsão sexual infantil, o prazer final é algo novo e é assim, provavelmente, condicionado por circunstâncias que não surgem antes da puberdade*" (FREUD, ESB, VOL.VII, pág.217). O indivíduo ao relembrar da pulsão sexual infantil e como esta lhe foi prazeirosa pode preterir o jogo sexual final à esta velha forma de prazer já sua conhecida e, mais, que não lhe causa nenhuma decepção, aborrecimento ou dor. Este é o caminho, como já vimos, seguido pelas perversões que

consistem em fixar-se nas etapas que antecederiam ao processo sexual final. A volta a um mundo onde há o predomínio da estrutura narcísica é assim ventilada pela possibilidade de investimento no próprio "eu", acobertado e favorecido pelo crescimento dos caracteres sexuais primários e secundários de seu corpo. Esta volta, nada altruísta, da pulsão sexual para o próprio eu do sujeito, poderá levá-lo a procedimentos que facilitariam a prática do homossexualismo. A carga de dever a cumprir torna-se enorme, e a passagem pelo Édipo mal estruturada, como por exemplo, pela ausência da figura paterna (ausência no sentido figurativo e metafórico), levam o indivíduo à busca do único caminho conhecido por ele. No processo de identificação sua mãe é quem lhe aparece e por temer a castração iguala-se a ela. É um jogo para que ela não perca (seu filho-falus) e nem ele perca aquilo "que ele jamais teve". Este "estranho e obscuro objeto do desejo" - o falo - surge para a criança, de forma ilusória, como aquilo que deve-se presentificar, mas que num jogo dialético, quanto mais ela tenta-o tornar presente, mais ele lhe escapa, tornando-se ausente. Esta noção de ausência ou falta (manque) será aprofundada quando adentrarmos a teoria lacaniana sobre o desejo.

IV. OS DESTINOS DAS PULSÕES

"Destino, sigo-te!
E mesmo que não o quisesse,
deveria fazê-lo,
ainda que gemendo!

(NIETZSCHE - *Setença de Epicteto, "in Poesias"*)

IV.1. FOME E AMOR

A contradição na teoria freudiana entre as pulsões de autoconservação (relacionadas à fome e a outras necessidades vitais básicas) e as pulsões sexuais (relacionadas ao "ORGANLUST" - prazer do órgão) remete-nos novamente ao questinonamento do uso da palavra TRIEB (pulsão), para nomear estas duas expressões.

Já foi possível em outra ocasião fazermos uma demarcação entre pulsão e instinto. Aproveitamos para ilustrarmos um pouco mais esta questão à guisa de um maior esclarecimento metodológico.

Parece que as pulsões de autoconservação ou pulsões do ego, estariam estreitamente atreladas ao termo instinto, visto que, as sendas de acesso ao objeto satisfatório já estão bem definidas e totalmente demarcadas, assim com também este objeto satisfatório já estaria determinado. O melhor exemplo, e é o exemplo normalmente empregado por Freud, é o da fome, onde há um objeto real e a plena possibilidade de satisfazer-se com ele. O princípio que rege o seu funcionamento é o princípio da reali

dade, portanto, diferente em sua essência das pulsões sexuais que obedeceriam ao princípio do prazer.

Assim, "*o instinkt, na língua de Freud (citando Laplanche) é um comportamento preformado, cujo esquema está hereditariamente fixado e que se repete segundo as modalidades relativamente adaptadas a um certo tipo de objeto (...) A derivação* (que existe entre os dois conceitos na língua alemã) - notação minha - *não é somente conceitual, mas que se pode, com Freud, remeter a uma derivação real: a derivação da pulsão no homem a partir do instinto*" (J. Laplanche - *Vida e Morte em Psicanálise* - *pág.18* - *Editora Artes Médicas Ltda.*).

A pulsão sexual tem a sua origem numa excitação de um órgão do corpo e a sua finalidade é reduzir o estado de tensão produzido por esta excitação. Neste ínterim, entre a excitação produzida pelo órgão e a sua tentativa de satisfação, interpõe-se a representação mental desta pulsão. Por ter esta representação mental as pulsões sexuais podem satisfazer-se com objetos fantasmáticos - criados a partir da própria imaginação do sujeito - obedecendo assim ao princípio do prazer. É óbvio que não há "garantia" da satisfação da pulsão, mas o seu objetivo é este.

"*Dissemos a nós mesmos que provavelmente não iríamos perder o rumo, se começássemos por separar duas principais pulsões..., em consonância com as duas grandes necessidades - fome e amor... o organismo individual vivo está sob o domínio de duas intenções, a autopreservação e a preservação da espécie, que parecem ser independentes uma da outra, que, até onde sabemos, não têm origem comum, e cujos interesses muitas vezes estão em conflito na vida animal*" (FREUD, ESB, VOL.XXII - *Novas Conferên-*

cias sobre Psicanálise - Conferência XXXII, "Angústia e Vida Pulsional" - pág.120).

Desde 1897, com o abandono da teoria da sedução, Freud vem dando cada vez menos importância aos fatores biológicos que tenderiam a organizar a vida do indivíduo, substituindo-os gradativamente com constructos e hipóteses sobre o funcionamento da psiquê humana. Freud assim, passa a atribuir com relação às pulsões do ego, tudo o que diz respeito a afirmação e engrandecimento do sujeito e as pulsões sexuais, aquilo que está atrelado às diversidades necessárias a "vida sexual e pervertida". Sobre as pulsões do ego, Freud classificou-as como tendo poder de reprimir e de impor limites enquanto que as pulsões sexuais eram limitadas em seu poder, sofrendo assim os reveses da repressão.

A libido, isto é, a energia proveniente da pulsão sexual, tenta então romper a força da repressão tentando com isso alcançar o seu objeto de amor. É bem interessante esta relação de fome e amor, pois, embora possuam características em comum, como por exemplo, a tentativa de absorção do objeto externo, jamais poderão, em essência, se constituírem na satisfação de uma mesma carência. Uma (a fome) é orgânica, a outra (o amor) é psíquica. Esta confusão só se torna viável quando às custas da sublimação da pulsão sexual, ama-se, como em Leonardo da Vinci, as telas em branco, pois há a necessidade de colocar algo em seu lugar, para esconder aquilo (seu desejo) que poderia saltar-lhe aos olhos e cegar-lhe a visão frente ao inesperado. Tal e qual como na tragédia grega de Édipo. Freud, no seu estudo sobre "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância" (1910), nos dá bem a medida da confusão que se instaura no cerne deste fabulo-

so pintor e inventor. *"O que é notável, no entanto, é a posição em que Leonardo reproduz o coito... quando o ato sexual é reproduzido sendo realizado em pé, devemos supor a existência de uma repressão sexual poderosa para que ele fosse reproduzido nessa posição singular e quase grotesca. Se alguém quer ter prazer, será natural que procure ficar tão confortável quanto possível; isto é, naturalmente verdadeiro para os dois instintos primários: fome e amor"* (FREUD, ESB, VOL.XI, pág.66).

IV.2. FOME DE AMOR

"Cessa tudo quanto a antiga
musa canta,
se outro valor mais alto,
se alevanta"

(*Camões - Os Lusíadas*)

A diferença entre o primeiro item e o segundo deste quarto capítulo é simplesmente enorme. A interposição da preposição "de" muda todo o sentido da frase. Fome e amor, são duas vertentes que embora pertençam a um mesmo indivíduo, não necessitam um do outro para a sua perpetuação.

Fome de amor, é a expressão que a libido poderia usar para si própria, pois fala de um amor que é, na sua essência , insaciável. Fala de um amor que não se extingue na primeira mordida, justamente pela impossibilidade de tê-lo, de ingeri-lo. Só há portanto, a possibilidade de falar dele e assim tentar capturá-lo, mas quanto mais se fala dele, menos se torna compreen-

sível. Este movimento dialético em torno do amor, este movimento entre ausência e presença, permite que o sujeito interponha o seu desejo na intersubjetividade de dois corpos. Assim fazendo, o sujeito mantém sua credulidade na obtenção do amor total, ou seja, aquele que não se extingue, podendo então saciar toda sua hiância.

O investimento libidinal no outro - que Freud postula que pode ser o próprio corpo do indivíduo - permite que se faça uma leitura dos mecanismos, ou melhor, da natureza deste investimento pulsional que possui uma força, uma pressão (DRANG), constante.

É de número quatro a natureza das pulsões. Uma é a própria pressão (DRANG) que acabamos de falar e as outras três são a sua fonte (QUELLE), sua finalidade (ZIEL) e seu objeto (OBJEKT). Por fonte ou origem da pulsão, Freud entende como sendo um estado de excitação que ocorre num órgão ou parte do corpo. *"O conhecimento exato das fontes de uma pulsão não é invariavelmente necessária para fins de investigação psicológica, por vezes sua fonte pode ser inferida de sua finalidade"* (FREUD, ESB, VOL.XIV - *As Pulsões e seus Destinos - pág.144*). A finalidade de uma pulsão é aplacar e mesmo eliminar esta excitação no corpo, reduzindo a zero a tensão sexual daí proveniente e que já possui uma representação mental. *"... no caminho que vai desde sua origem até sua finalidade, a pulsão torna-se atuante psiquicamente"* (FREUD, ESB, VOL.XXII - *A Angústia e a Vida Pulsional "in" Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise pág.143*). Freud ainda nos diz neste mesmo texto do engano ao se classificar as pulsões como ativas ou passivas, pois há também para as passivas um "dispêndio de energia" para atingi-las.

O correto é dizer que uma pulsão possui uma finalidade passiva ou ativa. Ademais, poderá haver uma modificação da finalidade por conta da inclusão de certos valores sociais-morais que podem funcionar como mecanismo de repressão dando lugar para que a satisfação seja alcançada através da sublimação. Diz-se, portanto, que estas pulsões foram *"inibidas em sua finalidade"* (FREUD, *idem, Ibid*). *"A finalidade pode ser atingida no corpo da própria pessoa; via de regra, inclui-se um objeto externo, com relação ao qual a pulsão atinge sua finalidade externa; sua finalidade interna permanece sendo a modificação corporal que é sentida como satisfação"* (FREUD, *idem, Ibid*). Por esta conduta ativa ou passiva em sua finalidade é que a pulsão irá sempre procurar um caminho para sua satisfação. O postulado da física que diz que o menor caminho entre dois pontos é uma reta, não vale muito para as pulsões, pois na louca tentativa de obter satisfação não repara em seu caminho os diversos obstáculos que se interpõem, pelo recalque, obrigando-a assim a tomar novos rumos para atingir seu êxito. Veremos que este êxito não é tão alcançável assim, pois o objeto de sua procura está irremediavelmente e para sempre perdido.

Em 1915, Freud ainda achava que o OBJETO (OBJEKT), era perfeitamente palpável e que seria "a coisa em relação à qual ou através da qual a pulsão é capaz de atingir sua finalidade". É verdade que o objeto necessariamente não precisa ser algo estranho, podendo ser o próprio corpo do sujeito. Mas com o passar dos tempos a noção de objeto na teoria psicanalítica ganhou nova dimensão, com a noção de fantasia (fantasma) onde o objeto não seria real, mas fruto de uma criação imaginária, de algo uma vez sentido como prazeiroso na infância e que o sujeito tenta

recapturar para si próprio no decorrer de toda sua vida.

"Por pressão (DRANG) de uma pulsão compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa" (FREUD, ESB, VOL.XIV, pág.142). *"Imaginamo-lo como uma determinada quantidade de energia que faz pressão em determinada direção. É dessa pressão que deriva seu nome TRIEB"* (FREUD, ESB, VOL.XXII, pág.121). É deste conceito que praticamente Freud vai deliberar a respeito da economia da pulsão relativo à sua força de trabalho. É o aspecto mecânico, por assim dizer, de todo o processo libidinal. Este "fator motor" impulsiona a pulsão nas suas vicissitudes em busca de seu objeto. O fator motor - noção retirada da física - é justamente a carga energética que produz a motricidade, e isto é comum a todas as pulsões.

A energia que despendemos à procura de nosso objeto de amor é, por assim dizer, inesgotável e como tal, busca continuamente a sua satisfação. Em "Os dois princípios do funcionamento mental" de 1911, Freud ao falar sobre o princípio do prazer (processo mental primário) e o princípio da realidade (processo mental secundário), como aquele que visaria não atender ao prazer - LUST - mas sim ao desprazer - UNLUST, atribuiu à descarga motora atrelada ao predomínio do princípio do prazer uma forma para aliviar um acúmulo de estímulos que poderiam ser provenientes tanto do exterior quanto do interior do corpo, onde o somatório final seria a transformação destes estímulos em ação. Alguns anos antes, na carta de número 52, datada de 6 de dezembro de 1896 (escrita em Viena), Freud já fazia alusão ao fator motor, isto é, a ação que ele propiciava como um meio de reprodução do prazer. *"Um ataque histérico não é uma descar-*

ga, mas uma ação, e conserva as características originais de toda ação - ser um meio de reprodução do prazer" (Ibid, pág.324 , VOL.I).

Ao focalizarmos nosso estudo das pulsões em sua natureza, que acabamos de tentar uma radiografia, pensamos também nos destinos - suas vicissitudes - pelos quais elas passam no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida do indivíduo. A pulsão que tem sua fonte numa ranhura entre o orgânico e o mental, tenderá a satisfazer ou obter prazer deste órgão eliminando assim o estado de tensão. O que acontece, porém, é que muitas vezes o caminho para a possível satisfação da pulsão encontra-se obstruído ou modificado em sua intensão obrigando a pulsão a um contorcionismo visando atingir o objeto. Estes obstáculos são impostos muitas vezes pelos mecanismos de defesa do ego, que visam sua preservação. A pulsão pode ser levada em conta quanto a seu representante ideacional que é inconsciente. É a idéia que é investida com uma quantidade de energia proveniente de uma pulsão e, portanto, inconsciente. Esta representação (VORSTELLUNG) opõe-se diretamente ao afeto (AFFEKT) que é um outro registro que se faz da representação psíquica. Não existe , neste sentido, o afeto inconsciente, precisando pois, ligar-se a uma idéia inconsciente para poder subsistir. Assim, o "representante ideativo" (VORSTELLUNGREPRÄSENTAZ) e o afeto (AFFEKT)' obedecem a mecanismos diferentes de transformação sendo, portanto, independentes. As vicissitudes de um não são análogas às do outro. Com este delineamento traçado podemos observar quatro vicissitudes que Freud apresenta para o representante ideativo da pulsão:

1. Reversão a seu oposto;

2. Retorno em direção ao próprio eu do indivíduo;

3. Recalcamento;

4. Sublimação.

A "reversão a seu oposto" é uma vicissitude que possui como sua característica particular, a possibilidade de ter dois mecanismos diferentes: uma diz respeito ao objetivo da pulsão, isto é, mudança de atividade para passividade, e outro mecanismo diz respeito quanto ao seu conteúdo que pode sofrer uma reversão. Quanto ao objetivo ou a finalidade da pulsão, Freud cita os pares opostos de SADISMO-MASOQUISMO e ESCOPOFILIA-EXIBICIONISMO, para exemplificar a mudança da atividade (por exemplo: bater) para a passividade (por exemplo: querer apanhar) ou então o par antitético: olhar-ser olhado. A reversão do conteúdo por sua vez pode ser exemplificado na transformação do amor em ódio. Pelos caminhos da clínica psicanalítica podemos notar o quão próximos estão amor e ódio. Os discursos de nossos pacientes estão impregnados desta ambivalência, pois por inúmeras vezes não sabemos se eles falam do amor ou do ódio. Possivelmente, os dois termos, os dois sentimentos, estão atuando lado a lado ou mesmo superpostos, amalgamados num único desejo...

Amor te amo
A morte amo

(Carlos Eduardo Leal)

Esta função que a pulsão exerce, modificada pela reversão ao seu oposto, indica que a catexia que era investida num objeto externo à própria pessoa, retornou a ela, ou melhor, retornou ao próprio ego desta pessoa. *"O retorno de uma pulsão em direção ao próprio ego do indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção*

ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo" (FREUD, ESB, VOL.XIV, pág.148).

Em 1905, no primeiro de seus três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud apontava para as perversões sexuais ' como algo que havia sido desviado de seu objetivo final. Os nomes SADISMO e MASOQUISMO tomados emprestados de Krafft - Ebing, eram apontados como *"a mais comum e a mais significativa das perversões - o desejo de infligir dor no objeto sexual, e seu inverso"* (FREUD, ESB, VOL.VII, pág.159). É a busca do prazer através e pela dor. A crueldade pura e simples cede lugar ao regozijo uma vez que os canais de satisfação normais foram bloqueados. Como já pudemos observar em outra ocasião, a perversão sado-masoquista é caracterizada pela ausência da vergonha, da repugnância e da moralidade. Estes três sentimentos foram abolidos e não aceitos no período da resolução do complexo de édipo, quando o indivíduo em questão, recusa a castração imposta em função do pai (função do pai é um termo lacaniano, bastante aceito hoje em dia pelas outras escolas e correntes da psicanálise que não a francesa). Voltaremos a falar desta FUNÇÃO DO PAI quando abordarmos a questão da formação dos analistas e suas relações de poder.

Embora no sadismo a pulsão sexual esteja voltada para um objeto exterior ao indivíduo e no masoquismo a pulsão seja dirigida para o próprio sujeito, temos evitado separar estes dois termos pela implicação não teórica, mas clínica a que nos obriga, visto que uma pessoa nunca é só sádica ou só masoquista, mas sado-masoquista. Ainda que um desses pares de opostos possa sobrepujar ou prevalecer sobre o outro, haverá sempre a possibilidade deste preterido manifestar a sua força. Mas se o sadismo

e o masoquismo estão assim simbioticamente mesclados, na clínica do dia-a-dia, como ver e testemunhar em essência qual dos dois prevalece? Freud tenta elucidar esta questão fazendo uma exposição sistemática onde os pares de opostos SADISMO-MASOQUISMO são assim representados na página 148 do texto "AS PULSÕES E SEUS DESTINOS".

1. "*O Sadismo consiste no exercício da violência ou poder sobre outra pessoa como objeto*". (É esta questão do objeto como modelo de identificação, para obtenção de prazer, que mereceria numa outra oportunidade uma maior atenção e aprofundamento de nossa parte. Fiquemos por enquanto apenas com a distinção, feita pelo próprio Freud, de que o objeto não é o alvo da pulsão. Mas esta noção de objeto não deve referir-se apenas em relação à pulsão, mas sim também como "*aquilo que para o indivíduo é objeto de atração, objeto de amor...*" - J. Laplanche e J-B. Pontalis - *Vocabulário da Psicanálise* - Moraes Editores, Lisboa, Portugal).

2. "*Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu efetua-se também a mudança de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva*". (Embora haja o retorno da pulsão para o próprio eu - "ego" - do indivíduo, este segundo ítem, segundo o próprio Freud, poderá ser característico do comportamento da pulsão sádica do neurótico obsessivo).

3. "*Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade pulsional, tem de assumir o papel de sujeito*". (Este

sim seria o verdadeiro masoquismo).

A visão que temos através da janela da psicanálise- que é por onde lançamos nossa pulsão escopofílica - norteia nossos pensamentos para a oscilação provocada pela ambivalência entre o amor e o ódio. É a partir desta ambivalência (termo proposto por Bleuler), que podemos pensar a respeito da reversão da pulsão ao seu oposto, objetivando agora a reversão de seu CONTEÚDO, isto é, do amor em ódio. O que poderia acontecer para que uma pulsão incandescente na busca de seu objeto de amor revertesse, indo agora em busca, ou melhor, ao encontro deste objeto que é odiado? Procuraria a pulsão satisfazer-se neste desprazer ? Esta antítese provocada pela mudança no conteúdo e na polaridade da pulsão, não levariam este ser à mais profundo miséria humana? Ou será que esta passagem (que é em sua essência eminentemente de ativa para ativa - não há passividade) do amor para o ódio, poderia trazer consequências altamente benéficas para este sujeito?

O amor que Freud postula durante toda sua obra não é o simples (?) amor genital, mas aquele que aflora no corpo e fora dele, pois ser amado sem ser visto, era o que pretendia Eros (o interessante, para falarmos num outro amor, é que se Psiquê o frusta é que também ela não aceita condições). Assim, Freud considera o amor como *"sendo a expressão de toda a corrente sexual de sentimento"* (FREUD, ESB, pág.154, VOL.XIV). Ele vai dizer então, que o amor não admite um, mas três opostos (op. cit. pág.154): *"Além da antítese amar-odiar, existe a outra de amar-ser amado, além destas, o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença"*. Tentando visualizar um esquema teríamos o seguinte:

ODIAR
SER AMADO (NARCISISMO)
AMAR
ODIAR DESINTERESSE, INDIFERENÇA

Apesar da recíproca ser verdadeira, ou seja, o ódio pode ser transformado em amor, existe uma outra condição que gostaríamos de levantar que é a reversão do ódio (ao outro) ao ódio dirigido para a própria pessoa, como algo autodestrutivo, masoquista. Podemos observar isto na clínica do luto e da melancolia quando a perda de objeto torna-se motivo para um sofrimento (no luto, para esclarecermos melhor este ponto, é o mundo-objeto externo - que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego que assume esta característica de desolação e morte).' Podemos mesmo nos arriscar a dizer que a primeira relação com um objeto é de ódio, pois há uma perda nossa para com este objeto, para só então depois, amá-lo. Nisto reside a formulação freudiana sobre a pulsão de morte, noção que não virá antes de 1920.

Estes três opostos do amar, vão permitir que Freud apresente um segundo esquema, onde nossa vida mental como um todo se remete a também três polaridades, que são as antíteses (op. cit., pág.155).

1. SUJEITO (EGO) —— OBJETO (mundo externo)
2. PRAZER —— DESPRAZER
3. ATIVO —— PASSIVO

Não podemos dizer que estas polaridades atuem isoladas, mas ao contrário, estão LIGADAS entre si de modo que permitem um melhor endereçamento das pulsões, isto é, notabilizam-se por estarem seladas umas às outras definindo e redefinindo seus destinos. Talvez seja por isto, parafraseando Lacan, que uma carta '

sempre chega a seu destino, mesmo que este seja funesto.

Evocando ainda o gênero da relação entre o amor e o ódio, veremos que o primeiro deriva da capacidade do ego de satisfazer auto-eroticamente alguns dos seus impulsos pela obtenção do ORGANLUST. Esta satisfação auto-erótica mostra-se como produto de um investimento primordialmente narcísico, onde os objetos que foram incorporados ao ego tornaram-se fontes de prazer. Já o segundo (o ódio) na verdade é anterior ao amor, já que a nossa primeira relação com um objeto é realmente de ódio, pois há uma perda (nossa) para com este objeto, para obtermos a possibilidade de amá-lo posteriormente. A primeira reação do ego com relação ao mundo externo é de desprazer, derivado do acúmulo de estímulos que não podem satisfazer-se.

A priori o movimento pulsional que pretendia uma ligação amorosa com um objeto não vai em busca de uma benesse qualquer, mas sim que deste entrelaçamento entre a pulsão e o objeto possa advir um lucro, aonde foi necessária uma certa quantidade de investimento libidinal. Este lucro que a pulsão requer para si é a obtenção de prazer através de sua satisfação enquanto encontro com o objeto. Caso haja o rompimento desta ligação de amor com um objeto, normalmente o ódio poderá surgir em seu lugar. Agora, o que acontece é que este ódio também poderá ser erotizado, ficando assim assegurada a continuidade da ligação de amor. Para o masoquista, o desprazer é altamente prazeiroso. Para o sádico, o desprazer, no outro, é altamente prazeiroso. A antítese amor-ódio deve permanecer no sujeito a bem da verdade, de sua verdade inconsciente. O amor só se assegura de sua inclusão no interrelacionamento entre dois objetos se se assegura que o ódio possa existir com a mesma intensidade que a sua. O amor

só se estabelece na presença do ódio e vice-versa. Um batiza o outro, como um padrinho, autorgando-lhe a possibilidade de sua plena manifestação através de seu objeto de desejo. A terceira vicissitude que Freud aponta como sendo um representante ideativo da pulsão é o recalcamento (traduzido para o português como repressão).

O recalcamento é um mecanismo que tenta tornar inoperante a pulsão sexual que estava prestes a se ligar a um objeto indesejável, ou mesmo a uma representação mental deste. A tentativa é fazer com que este representante ideativo da pulsão, tornar-se inconsciente. Novamente deparamos com o par antitético; prazer-desprazer. A tendência do indivíduo é sempre de tentar satisfazer as condições impostas pela pulsão. Na medida em que estas condições começam a tornar impraticável a sua realização de satisfação, a dor no seu sentido mais profundo começa a imperar. A impossibilidade de compactuar com a dor levaria o indivíduo a retirar da consciência esta sensação desagradável.

Freud já havia proposto nos seus textos anteriores à "TRAUMDEUTUNG" (1900), o conceito de censura, para falar de um mecanismo de defesa que tentaria evitar qualquer sensação inoportuna e desagradável. Na verdade, só em 1926 no texto INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA, Freud postulou o conceito de "censura" (no sentido de defesa) como um conceito geral e o recalcamento' denotaria uma particularidade deste. A partir disto, poderíamos inferir que a defesa é um processo que atinge o complexo psíquico e que tem por finalidade reprimir a idéia, suprimir o afeto e inibir o movimento. Assim, a defesa poupa a angústia evitando uma ação inadequada. Com isto estamos seguindo a linha de pensamento freudiana na qual idéia e afeto comprometem-se com esque-

mas diferentes, ou seja, o que se reprime é o afeto, mas o que se recusa é a idéia. Portanto, ambos (idéia e afeto) são passíveis de caírem nas malhas do julgamento de condenação (URTEILSVERWERFUNG). Demarcamos assim, que com a repressão da idéia, e a supressão do afeto, só o primeiro, isto é, a idéia pode ser inconsciente enquanto que para o afeto, Freud propõe três vicissitudes: "*1) Ou o afeto permanece, no todo ou em parte, como é; 2) ou é transformado numa quota de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em angústia; 3) ou é suprimido, isto é, impedido de se desenvolver*". E mais adiante: "*Sabemos também, que suprimir o desenvolvimento do afeto constitui a verdadeira finalidade da repressão, e que seu trabalho ficará incompleto se essa finalidade não for alcançada*" (FREUD, ESB, VOL.XIV, pág.204 - O INCONSCIENTE). As idéias, e esta é a diferença básica, são constituídas como CATEXIAS, traços de memória, enquanto que os afetos, como possibilidade quase que ilimitada do verbo amar, correspondem a processos de descarga, sendo portanto sentidas como este movimento de sentimentos que se imiscui em paixões.

A quarta e última vicissitude localizada como sendo também um representante ideativo da pulsão é a <u>sublimação</u>. "*Despertar a alma: este é, dizem-nos, o fim último da arte, o efeito que ela pretende provocar*" (...) "*A arte agiria, pois, como vivificante, como um fortalecedor da vontade moral, preparando a alma para se opor com eficácia às paixões*" (...) "*Precisa a arte conter algo de tão elevado que subordine tendências e paixões, precisa irradiar uma ação moral que encoraje o espírito e a alma na luta contra as paixões*" (GEORG W.F.HEGEL - Estética- A Idéia e o Ideal).

A sublimação surge na obra freudiana frequentemente

associada à identificação, ao narcisismo e à formação do caráter na medida em que é considerada um processo essencial à montagem do EU do sujeito *(6). Esta abordagem da sublimação pelo ponto de vista de formação do eu do sujeito, é vista pela psicanálise como um mecanismo ou um modo de defesa contra as pulsões sexuais, muito embora, a defesa situa-se antes do evento da sublimação, ou seja, a defesa articula-se com o recalque que sem o qual ela (a sublimação) não teria razão e nem possibilidade' de se fazer existir, pois a sublimação visa atingir um certo grau de satisfação, ao contrário da defesa. Concordamos com Daniel Lagache quando este afirma que a sublimação torna-se um "alívio" para a pulsão. Alivia-se a pulsão reprimindo aquilo que estaria em conflito direto com uma certa excitação sexual, resvalando esta tendência inicial (sexual) para uma atividade eminentemente artística. A arte é bela, sublime e francamente aceita pelo sócio-cultural. A rasuração do drama edipiano encaminha-se por aí, isto é, a pulsão que era sexual, é desviada e derivada para um alvo não sexual. Mas este mecanismo não tem nada haver com o indivíduo ser assexuado, muito pelo contrário, como vimos, o afeto tomou um outro rumo e a idéia que até então vigorava - se falamos em Édipo falamos em incesto - foi retirada, recusada para um nível inconsciente e de um vez por todas o indivíduo é parte da cultura. A proibição da realização edípica é, por sua vez, fundante da cultura. É a passagem da natureza à cultura de que

(6) São inúmeros os textos de Freud, que tratam sobre a questão da sublimação, visto que, como dissemos é fator formador do EU. Citemos apenas alguns: "IDENTIFICAÇÃO", capítulo VII de Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921); "NARCISISMO, UMA INTRODUÇÃO" (1914); A 5ª Lição das "5 LIÇÕES DE PSICANÁLISE" (1910); "O EGO E O ID" (1923) e sobretudo seu estudo sobre "LEONARDO DA VINCI" (1910), entre outros.

fala Lévi-Strauss.

Vejamos um pouco da leitura que Freud faz de Leonardo da Vinci: "... *Leonardo representava a fria rejeição da sexualidade* " (*pág.64*). "*Tão resolutamente se abstém de todo o tema sexual que dá a impressão de que somente Eros, o preservador de todas as coisas vivas, fosse assunto indigno para o pesquisador em sua busca da sabedoria*" (*pág.65*). Aí está a possibilidade para se alcançar uma sublimação bem sucedida, quer dizer, é o impedimento da irrupção do desejo sexual. Este movimento tenderá a evitar todo e qualquer sofrimento nesta área da sexualidade. Da Vinci retira, como se isto fosse possível, de si próprio, sua sexualidade, transpondo-a com mestria para suas telas ainda virgens em branco. É preciso que se possa e saiba fazer alguma coisa, socialmente bem aceita, em troca da supressão da pulsão sexual. Não sei se é correto pensar que quanto maior o talento menor o tormento. Uma afirmação como esta, na psicanálise, que enfoca o sujeito em toda sua subjetividade, poderia ser altamente perigosa e comprometedora num trabalho de análise no consultório. Nas "Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise" (1912), Freud diz que "*nem todo neurótico possui grande talento para a sublimação; pode-se presumir que muitos deles de modo algum teriam caído enfermos se possuíssem a arte de sublimar suas pulsões*" (*FREUD, ESB, VOL.XII, pág.157*).

Ficamos assim pensando neste destino da pulsão que segue o caminho da prática para a teorização que ganha forma e conteúdo nas atividades sócio-culturais. Perde sua finalidade original (sexual) para uma finalidade filantrópica (no sentido de doar aquilo que é seu) para a sociedade. Ficamos também pensando na obra toda de Freud, que sem dúvida pode-se constituir num

belo exemplo de sublimação (e quem sabe até nossa pequena e modesta tese - why not?)

Uma pausa aqui faz-se necessária para podermos observar e não perdermos a linha mestra de nosso tema central que é o desejo em suas implicações psicanalíticas. Podemos novamente observar pela nossa janela, este ser, Freud, que passa ao mesmo tempo por debaixo e através dela. Percebemos assim um Freud que se debruça sobre a história de seu próprio pensamento, fundando a cada página que se vira o drama de suas paixões e amores, bem como de seus ódios e descrenças. Seu ceticismo com relação ao sujeito humano o engendra numa batalha de descobrir toda verdade sobre o homem, mas quanto mais ele se aprofunda no conhecimento do inconsciente ele vê que este sujeito é sujeito da dúvida, da incerteza e que sua própria desconfiança é a desconfiança cética do homem. Esta é a luta que ele trava consigo mesmo. É a luta que ele trava com seus pacientes. E é a luta que ele trava com seus novos discípulos ou antigos dissidentes. Ao abrir e descortinar o inconsciente de seus pacientes, Freud revela pouco a pouco seus próprios tropeços, suas próprias fraquezas, suas próprias formações inconscientes. Nesta batalha que se formou, ele sabe que NÃO HÁ MAIS VOLTA, pois a peste havia para sempre se alastrado.

Aí está o ponto central em nossos questionamentos e indagações. Se o que é dito não pode ser abolido, afastado, este "dito" muitas vezes torna-se maldito ou mesmo mau dito. Só em outra instância é que poderemos recalcar a idéia deste dizer, tornando-o inconsciente. Mas se se diz ou fala é que alguma coisa quer se tornar presente. Presentificar em ato ou ação uma idéia. Então, se o maldito ou o mau dito, alcançam a história '

do sujeito engendrando um pensamento ou um sentimento, isto que lhe causa estranheza ao ser proferido o som, a palavra, deverá ser escutado. Todo som (humano) pede uma escuta. Até mesmo o grito ou o choro dos bebês reclamam um ouvido atento materno. Mas o sentido da fala do sujeito em análise ganha outra dimensão a partir da escuta do analista. A linguagem que o sujeito lança mão para se comunicar com o outro é de fundamental importância' para sua própria compreensão e a compreensão deste outro também. As variantes de um fonema ou os chamados ALOFONES podem produzir naquele que os expressa mais do que simples erros ortográficos, como por exemplo, o que é muito comum em nossa língua portuguesa (con)fundirem MAU com MAL. Isto pode provocar um MAL-ESTAR, isto é, um posicionamento incorreto. Queremos chamar a atenção que muito embora este posicionamento possa parecer incorreto, na verdade se este sujeito está numa análise, esta seria a sua verdade (re)velada. Se pensarmos uma língua estrangeira como sendo sinônima desta linguagem inconsciente, afim de apenas nos fazermos entender melhor, podemos então estar de acordo com Joaquim Mattoso Câmara Jr., quando este diz que *"o grande problema de quem fala uma língua estrangeira não é a rigor a mã reprodução* (grifo nosso) *dos alofones, mas o de emitir os verdadeiros traços distintivos dos fonemas, sem insinuar, sem sentir os traços distintivos dos fonemas mais ou menos semelhantes da língua materna, às vezes com confusões pertubadoras e cômicas"* (grifo nosso)- (*Joaquim Mattoso Câmara Jr. - Estrutura da Língua Portuguesa - pág.25 - Editora Vozes - Petrópolis, RJ, 1970*). É de forma análoga que se processam as formações do inconsciente, com seus chistes, atos falhos, sonhos, etc.

O que queremos dizer, para não perdermos mais o des

tino das pulsões, é que há uma repetição do erro do passado, confundido nesta linguagem materna no presente, quer o sujeito queira ou não. Não depende esta repetição de sua vontade, mas sim de seu desejo inconsciente. Portanto, a expressão NÃO HÁ MAIS VOLTA, só diz respeito à proposição teórica de Freud, mas não a proposição do "inconsciente" freudiano. É aí que ele se depara com a COMPULSÃO A REPETIÇÃO, noção que vai articular no seu texto de 1920, ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER. É o que nos permite pensar junto dele a questão do desejo em sua relação mais íntima com a PULSÃO DE MORTE. Para este enfoque, passaremos a contar a partir de agora em nossa tese, com o subsídio da maior importância que nos legou a Escola Francesa, com suas releituras do pensamento freudiano, desde Jacques Lacan.

A questão que eu mesmo me pergunto é porque Lacan só a partir de 1920, se ele faz uma releitura total do texto freudiano, ou seja, desde os idos de 1895 e os Estudos sobre a Histeria? Vou tentar lançar mão do próprio Lacan para tentar responder esta questão, quando ele diz que *"não me procurarias se já não me tivesses achado"* (*J. Lacan - A Excomunhão "in" Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, pág.15 - Livro 11 - Zahar Editores*). Esta proposição diz respeito a compulsão a repetição, a pulsão de morte e fundamentalmente a posição do analista frente ao analisando como pré-requisito à situação transferencial. Mas isto já é uma outra história que veremos um pouco mais adiante. Por ora, pensemos apenas que Jacques Lacan teve inicialmente uma formação psiquiátrica, como discípulo de Clerambault, iniciando sua carreira teórica em 1932, com uma tese de doutorado sobre a paranóia: *"de la psychose paranoiaque dans ses rapports avec la personnalité suivi de premiers écrits sur*

la paranõia" (*Éditions du seuil, Paris*). Mas Lacan não pára aí, como podemos ver no final deste livro, a quantidade enorme de artigos que ele já havia publicado na Sociedade de Neurologia, na Sociedade Clínica de Medicina Mental, na Sociedade de Psiquiatria, na Sociedade Médico-Psicológica e em outros periódicos que circulavam na época. Ao se debruçar sobre a psicanálise, a primeira preocupação de Lacan é com o "estádio do espelho" ou seja, as questões relativas à temática freudiana do ego, da identificação e principalmente do narcisismo. Como nos conta Eginardo Pires, *"a partir do DISCURSO DE ROMA, de 1953, dã-se uma virada com a abordagem do inconsciente e da ação analítica do ponto de vista da linguagem e com a tematização crescente da estrutura simbólica que determina a existência do sujeito..."* (*Eginardo Pires, Lacan - Écrits - Revista Tempo Brasileiro, nº 21/22, pãg.187 - Rio de Janeiro*). A partir daí, a trilogia lacaniana se remeterá além do simbólico, às questões imbricadas' com o imaginário e o real (este é o tema de seus últimos seminários da década de 70).

Quando da morte de Lacan, a 09 de setembro de 1981, aos 80 anos, Hélio Pellegrino disse ao Jornal do Brasil, num texto intitulado "O espelho quebrado": *"Lacan é* (percebam que o verbo ser está no presente enquanto que deveria ter sido usado o modo "foi", já que ele tinha falecido - mas sua obra não-o que marca uam segunda vida para quem escreve) *depois de Freud, a mais importante figura jamais surgida no campo da psicanálise. Sua função, que ele assumiu com todas as letras, foi a de encarnar, com plena originalidade, um retorno a Freud e à mordência revolucionária de sua descoberta (...) Lacan é, por assim dizer, um desabrochamento, um florescimento rico e matizado da descober*

ta freudiana".

Vejamos então, isso que nos faz falar do morto e do lugar do morto enquanto vivos. Pensemos então nesta pulsão e neste desejo, que não são a morte, mas ao contrário, o que produz vida enquanto tentativa de encobrimento de uma falta, de uma ausência.

V. FREUD E LACAN: SOB OS AUSPÍCIOS DA PULSÃO DE MORTE

O morto é sereno,
gelado e pequeno,
gigante e obsceno.

(*Waldemar Zusman*)

"Do céu, através do mundo, até o inferno..."

(*Goethe, Fausto - "Prólogo no Palco"*)

V.1. HISTÓRIAS...

Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Creio não ser sem propósito a escolha deste tema (além do princípio do prazer) para o ano de 1920, ou seja, dois após o término da Primeira Grangrande Guerra Mundial. Não me parece também fora de propósito , do ponto de vista histórico, a elaboração no ano seguinte do seu "Psicologia das Massas e Análise do Ego" (1921), que a partir das constribuições de Gustav Le Bon, Freud vai estudar a questão dos líderes, dos grupos artificiais - igreja e exército (SIC!) e principalmente a questão da identificação.

Ainda em 1900, Freud começa a se preocupar com o tema da morte quando desenvolve um texto intitulado "Sonhos sobre a morte de pessoas queridas". São o que ele chama de sonhos típicos, estes que geralmente contêm a morte, de um parente querido (pais, irmã, irmão, filho, etc.). Mas é em 1913 com "O tema dos três escrínios (porta-jóias), que Freud parece adentrar-se' de forma mais contundente pela primeira vez, no tema da morte.

Psicanaliticamente, ele vai dizer que os três escrínios são três mulheres que possuem como marca de mulher, a cavidade - caixa de jóias. Símbolo de falta - aquilo que guarda (o escrínio) o que não se tem (o falo) a mulher, ou melhor, três mulheres são escolhidas por um homem que "poderá dar-lhes" o que não têm. Tal o é em "O Mercador de Veneza", de Shakespeare ou ainda de forma de análoga em "Rei Lear", do mesmo autor. Freud reúne alguns mitos, lendas, contos e ao final tem diante de si Cordélia, Afrodite, Cinderela e Psiqué que possuem algo em comum. São a mais jovem de três irmãs e a escolha de cada uma delas implica inevitavelmente num silêncio - de morte. Ouçamos o próprio Freud: *"Seria certamente possível coligir outras provas, nos contos de fadas, de que a nudez deve ser compreendida como representando a morte. Estas indicações levar-nos-iam a concluir que a terceira das irmãs entre as quais a escolha é feita é uma morta... a Deusa da Morte"* (FREUD, ESB, VOL.XII, pág.373).

Em Totem e Tabu, também de 1913, Freud retoma a questão da morte, desta vez do pai, quando fala do mito da horda primitiva. Parece que Freud neste texto, tenta elucidar o movimento de atitudes do homem na sua relação com a morte na civilização humana, ou seja, não só com relação a morte individual, mas também com relação à morte causadora de um desamparo humano. Desamparo que poderia ser seu próprio, pois Fliess o havia setenciado a morrer aos 51 anos. Haveria um sentimento inconsciente' de Fliess em querer matar Freud precocemente? Isto pode ser análogo ao que eu ouvi de um menino de 4 anos tentando dar um desfecho na história que acabara de contar "... *aí, pelo resto da vida ele morreu*". Quer dizer, ficou morrendo pelo resto da vida tal e qual no conto. "A terceita margem do rio" de João Guima-

rães Rosa, onde um homem sai de uma margem com seu barco, parando-o no meio do rio. Fica ali parado, mudo (feito as três mulheres), inerte, feito morto. *"Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio - pondo perpétuo"* (J. Guimarães Rosa - A Terceira Margem do Rio, "in" - Histórias Mineiras, pág. 59 - Editora Ática, São Paulo, 1984).

Contrariando então esta "mineirice" que é ficar quieto, calado, assuntando sobre a vida, voltemos a falar de Freud e suas dificuldades no pós-guerra.

Um longo silêncio foi imposto entre Freud e seus mais ardorosos correspondentes. A revolução bolchevista de 1919, cortou todas as comunicações entre a Áustria e a Hungria, bloqueando assim a correspondência entre Freud e Ferenczi. O rigoroso inverno vienense, acrescido da parca calefação e escassez de comida, não impedem que Freud nestes anos do pós-guerra continuasse escrevendo e atendendo a seus pacientes. É Ernest Jones quem melhor descreve a situação caótica em que tudo se encontrava: *"Tudo havia atingido um estado de marasmo em Viena... Os invernos de 1919 e 1920 foram de todos os piores... Era preciso que se tivesse um espírito forte para manter-se sentado imóvel* (JAMAIS QUERENDO SAIR DE SUA POSTURA PSICANALISTA!) *e tratando dos doentes durante horas a fio, nesse frio mortal..."* (E. Jones - Vida e Obra de Sigmund Freud - pág. 575, Zahar Editores - RJ). As mortes aproximam-se de Freud e a recíproca é verdadeira. A 20 de janeiro de 1920, morre Anton von Freund (Freund curiosamente em alemão quer dizer amigo), seu grande amigo, o que o abala profundamente. Juntos e mais Ferenczi e Otto Rank, iriam abrir uma editora para publicações psicanalíticas. Jones novamente nos fala: "... *e Freud observou que von Freund havia*

morrido heroicamente, sem causar vergonha à Psicanálise... Freud afirmou que essa morte havia sido um importante fator de seu envelhecimento" (E.Jones, *Ibid, pág.584*). Envelhecimento que lhe conduzia à morte, portanto. Mas as aproximações da morte não param aí. No dia do enterro de von Freund, Freud recebe a notícia de que sua segunda filha, Sophie, apanhara uma gripe que já tinha matado inúmeras pessoas na Europa. E faz mais uma vítima... Freud escreve à Ferenczi: "*Meu caro amigo, não se preocupe comigo. À parte um pouco de fadiga (Freud ainda faria 33 operações de cancro do maxilar), continuo a ser o mesmo. Esta morte, por dolorosa que seja, não encontra em mim nenhuma concepção do mundo que possa alterar. Preparei-me, durante anos, para suportar a perda de meus filhos. Chega agora a da minha filha; como sou profundamente descrente, não tenho ninguém a quem acusar e sei que não existe lugar algum onde possamos ir fazer lamentações...* (evidencia-se seu ateísmo). *No mais íntimo de mim agita-se o sentimento duma profunda e incurável ferida narcísica. Minha mulher e Anna estão completamente transtornadas, mas num sentido mais humano"* (*Marthe Robert, Eros e a Morte - "in" A Revolução Psicanalítica, pág.337, Livraria Martins Fontes Editora - Santos/SP*).

Sim, novamente a expressão verbal: "deveis à natureza uma morte", ganha sentido. Deveríamos agora nos perguntar por que foi que Freud postulou a pulsão de morte? Mais ainda, quais seriam seus pressupostos ao formulá-la? Tentaremos desembolar estes emaranhados e nós da linha presa a um carretel que também fez história.

V.2. COMPULSÃO À REPETIÇÃO

Não podes consolar uma alma
dilacerada
Arrancar da memória a aflição
enraizada
Riscar do cérebro as perturbações
gravadas nele?

(SHAKESPEARE, *Macbeth* - *Ato V* - *Cena 4*)

"No fundo, ninguém crê na própria morte ou, o que vem dar no mesmo, em seu inconsciente; cada um de nós está persuadido da própria imortalidade".

(*Sigmund Freud*)

Partimos da premissa básica de que a característica universal das pulsões é a de restaurar um estado anterior das coisas. Conseguiriam? Não, não é tão simples quanto a difícil arte de restaurar uma pintura ou uma porcelana que se estilhaça em mil pedaços.

A primeira vez na qual Freud utiliza a expressão "compulsão à repetição", é no texto "Repetir, Recordar e Elaborar" de 1914. Tanto quanto como no texto dos três escrínios, a questão do silêncio é mortal, pois diz Freud, que ao enunciar a regra fundamental da psicanálise, normalmente o sujeito diz que nada tem a dizer, ou seja, por ainda não operar a transferência ele, o paciente, não é capaz ainda de fazer uma declara

ção - de amor ou ódio - o que daria no mesmo. O que está a serviço do paciente é a sua resistência ao recordar qualquer coisa, pois isto poderia lhe custar caro. Por isto, entre outros motivos, que a psicanálise é cara ao sujeito. *"Enquanto, diz Freud, o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar"* (*Freud, ESB, VOL.XII, pág.197 - Repetir, Recordar e Elaborar*).

Em "Além do Princípio de Prazer", Freud retoma a questão dos sentimentos de prazer e desprazer que já haviam sido discutidos no texto "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" de 1911, quando abordava o princípio do prazer (processo primário) versus o princípio da realidade (processo secundário). Apesar do princípio do prazer decorrer do princípio de constância, ou seja, tender a um sentido de estabilidade não podemos afirmar que é só este princípio que predomina na mente humana, embora exista uma "forte tendência" para a realização de seus objetivos. Freud faz referência à Fechner dizendo que embora haja uma forte tendência em relação a um objetivo, este é "atingível apenas por aproximações". Equacionar o porquê destas aproximações, poderia constituir para Freud a solução do enigma que é o jogo de opacidade e transparência da repetição. Repetição de um ato. Repetição de uma falta. Qual o porquê destas coisas? Tentaremos também por aproximações responder a isto.

Repetição - partamos (no sentido de cindir e o de prosseguir caminho): RE = do latin retro, atrás, movimento para trás; PETIÇÃO = requerimento. Requere-se novamente o que ficou pra trás. Este é o movimento que dizíamos ser o da pulsão:

restaurar um estado anterior de coisas. Pedir novamente um efeito àquilo destituído de sentido. Este é, também, o movimento do desejo inconsciente. Atender ao princípio do prazer (na tentativa de restaurar), é o que pretenderia o sujeito mas, ao contrário, em certas ocasiões ele pretere isto em função de um certo privilegiamento do desprazer, ou seja, há um adiamento deste prazer. O que ocorre nestes casos, é que mesmo tentando uma aproximação de seus objetivos, a pulsão sofre uma repressão, afastando assim a possibilidade de satisfação.

Diz Freud: "*Em consequência do velho conflito que terminou pela repressão, uma nova ruptura ocorreu no princípio de prazer no exato momento em que certas pulsões estavam esforçando-se, de acordo com o princípio, por obter novo prazer*". E mais adiante: "*... não há dúvida, porém, de que todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal*" (FREUD, *Além do Princípio de Prazer*, ESB, *VOL.XVIII, pág.21*). É neste momento em que aquela forte tendência ao princípio prazer da qual falávamos, tem o seu desfalecimento numa reverência incondicional ao desprazer. Na página 23 deste mesmo texto, Freud afirma que "*a terrível guerra que há pouco findou (refere-se à 1ª Guerra Mundial), deu origem a grande número de doenças deste tipo...*" Ele faz alusão à neurose traumática, aproximando-a da histeria pela quantidade enorme de sintomas motores semelhantes. Grifamos a palavra motores por querermos reafirmar que a repetição é de um ato que tende a por em marcha, inutilmente, seu próprio desejo. Inutilmente porque seu desejo não é próprio, porém de outro. Veremos isto mais adiante. Esta "motricidade" é capaz de acordar um sujeito num sonho em correlação direta com uma neurose traumática, se este

leva-o novamente à cena ou situação de seu acidente. Estaria sempre o sonho em posição direta frente a realização de desejos como havíamos visto? Se esta realização de desejos estaria numa vinculação imediata com o princípio do prazer, poderíamos dizer que a compulsão à repetição sobrepuja este mesmo princípio. Este é o seu fim. Queremos dizer que está na relação mais profunda este desejo, com a pulsão de morte. O fim último da vida deveria ser a morte, ou como nos diz o próprio Freud em 1915 nas "Reflexões para os tempos de guerra e morte": *"Se queres a vida, prepara-te para aceitar a morte"*. Ainda outra frase lapidar quando diz que *"a vida é a inauguração da morte"*. Portanto, é neste jogo de plena repetição de uma certa intersubjetividade que se dá a vida. Se isto se dá no plano da intersubjetividade, é então em referência a um outro sujeito que me constituo. É de certo, na presença e na ausência deste outro, que ao sujeito é dada a possibilidade de elaboração daquilo do qual não se tem compreensão.

É deste jogo que o próprio neto de Freud brincava, do qual queremos falar. O jogo é da própria autoria deste garotinho de um ano e meio de idade que não chorava quando sua mãe se ausentava. Segundo observações do próprio Freud que passara algumas semanas em sua casa, o garoto invariavelmente jogava o que estivesse ao seu alcance, sob a cama, o mais longe possível, o que era acompanhado à primeira impressão de uma interjeição assim ouvida o-o-o-ó, mas logo compreendida por sua mãe e por Freud como sendo o advérbio "FORT". Esta brincadeira ganhou maior expressão quando a criança de posse de uma linha atada a um carretel pode realmente jogá-lo para em seguida

acompanhado de um sorriso pleno de satisfação, puxá-lo emitindo desta vez um alegre "DA". FORT quer dizer "embora" ou ir embora, ausência, e DA entende-se como "ali" ou está aí ou ainda presença. Entre, então, o desaparecimento (ausência) e o retorno (presença), não restava a menor dúvida (pois o próprio garoto' eliminava esta dúvida ao "concluir" sua brincadeira) que o segundo ato desta cena, ou seja, o "DA", era sentido como sendo de maior prazer e satisfação. "*A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia pulsional (isto é, a renúncia à satisfação pulsional) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance*". (FREUD, A.P.P., ESB, VOL.XVIII, pág. 27). A rigor, isto que o garoto fazia era tudo o que Freud não havia conseguido fazer com seu amigo Anton von Freund e sua filha Sophie, ou seja, trazê-los de volta. Cremos que neste momento, junto do sorriso da criança, provavelmente existiria outro, o do próprio Freud, pela compreensão tão clara desta magia infantil que é o jogo de "cabra-cega" que nossas pulsões brincam sem cessar.

Este estranho e obscuro objeto do desejo, que era a mãe e suas ausências, para o garoto, poderia naquele momento através deste jogo pleno de repetições, fazer e autorizar o renascimento dela, dentro dele próprio, harmonizando-se assim em conjunção com o princípio de prazer. Freud lança mão de uma outra interpretação ao dizer que o movimento da criança de "jogar fora" (observemos esta expressão como também um não jogar dentro dela mesma, numa tentativa de evitar o desprazer)o brin

quedo, "*poderia satisfazer um impulso da criança, suprimindo na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela. Nesse caso, possuiria significado desafiador: pois bem, então vá embora! ' Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora*". (FREUD, A.P.P., ESB, VOL.XVIII, pág.28).

Esta atitude de sensível ambivalência (possui duas valências: FORT e DA) registra uma marca em sua mente, a qual seu desejo inconsciente tentará dar conta num futuro, novamente deste jogo, repetindo-o ao invés de recordá-lo.

Na análise poderemos verificar com maior clareza esta atuação (acting out) do paciente numa neurose de transferência em relação ao analista, isto é, a neurose primitiva que foi substituída por esta de transferência. O paciente repete compulsivamente o material recalcado, o que de certa forma seria sentido como desprazeiroso pelo ego, pois traz à baila as atividades das pulsões também recalcadas. O que volta, e por isso revolta, não é o novo (e isto é óbvio) mas sim o mesmo material de antigamente. Faz-nos lembrar da lei da inevitável periodicidade da vida proposta por Fliess, assim como também do "eterno retorno do mesmo" proposto por Nietzsche. Mas este mesmo material de antigamente só nos volta por aproximações, pois "aquilo" foi recalcado, portanto, não havendo mais retorno. Então, o que volta é a diferença que se faz presente. O que volta é outra coisa, que na análise se faz possível através da transferência. A tentativa de se resgatar o mesmo produz a diferença. Ainda mais, só se é "um" a partir desta vivência da repetição que nos remete ao "ZERO", isto é, só se ganha a vida através da vivência da pulsão de morte. Esta é a lógica mínima do significante. Poderemos compreender melhor esta ques

tão a partir do texto "A Sutura", estabelecido por Jacques-Alain Miller. O que engendra a cadeia significante? A fala, poderíamos responder. Mas também como nos ensinou Miller que a própria questão da identidade passa a ser "um" (deixando portanto de ser zero), dando possibilidade assim a formação da cadeia significante.

É através, repetimos, da vivência da pulsão de morte (do zero, da falta, do vazio, da sutura) que poderemos permitir-nos (e ao outro também) o acesso à via, por conseguinte a cadeia significante. Na questão da identidade sabemos que não passa pela razão da igualdade, aonde os números se emparelham' e se anulam. Toda identidade é igual a um (1). Portanto, partindo de uma sequência de números naturais, verificaremos que o zero (0) não é idêntico a si próprio, mas sim o que sobra desta equação é o mais um (+1). Assim temos que o zero não é idêntico a si próprio, porque o número que lhe atribui é, um (1).' Miller toma de Frege a noção de que "um conceito subsume objetos" e, mais ainda, que o número é atribuído ao conceito. Esta relação de identidade propiciará então que um número ou um objeto (subsumido pelo conceito) opere na sua sequência pela sua <u>diferença</u> em relação à operação que o engendra, ou seja, é a própria identidade que lhe dará o mais um (+1), que é necessário à estrutura da <u>repetição</u>. A estrutura da repetição é a própria estrutura da cadeia de significantes (que engendra o sujeito do inconsciente), proposta por Jacques Lacan. Esta lógica proposta por Gottlob Frege, ao problema do número, do zero e do sucessor que engendra o mais um, será igual ao proposto por Lacan ao falar da cadeia de significantes ou melhor à lógica do próprio significante. "*Esta lógica mínima é conside-*

rada, por Jacques-Alain Miller, como a lógica da origem da própria lógica, que prescreve a sua jurisdição, mas permanece fora dela, na medida em que a inaugura". (Brasil, Circe N. Vital - *Análise da estrutura do inconsciente - "in" - A Estrutura do Inconsciente e as Estruturas Inconscientes, pág.46 - TESE DE MESTRADO - PUC/RJ*). Esta "origem da própria lógica", é o que o Lacan chamou do Significante primordial, o S_1, como sendo aquele que inaugura um discurso do "infans" e que dele só se tem notícias apenas por aproximações a partir de S_2, que o engendra produzindo assim um sentido.

Aí está este lugar de sutura de "caput mortuum" que produz a exclusão do sujeito para fora de seu próprio discurso lançando-o definitivamente a um lugar de reverência ao Outro.' É este caminho que leva o sujeito de casa até ao consultório do analista, por supor que é este Outro, que lhe dará aquilo que falta. Este S_1 para sempre perdido. O paciente supõe que é o analista que sabe e lhe dará a cura para sua repetição, que para ela é puro "non-sense". É o sujeito-suposto-saber como diz Lacan, que é atribuído não por outro, a não ser por aquele que sofre e nos procura como analista para redenção de seus pecados que repetindo o incomodam a não mais suportar.

Na sua estrutura de repetição, é o preenchimento' dessa falta, dessa ausência, que é pedida em forma de demanda de amor ao analista. Mal sabe ele que quanto mais ele pede, dialeticamente, mais ele repete aquilo que falta, distanciando-se cada vez mais de seu objeto perdido. A tentativa de recuperação deste objeto, Freud já dissera quando de sua TRAUMDEUTUNG, que o sonho é a realização (disfarçada) de um desejo recalcado. Tenta-se suprir esta falha desejante através do sonho que evi-

ta ao sonhador a triste tarefa de acordar e defrontar-se com a realidade. Observemos esta situação no sonho do pai que tem um filho morto no quarto ao lado. Para dar vida ao filho (negação de sua morte), o pai sonha que este vem até a cabeceira de sua cama e lhe diz: *"Pai não vês que estou queimando?"*. Este filho está sendo devorado pelas chamas (literais do fogo) e também pelo verbo chamar que é o puro desejo ardente de seu pai. Josué Montello, o acadêmico "imortal", disse certa vez numa entrevista que "a pessoa coleciona mortos pelo resto da vida..." Ouçamos Lacan: *"... o filho morto pegando seu pai pelo braço, visão atroz, designa um mais-além* (grifo nosso) *que se faz ouvir no sonho. O desejo aí se presentifica pela perda imajada ao ponto mais cruel, do objeto. É no sonho somente que se pode dar esse encontro verdadeiramente único. Só um rito, um ato sempre repetido* (grifo nosso), *pode comemorar esse encontro imemorável - pois que ninguém pode dizer o que seja a morte de um filho - senão o pai enquanto pai - isto é, nenhum ser consciente"* (*Lacan, J. - Tiquê e Autômaton - "in" O Inconsciente e a Repetição - pág.60 - Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise - Zahar Editora/RJ*).

O encontro é então sempre encontro de uma falta, donde podemos inferir que o repetir é um ato criativo, pois que repete uma outra coisa num outro lugar. Não existe o plágio poderíamos assim dizer. *"O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz"*. (*Lacan, J., Ibid, pág.56*).

É esta atitude criadora do menino com seu carretel, na medida em que tenta repor o que foi deposto de seu lugar. Engendra no seu automatismo de repetição o mito das pulsões que move e o demove de seu lugar frente ao objeto de seu

desejo. Sabemos que toda pulsão é conservadora na medida que tende a reestabelecer uma satisfação perdida. A pulsão de morte segue esta mesma tendência, ou seja, a de repetir o que não se lembra. Repetição vazia sem conteúdo nem representação. A finalidade da pulsão de morte é repetir como vã tentativa de inscrever no consciente aquilo que já está subscrito no inconsciente. Há, portanto, uma impossibilidade de encontro, pois que já na primeira vez houve fracasso. O caminho para trás está totalmente impedido. Mais a frente é o lugar no qual o paciente coloca o analista, pois sendo assim, este se torna seu único meio de pedir (e não impedir) algo. Mas é aí que o paciente se engana, pois o analista não oferece um saber ao paciente. Espera, o analista, a repetição (do paciente), pois esta é a condição de possibilidade de cura.

O menino observado por Freud no seu jogo do carretel, confabula ausência e presença num dualismo próprio que só faz apontar para o terceiro (que é sua possibilidade de vida) nesta relação.

"Pienso que no hay un nacimiento ni un renacimiento posible del sujeto si no prestamos la mayor atención y no nos mantenemos fieles al trabajo de la pulsión de muerte". (Leclaire, Serge - La Pulsión de Muerte - "in" Conferencias y Seminarios - pág.31 - Fotocopia de trabalho apresentado em novembro de 1975 em Buenos Aires).

É pela linguagem que o menino balbucia, que o seu inconsciente vai se estruturando, pois como diz Lacan, "*o inconsciente é estruturado como uma linguagem*". Assim, seu inconsciente estrutura-se entre um fort e um da, isto é, palavras que se cruzam, em seu próprio inconsciente. Perguntamo-nos pois, que

sentido dão as palavras que se cruzam e cruzando-as, que filho sintoma elas geram? Ora, sabemos que a palavra maldita também é a palavra mau dita, portanto, pelas formações do inconsciente (chiste, ato falho, sonhos, sintomas, etc.) podemos aclarar para o paciente seus pontos obscuros (obscuro objeto de desejo) da qual sua voz e sua fala enquanto discurso inconsciente são portadores. O que volta, através destas formações do inconsciente, revolta, principalmente na clínica do neurótico obsessivo, quando podemos observar suas religiosas repetições que são parte inseparável da ORGANIZAÇÃO de sua vida. A angústia da dúvida faz com que ele repita evitando a diferença, mas já sabemos que toda repetição é da ordem da diferença, portanto, cada vez mais sem o saber se afasta daquilo que ele não queria perder. Freud na análise do "Homem dos ratos", faz uma extensa explicação da questão da neurose obsessiva, da dúvida e da repetição que produz efeito criativo. Efeito de sêmem. Gisela amén. E por falarmos em "amén" e "religiosas repetições", vêm-me a lembrança uma frase dita numa epístola de Paulo a um de seus apóstolos, que talvez esclareça um pouco mais sobre este assunto. A frase dita por São Paulo é a seguinte:

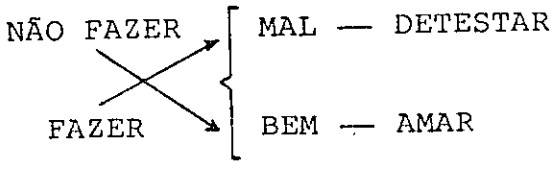
"EU NÃO FAÇO O BEM QUE AMO E
FAÇO O MAL QUE DETESTO"

(Romanos 7:19)

Olhando a primeira vista esta frase como um todo, não nos leva a muita coisa a não ser a questão já citada de seu cunho teológico. Lembremos que o que se repete visa a uma proteção contra o desprazer. Há, portanto, uma noção vista até na clínica, de um certo impasse daquele que repete compulsivamente. É o seu nó cego, poderíamos assim dizer, pois há um pon

to externo ao ego, que produz a repetição que é ao nível inconsciente. É interessante notarmos que os três primeiros capítulos de Além do Princípio do Prazer (1920), Freud os escreve com um embasamento clínico e após este terceiro capítulo, *"o que se segue é especulação, amiúde especulação forçada..."* segundo palavras do próprio Freud (*FREUD, ESB, pág.39 - VOL.XVIII*). Quer dizer que após o princípio do prazer, o sujeito (na sua compulsão à repetição) aparece mais como efeito do que como agente.

Na gramática da língua portuguesa podemos dizer de um "sujeito inexistente" quando enunciamos: Chove! ou, chove lá fora! A compulsão à repetição, gramaticalmente estaria ao lado deste sujeito inexistente. Com o sujeito analítico, a questão seria outra, pois verifica-se na compulsão ou automatismo de repetição, um abismo como na frase de São Paulo. Vejamos este esquema:



Como poderia, ou melhor, o que levaria São Paulo a não fazer o bem, que tanto amava e fazer o mal, que tanto o repugnava? Observemos pois, uma ruptura entre fazer e não fazer. Poderíamos inferir que no princípio do prazer o ego está a serviço do binômio BEM-AMAR e que o abismo do fracasso da ordem da repetição está no efeito ou no entrecruzamento do não fazer com o fazer. É certo de que alguma coisa escapa fazendo o que não é para fazer e não fazendo o que é para fazer. Assim, o sujeito inconsciente é o que está nos meandros da interdição. É o sujeito "assujeitado" a um Outro. Há uma ação (fazer) cujo saber me escapa. Se eu não sei, alguém sabe, ou algum Outro sabe.

Por isto esta frase de São Paulo pede uma interpretação, isto é, uma suposição de um suposto saber designado ao Outro. E isto me escapa. Então, o que é que do meu passado eu não posso dar conta, embora eu não possa dar conta do que é eminentemente essencial, esta conta existe? É o mais um (+1) de que falávamos há pouco e que engendra na cadeia significante como puro automatismo de repetição. O que escapa é um resto, uma falha na atribuição de mim em relação ou outro (imaginário) que está localizada nesta fronteira, nesta chave (⟩⟨) de entrecruzamento' das duas setas. Por não se dar conta, o sujeito em sua verdade inconsciente emerge, daí operando a repetição. Desta repetição nasce um sujeito que marca uma ruptura com o ego. É o sujeito*(7) da noção lacaniana e o ego como postulado desde Freud. Não há uma repetição ao nível do ego (à direita da chave: MAL-DETESTAR; BEM-AMAR) mas mesmo assim algo externo à ele repete. Este não saber é o do ego, pois ele e o sujeito se extranham, no exato momento em que a gente se olha sem se reconhecer. A partir disto lembremos da excelente noção de "A POSTERIORI" proposta por Freud, para falar do trauma ou mesmo das formações do inconsciente, pois são da ordem do sujeito (da enunciação) e não do ego, logo, o ego não sabe. O ego é eu poder dizer que eu amo o bem. Mas se faço disto uma obsessão, então já é outra coisa. Poderíamos dizer que o ego se forma no sintoma e com o sintoma. Queremos dizer que antes de viver o meu corpo, minha mãe já me diz frente ao espelho que isto é meu corpo, dando origem assim à impossibilidade do eu (ego) que se constrói nesta estrutura. A

---

(7) Na língua francesa para o <u>sujeito</u> utiliza-se o <u>je</u> e para o <u>eu</u> recorre-se à expressão <u>moi</u>.

"possibilidade" do sujeito numa análise só vai até este ponto de desfalecimento (FADING, como diz Lacan no seminário, "O desejo e sua interpretação", quando ele estuda o drama de Hamlet, que também ocupa esta posição de FADING, diante daquele que tendo matado seu pai, desposou sua mãe). A partir deste ponto, quase que mítico, não há possibilidade de retrocesso sob pena de se caracterizar talvez a estrutura do psicótico. O desejo, novamente Lacan, aparece no desvanecimento da demanda de amor.

A partir desta relação da criança com sua mãe (Outro), podemos inferir que há uma impotência do corpo e uma impossibilidade do espírito (alma). A condição de uma análise é dada então, na medida em que retira o outro desta impotência e o remete à impossibilidade.

E São Paulo diz logo após: "*Mas se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz* (É O OUTRO - grifo e notação minha) *e, sim, o pecado* (O QUE VEM DAR NO MESMO) *que habita em mim* (*Romanos 7:20*). Talvez, numa análise (SIC!) São Paulo tivesse tido a chance de dizer: "*Mas não posso fazer nada contra*".

Esta é a questão central da compulsão à repetição. "*Se o analista, na sua posição de observador participante na moldura terapêutica, com a receptividade de seu silêncio, traz a excitação de uma presença ausente* (*na metáfora lacaniana o analista "brinca de morto"*), *ela é que determinaria a ilusão produtiva* (*o erro necessário*), *porque traria a certeza ao analista de ser, para a analisando, este outro menor, objeto do desejo, que restringe o campo intersubjetivo à dimensão da transferência;* (...) *esta mesma restrição, reveladora no campo intersubjetivo, no desejo do analista que faz do analisando objeto*

do seu desejo". (Brazil, Horus, V. - Moldura, Interpretação e Transferência - "in" - TRANSFERÊNCIA E INTERPRETAÇÃO - pág.107, Editora Campus - RJ).

VI. SOBRE O DESEJO... E A LEI

"E se a própria alma vejo
com outro olhar,
pergunto se há ensejo
de por isto a julgar".

(Fernando Pessoa)

Que desejo há no Outro
que vira esta ampulheta,
e a areia se esvai...
Esvaziando-me em não mais do que
miragem de grãos de areia?

(Carlos Eduardo Leal)

"E como são estilhaços
do ser, as coisas dispersas
quebro a alma em pedaços
e em pessoas diversas".

(Fernando Pessoa)

VI.1. ADENTRANDO

"O estado de desejo causa uma espécie de atração positiva pelo objeto desejado ou, mais precisamente, pela sua imagem mnêmica..." (FREUD, ESB, VOL.I - Projeto para uma Psicologia Científica - 1895 - pág.427).

O "estado de desejo", termo empregado em 1895 por Freud, difere bastante do desejo na leitura lacaniana e mesmo da escola francesa atual. É óbvio que Jacques Lacan fez uma re-

leitura de Freud e, portanto, o conceito de desejo inconsciente é marca patenteada do próprio Freud. O que Lacan faz é um alargamento do uso deste termo. Que fiquemos assim bem entendidos.

Analisamos o desejo até aqui como sendo algo da própria teoria freudiana e com relação ao seu próprio autor. Foi no cerne dos sonhos que pudemos encontrar sua mais clara e contundente aparição, como o foi também na própria escrita freudiana. A partir de agora estaremos voltados para o tema do desejo em relação a si próprio e em relação ao que dele origina. Iniciaremos por demarcar suas fronteiras (se isto é possível em relação ao desejo) entre a necessidade e a demanda.

Antes porém, de iniciarmos o próximo tópico, recorreremos ao Vocabulário da Psicanálise (Laplanche e Pontalis, pág. 158 - da edição Lusitana), com o intuito de esclarecer o que não pode ser deixado à sombra. "... *o termo DESEJO não tem o mesmo valor na sua utilização que o termo alemão WUNSCH ou que o termo inglês WISH. WUNSCH designa sobretudo a aspiração, o voto formulado, enquanto o DESEJO evoca um movimento de concupiscência ou de cobiça em alemão traduzido por BEGIERDE ou ainda por LUST*". A escolha do termo BEGIERDE recai também para o modelo hegeliano do desejo em sua Fenomenologia do espírito. "*O que nos interessa para a explicação do Desejo em Hegel é a passagem da Consciência (BEWUSSTSEIN) para a Autoconsciência (SELBST BEWUSSTSEIN), passagem essa que é feita pelo Desejo (BEGIERDE)*". (*Garcia-Roza, Luiz Alfredo - O Desejo - "in" Freud e o Inconsciente - pág. 142, Zahar Editores*).

Lacan a partir de Freud, e atravessando vários outros viéses, como por exemplo a leitura de Hegel, reencontra para si a noção de Desejo (BEGIERDE) no seu valor mais profundo o

qual não se imiscui com a necessidade e com a demanda, como veremos agora.

VI.2. NECESSIDADE, DEMANDA E DESEJO

"Da barra que te pesa
e que te causa danos
da marra que te empurra
pros teus desenganos"

(Max de Figueiredo Portes)

Se o silêncio corrói o divã
a palavra corrói a alma sã.

(Carlos Eduardo Leal)

"En el centro del tratamiento y de la teoria psicoanalítica encontramos al deseo". É assim que Jacques Lacan inicia o seminário "O Desejo e sua Interpretação" que data de novembro de 1958 a janeiro de 1959).

É verdade que passados quase 30 anos, hoje podemos contar com uma leitura mais a acurada que envolve outros três registros que são o IMAGINÁRIO, o SIMBÓLICO e o REAL, além de outros esquemas topológicos que Lacan desenvolveu como o "quarternário do esquema L", elaborado no final do primeiro artigo de seu "Écrits" (1966), intitulado "A Carta Roubada", baseado num conto do mesmo nome de Edgar Allan Poe (1809-1849). Apesar de toda evolução do pensamento lacaniano e de seus seguidores, não só da Escola Freudiana de Paris, mas do mundo todo onde há psi-

canálise, o tema do desejo jamais perdeu a sua condição de ser um dos motores não só da investigação teórica bem como pela própria condução de uma análise pelo psicanalista. É desde Freud e no próprio Freud, como pudemos notar nestas páginas anteriores, que o desejo pede uma interpretação pois está sempre dirigido à um Outro como um apelo incessante e inesgotável. Dito de outra forma, é a partir da possibilidade (enquanto relação impossível) do surgimento do Outro que o sujeito se constitui e se ordena, estruturado desde então como linguagem. Aí está. Não há gênese da estrutura da linguagem, sendo esta pertinente a uma função desejante imanente ao próprio sujeito.

A possibilidade deste Outro é a possibilidade do discurso universal - inclusão do simbólico - pois que ele representa o final do arco-íris para o significante, isto é, ele é o tesouro dos significantes. Para a psicanálise o indivíduo' nunca é campo de partida, mas sim a sua linguagem, o seu discurso enquanto sujeito, pois que remete seu desejo estruturado como linguagem a um Outro que remete de volta a ele - desde uma posição dissimétrica (de onde o sujeito não espera ser falado), suas significações. Desde o capítulo anterior apontávamos para a fala como a que veicula a morte, além de produzir um efeito de marcas pelo corpo da criança. O infans - aquele que não fala - ascende a condição de sujeito inconsciente na medida que funda sua linguagem, "assujeitando-se", portanto, ao Outro. Poderíamos assim dizer que o corpo da língua é a fala e que seu destino marca o preço a pagar pelo tropeço.

Mas se estamos adentrando no tema do desejo, da demanda e da necessidade, esta última sem muita importância psíquica, mas vital no sentido biológico, é necessário que fale-

mos do falo previamente. É esta a questão do "PHALLUS" que remete a uma outra questão central da psicanálise, por onde também circulará o desejo, que é a castração. Necessário se faz aqui uma separação entre pênis e falo, embora a nível metodológico Freud tenha usado a palavra pênis, como por exemplo, para se referir ao "penisneid" (inveja do pênis) no inconsciente da mulher. Esta condição de falo é o atributo que faço ao outro que possui algo que não tenha, indicando para tanto uma direção (escolha de objeto) que possibilite tê-lo.

É o falo enquanto significante que Lacan retoma para em seguida recolocá-lo como puro objeto de desejo. Para Saussure, seguindo a leitura de Lacan, o algarismo S/s, expressa não mais do que louca paixão do significante (S) por estar eternamente a procura do significado (s). A cadeia significante, tal como se expressa no inconsciente, abolirá o significado remetendo um significante à um outro significante (S_1—S_2—S_3... S_n). Diz Lacan: "*Essa paixão do significante torna-se desde então uma dimensão nova da condição humana em que somente é o homem que fala, mas também no homem e pelo homem que se fala*" (é a condição de ser SUJEITO e estar "ASSUJEITADO" ao discurso do Outro, como falávamos anteriormente), "*que sua natureza passa a ser tecida por efeitos onde se encontra a estrutura da linguagem em cuja matéria ele se transforma...*" E mais adiante "... *Pois o falo é um significante, um significante cuja função na economia intra-subjetiva da análise, levanta talvez o véu daquela que ele mantinha nos mistérios*" (Lacan, Jacques - A Significação do Falo - "in" - Escritos - págs.265 e 267 - Editora Perspectiva - São Paulo, 1978). Este levantar o véu, supõe de imediato quase que obviamente, que este mesmo véu estivesse abaixado. É este mo

vimento desde "EINE ANDERE SCHAUPLATZ", isto é, uma outra cena, a do inconsciente, que marca esta posição dialética entre ausência e presença, entre descortinar e cerrar a visão frente ao outro. No meio deste jogo surge a demanda e o desejo como atributos de um apelo. A necessidade, existente desde o início, marca apenas o caráter instintual do indivíduo na sua busca por aplacar sua fome, sua sede ou outras necessidades vitais inerentes ao homem.

A demanda se dirige a um outro com um algo mais do que simples apelo. *"Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência"* (*Lacan, Ibid - pág.268*). E esta presença ou ausência remete à relação num primeiro plano, do contato entre a criança e a sua mãe, na qual a primeira faz uma demanda à segunda, que antes de mais nada é demanda de amor. É nesta busca da criança pela mãe que ela irá dar a esta o que não tem, ou seja, que maior prova posso dar a quem amo senão aquela de dar tudo aquilo que não possuo. Amar é dar ao outro aquilo que não tenho. Mas entre este querer dar ao outro aquilo que não tenho e a procura do apetite de satisfação (necessidade), surge o fenômeno da clivagem (spaltung), aonde o sujeito está diante de sua condição de impossibilitado, condição que faz surgir e emergir por detrás deste véu seu desejo. A demanda embora possa estar articulada e dirigida a um objeto, como por exemplo, a mãe (para uma criança), este objeto não é só o essencial, pois a demanda é demanda de amor, indo portanto para um "ALÉM" deste objeto.

Aqui está toda a possibilidade de se articular a certeza com a verdade. A verdade é que a mãe está definitivamente perdida, mas esquecendo disso, quero vê-la ressurgir para minha própria certeza. A fórmula poética "MORRER DE AMOR", pode

e deve ser empregada aqui como puro significante deste desfalecimento do sujeito (e de sua própria imagem) diante do Outro. O amor retorna a esta perda original e a única forma da manutenção deste amor é negar esta perda.

Já que o desejo opera nesta hiância entre a demanda e a necessidade ele se submeterá às condições do desejo do outro. "*Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser isto - o falo- para satisfazê-la*", pois que o falo é o significante do desejo do Outro. O desejo da criança articula-se desde o desejo do desejo da mãe. "*Toda la economia de las gratificaciones debe ser substituida en la teoria por esta noción de una dependencia primordial con respecto al deseo del otro, o también comprender que el deseo es moldeado por las condiciones de la demanda; es una demanda significada: yo les significo a ustedes mi demanda. En el análisis* (grifo nosso) *el sujeito es orientado hacia un proceso de reconocimiento: deseo de reconocimiento y reconocimiento del deseo*" (*Lacan, J. - Las Formaciones del Inconsciente - pág.99 - Nueva Vision - Buenos Aires, 1972*). O desejo de cada um esta submetida a lei do desejo do outro. Se o desejo da mãe é o falo, ela é a doadora deste desejo, mas recusa-se a ser doadora do objeto do desejo da criança, isto é, ela própria, "*o que permite à mãe de se colocar como um doador interditado*" (*Aulagnier, Piera - O espaço no qual o eu pode constituir-se - "in" A violência da interpretação - Do pictograma ao Enunciado - Imago Editora - pág.120*). A criança se coloca em sua argumentação no espaço entre SER o desejo da mãe e TER este mesmo desejo. Ora, o desejo da mãe está apontado como dizíamos, para o falo, instância paterna, sendo portanto, relação dual característica de um posicionamento frente ao terceiro - o Pai. Se entendermos o

termo "perversão" como uma "versão do pai", ao menino esta sorte estará lançada como possibilidade dele identificar-se com o pai, sujeitando-se à castração deste. É a metáfora do NOME-DE-PAI, indicada por Lacan, que permite à mãe um reverenciamento' deste lugar como alternativa para a criança em busca de uma satisfação para seu desejo.

Atendendo a um "chamado", retornaremos: *"É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de SER; no segundo, o que gostaríamos de TER"* (*Freud, S. - Identificação - "in" - Psicologia das Massas e Análise do Ego - Cap.IV, pág.134, ESB*).

O pai através de seu nome, marca presença desde o início da relação de intersubjetividade entre a criança e sua mãe. A dependência do desejo da criança em relação ao sujeito Outro, forma a dimensão permanente do drama que estará por vir no complexo de Édipo. É a subjetividade deste Outro, enquanto instância paterna, enquanto Lei, que se articulará no desejo da criança, possibilitando-lhe estas duas condições de SER ou TER, que são permeados pelo simbólico. Ser ou ter, como dizíamos antes, não é em relação ao pai, transfigurado em carne e osso, mas além disto, esta relação está submetida ao encontro marcado de seu destino que é na pura articulação com a metáfora paterna, isto é, o nome-do-pai (Nom du Pére) que ela se dá. A identificação com o pai, permite à criança ter aquilo que ela supõe que o pai tenha - o falo. Se seu desejo estava em ser o falo da mãe e para a mãe, através e após a interdição paterna, a criança quererá também para si o falo como possibilidade, através da identificação ao pai, de ter a mãe, pois é ao pai que esta es-

colhe, pois ele, o pai, possui o falo.

Curiosamente, na língua portuguesa, o verbo falar em sua primeira pessoa coincide com este significante FALO (PHALLUS) que produz articulação de um ao Outro. A articulação fonética: "EU FALO", confunde-se em sua essência com a articulação da cadeia significante, assim também instaurada no inconsciente. Portanto, esta particularidade do falar, como possibilidade de dizer, eu falo, remete de imediato este sujeito às condições das leis da gramática universal que estão inscritas no simbólico. É o sujeito barrado, cindido em sua própria linguagem perante a um Outro que sabe, ou a uma Lei que lhe impõe sacrifícios. Perante o Outro o sujeito não sabe, se desconhece, desvanece e deseja o desejo do Outro. Este é o aforismo lacaniano: O desejo do homem é o desejo do Outro.

Aí está a tragédia do desejo, ou seja, não ser nunca seu próprio desejo. O sujeito submete-se ao Outro como que para reconhecer-se a si próprio, tentanto reconstituir-se desde sua relação com o outro a partir de sua imagem especular. Assim, esta forma particular de se designar diante de um outro, que pelo lugar que ocupa se torna Outro, alteridade que reenvia o ser falante às articulações do seu desejo. Esta alteridade vem marcar o lugar que Freud chamou de SPALTUNG (fenda, divisão, cisão) no sujeito, pois doravante ele estará submetido a uma autoridade. *"O sujeito que aceita essa ordem, a díade do poder, se aliena na aceitação do campo do Outro, supõe viver, mas está dominado e regido pela pulsão de morte"* (*Ferreira, João Batista - Reflexões sobre o sujeito fenda e divisão - "in" - Cadernos Freud - Lacanianos, pág.90 - Escola Freudiana de São Paulo, Cortez Editores, SP*).

A palavra que não faz mais do que jogo, se esconde e se escande justo em sua mediação com o Outro. Bertha Pappenheim já propunha isto com sua idéia da TALKING CURE, onde numa leitura mais precisa veremos que algo fala, precisa falar e que a partir disto revela-se um desejo que precisa ser escutado e interpretado. Ela pedia ao Freud uma opotunidade de ser seu falo, ser o objeto de seu desejo. A formulação da histérica é pois, "eu quero o que demando ao Outro". Portanto, o desejo é de fazer reconhecer seu desejo. A pulsão primordial do sujeito - ser o falo para a mãe - foi interceptada pelo corte paterno. Alienado, o desejo instala-se no inconsciente, na outra cena, ao mesmo tempo em que o sujeito, por pura condição de remeter-se à linguagem, aliena no significante este mesmo desejo inconsciente. Nesta alienação, o desejo procura mesmo preencher uma falha, completar um vazio. É imprescindível, portanto, querer ter ou ser um falo, pois ele é em si mesmo representante de uma ausência, sendo assim significante do desejo do Outro.

No texto, "As Formações do Inconsciente", há uma proposição de Lacan a respeito da inscrição da FUNÇÃO PATERNA (como o NOME-DO-PAI) no aparelho psíquico do menino e sua eficácia em relação ao complexo de Édipo. Lacan distingue três tempos: no primeiro tempo o que está em jogo é a primazia do falo enquanto que instaurada na ordem da cultura. "*En este primer tiempo el niño trata de identificar-se con lo que es el objeto del deseo de la madre - es deseo del deseo de la madre y no solamente de su contacto, de sus cuidados; pero hay en la madre el deseo de algo mais que la satisfacción del deseo del niño; detrás de ella se perfilan todo ese orden simbólico del*

que depende y ese objeto predominante en el orden simbólico, el falo (...)". "Para agradar a la madre, es preciso y es suficiente con ser el falo...". No segundo tempo *"el padre interviene efectivamente como privador de la madre, en un doble sentido: en tanto priva al niño del objeto de su deseo y en tanto priva a la madre del objeto fálico". (...) "El deseo de cada uno está sometido a la ley del deseo del otro".* É no terceiro tempo do qual depende *"la declinación del Edipo: el padre interviene como aquel que tiene el falo y no que es tal, reinstaura la instancia del falo como objeto deseado de la madre y ya no como objeto del que puede privarla como padre omnipotente. En otras palabras, en esta etapa el padre es más preferido que la madre y esta identificación culmina en la formación del ideal del yo".*

Lacan retoma logo a seguir estes três tempos da instância paterna, que são os três tempos do Édipo com o intuito de aclarar sua perspectiva. *"En un primer tiempo, el niño está en relación con el deseo de la madre, es deseo de deseo. El objeto de ese deseo es el falo, objeto metonímico, esencialmente encuanto circulará por todas partes en el significado: es ne la madre donde se planteará la cuestión del falo y donde el niño debe descubrirla". "Como aparece, en el segundo tiempo, el padre interdictor, el padre terrible? En el discurso de la madre, como mediado por ésta. Menos velado por consiguiente que en la primera etapa, pero aún no revelado..." (...) "... el objeto del deseo de la madre es cuestionado por la interdicción paterna: La primera relación ternaria es quebrada por esta segunda etapa, transitoria y capital, que permite la identificacion con el padre". "En el tercer tiempo el padre aparece como permisivo y donador"* (Lacan, J. - Las Formaciones del Inconsciente - págs.86,

87, 89 e 90 - Nueva Vision, Buenos Aires, 1972).

Faremos um esquema para melhor visualizar estes três tempos para a criança:

ÉDIPO

- 1º TEMPO: Identificação à sua própria imagem, identificação à mãe → identificação ao falo, ou seja, aquilo que falta à mãe (identificação primária).
- 2º TEMPO: Dupla interdição do pai → castração
- 3º TEMPO: Acesso ao Nome-do-Pai e à ordem simbólica (identificação secundária)

É a partir deste terceiro tempo que o sujeito entra na sua subjetividade, adquirindo o código intrínseco à cultura (e a sua estrutura). Assim, no primeiro tempo, o menino é o falo da mãe sem o saber e esta, por possuir aquele, é a mãe fálica. No segundo tempo, ambos deixam de ser o falo e de tê-lo, respectivamente, mas ainda assim há um personagem que o é, ou seja, o pai. No terceiro tempo, ninguém o é, o falo fica inserido na cultura, mais além de qualquer pessoa. O falo se tem, mas não se é. A não ser no caso do PERVERSO, pois este tem para si a certeza de que é o falo da mãe. "*Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-la*". É necessário retomarmos esta frase de Lacan que se encontra na SIGNIFICAÇÃO DO FALO (pág.270/1 - Escritos), para podermos perceber que o falo só se aclara por sua função. A partir da noção de que o falo é o significante do desejo do Outro é que podemos reconhecer-lhe a caracterização de uma ordem simbólica na

qual é o próprio falo que circula marcando posições para desde então deslizar metonimicamente de um significante ao outro. Se o menino não tem idéia de que desde o primeiro tempo está determinado pelo desejo da mãe, ele, a partir da vivência de sua SPALTUNG, de sua cisão, tentará encobrir e mascarar esta falta com a aquisição do falo. O falo, portanto, nada mais é do que o representante de uma falta. Este sujeito, acredita que o Outro poderá lhe dar aquilo que lhe falta, preenchendo, portanto, sua falha e satisfazendo seu desejo. Como diz Lacan "*a demanda de amor não pode senão padecer de um desejo cujo significante lhe é estranho*", pois que não é seu desejo, mas só se reconhece no desejo do Outro. Assim como a cadeia significante, em sua relação com o sujeito, remete sempre para outro significante, assim o desejo na sua dialética, será também desejo de um outro desejo, de um outro desejo... ad infinitum. Poderíamos então dizer que a construção do desejo do sujeito se assemelha à construção da Torre de Babel, na qual para cada pedido de um dos trabalhadores havia uma outra resposta, de um outro lugar, pois ali também a língua materna havia se perdido para sempre, só havendo a língua estrangeira. O sujeito é algo para sempre inacabado mas que tolamente procura acabar-se sem saber que isto corresponde a dar cabo de si próprio. É o encontro com a morte.

A necessidade da plenitude faz com que o sujeito demande seu amor ao outro, porém é aí neste ponto que a demanda se relaciona com o próprio desaparecimento (FADING) do sujeito, porque "*Ce FADING*(8) *se produit dans la suspension du désir, de ce que le sujet s'éclipse dans le signifiant de la demande - et dans la fixation du fantasme...*" (Lacan, J. - *Remarque sur le*

rapport de Daniel Lagache - "in" Ecrits - pág.656 - Éditions du Seuil, Paris, 1966).

O matema (\$ ◊ a) proposto por Lacan para o fantasma vem dar conta deste sujeito barrado - para sempre desejante- frente a este "a" - minúsculo - que nada mais é do que causa do desejo. O objeto "a" seria o representante do objeto que falta (para Freud, o objeto perdido), o falo e como tal este seria o objeto metonímico do desejo. É no espaço entre a própria demanda (\$ ◊ D) e o fantasma (\$ ◊ a) que o desejo circula. Para o neurótico isto pode constituir-se como o caráter, digamos, impuro do desejo, visto que deseja-se algo que não é seu, pois que é proibido, senão perdido, este objeto que é causa do desejo. O sujeito é apunhalado pela frente, porém engana-se e julga que o foi pelas costas, numa traição à sua demanda de amor. É esta ignorância que o fará desejar - o primeiro desejo é o desejo de saber, dirá Lacan - procurando sempre num outro lugar al-

---

(8) "esta fading se produz na suspensão do desejo no que o sujeito se eclipsa no significante da demanda - e na fixação do fantasma..."

FADING: "Experiência dolorosa segundo a qual o ser amado parece se afastar de todo contato, sem que essa indiferença enigmática seja dirigida contra o sujeito apaixonado". "Quando o fading do outro se produz, fico angustiado porque ele parece sem causa e sem fim. O outro se afasta como uma miragem triste, se desloca até o infinito e me desgasto para alcançá-lo". "O fading do outro está na voz. A voz suporta, permite a leitura e realiza por assim dizer o desfalecimento do ser amado, pois cabe a voz de morrer". "... como se ela (a voz) fosse imediatamente apenas uma lembrança e não pudesse nunca deixar de ser outra coisa". "Ela está no ponto de desaparecer, como o ser amado está no ponto de morrer: o que não acaba de acabar".

(Barthes, Roland; Fragmentos de um discurso amoroso - págs. 107, 108, 109 - Francisco Alves Editora - RJ).

go que esteve sempre ali, que é justamente esta função do pai , pois que estabelece o corte. Como disse Michel Silvestre, *"quando o paciente deita, é a psicanálise que está nas suas costas"*, ou seja, o sujeito é apunhalado, ou melhor, a interpretação surge desde lá onde ele não espera. Não espera, pois surge do inconsciente como marca de uma falta (as formações do inconsciente — chiste, ato falho, sonho, sintoma, etc.), isto é, a função estruturante de uma falta. O desejo encontra-se pois, articulado no inconsciente, no recalcado, e é no retorno desse recalcado que ele se manifesta, portanto, há algo de alienação na essência do desejo. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, *"o sintoma psicanalizável é sustentado por uma estrutura idêntica à estrutura da linguagem"* (Lacan, J. - Écrits pág. 444). O desejo fica, através destas formações do inconsciente, totalmente implícito, ou mesmo algumas vezes explícito pelo seu não dizer, seu indizível o que é de alguma forma constatado e de certa forma recuperado pela análise.

O nobre discurso da demanda submete a necessidade do sujeito *"ao consentimento, ao capricho, ao arbitrário do Outro"*. O desejo enquanto articulado ao desejo do Outro, *"flutua aí em algum lugar, sempre para além do Outro"* (Lacan, J. - Hamlet por Lacan - pág.37). Neste aquém e além do Outro, o sujeito se situa como que para AMOR-TECER o encontro com o real, pois o impossível sempre retorna.

VII. O DESEJO DO PSICANALISTA

"Lutar com palavras
é a luta mais vã,
no entanto lutamos
mal rompe a manhã.

Lutar com palavras
parece sem fruto
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto".

(*Carlos Drummond de Andrade*)

O que é ser psicanalista? Será que ser psicanalista é estar sentado atrás do divã? Ter bons ouvidos para uma boa escuta? Ou será que ser psicanalista é o conhecimento do reconhecimento da regra técnica fundamental?

Ao inaugurarmos este capítulo com estas indagações, estamos querendo propor que este sujeito de quem se fala é um sujeito da dúvida, da incerteza, pois aquele que só sabe o certo desconhece o errado e, como sabemos, é pela errância do inconsciente que o sujeito conhece sua verdade, mas não a sua certeza. Quem sabe então? Então, quem sabe? Quem sabe se o outro' sabe?

Para que haja análise, primeiramente devemos recorrer ao óbvio de que deve haver um paciente e um psicanalista que o faça falar, para que possa ser escutado. Talvez esta seja uma boa condição primordial para o funcionamento de uma análise, ou seja, é a possibilidade para o analista de fazer algo. E se fa-

lamos em condições, há que ficar claro de que quem as impõem' somos nós, analistas. Creio que ao impor estas certas condições se não me torno eternamente responsável pelo que cativo, pois não há este cativeiro, de certa forma pela colocação destas questões sou eu, enquanto analista, responsável em grande parte pelo sucesso da análise. Basta para isso tomarmos como exemplo, o próprio Freud diante de Dora, que desconhecendo os caminhos da transferência enquanto resistência, torna-se inoperante frente aos apelos daquela. Em vista disto podemos formular uma outra pergunta: qual é então o prejuízo de uma análise? Podemos indicar uma pista dizendo que é no atendimento à demanda do paciente que o prejuízo emerge. Não há prejuízo de dinheiro, neste sentido aqui restrito. O que há é um prejuízo em favor do sintoma. O sujeito fica cada vez mais atrelado ao seu sintoma, visto que este é fortalecido pelo atendimento de sua demanda pelo analista. De certa forma Freud em sua ânsia de descobrir a estrutura de funcionamento do aparelho psíquico da histérica (Dora), fica como que encantado (no sentido mesmo de enfeitiçado) pela teatralização que sua paciente lhe oferecia. Mas para Freud estes prejuízos, isto é, o abandono da análise antes de seu final "previsto", transformaram-se logo em vantagens, pois como fundador' de sua própria teoria é a partir destes entraves que ele começa a formular as noções de transferência que teriam suas raízes na chamada sexualidade infantil, aliás tudo o mais na psicanálise convergiria, como num ponto áureo, para lá.

Retornaremos à nossa primeira indagação para tentarmos um primeiro passo que nos conduza a algumas, senão uma resposta. "*Ser analista e ser freudiano*, diz Piera Aulagnier, *pressupõe que tenhamos adquirido a convicção de que a teoria da se-*

xualidade infantil é verdadeira, que em todo sujeito se operou um trabalho de recalque, que está no poder das pulsões provocar uma fixação que imporá ao sujeito uma escolha libidinal e identificatória que ele repetirá incansavelmente, e que todo sujeito foi vítima de uma angústia de castração cujos efeitos permanecem indeléveis" (Aulagnier, Piera - As convicções partilhadas: na relação e entre analistas - "in" - Os Destinos do Prazer - pág.75 - Imago Ed.).

Parece que aqui retomamos o primeiro capítulo de nossa tese quando falávamos da "constituição da clínica psicanalítica", só que agora após o legado de Freud e as contribuições de Jacques Lacan, não se trata mais de inventar uma nova tópica, mas sim de resituar a reinstalar a análise em seu devido lugar que é o psicanalítico, pois é só daí que advêm as condições para uma análise. No bojo destas condições está o analista e seu desejo, pois que não é ali autoridade e sim marca indelével da alteridade, da diferença, já que para estar neste lugar por detrás do divã, ele próprio deverá ter deitado num outro. A respeito disto, ou seja, deste procedimento pelo qual o analista deverá passar na sua formação, Freud escreveu entre 1911 e 1915 seus ARTIGOS SOBRE TÉCNICA. A técnica ou método psicanalítico possui duas vertentes: uma que se envereda pelos campos da PESQUISA e outra que diz respeito à CLÍNICA propriamente dita. No sentido de pesquisa, Freud introduz a noção de INCONSCIENTE no campo da CIÊNCIA. É a necessidade que se faz presente, de introduzir a psicanálise como postulado técnico-científico. É esta a questão da METODOLOGIA, isto é, dos artigos sobre técnica. No campo da CLÍNICA PSICANALÍTICA, há a formalização de um dispositivo que tenta suprir os impasses es-

truturais da sexualidade humana. Neste sentido há também um rigor científico com a noção dos esquemas sexuais e da possibilidade efetiva ou não das condições necessárias e básicas para a indicação do uso da técnica psicanalítica. No centro deste dispositivo está obviamente o analista.

O que vai importar então para nós é qual o "lugar" que o analista ocupa, pois em virtude disto estará necessariamente demarcado o lugar do analisando. Quando eu digo lugar, não estou me referindo a um espaço físico-geográfico, mas sim um lugar dinâmico aonde a intersubjetividade entre o inconsciente do analista e do analisando opera estabelecendo assim as condições necessárias para uma análise*(9). Estas condições, aliás como já vimos, são postas em prática principalmente pelo propiciamento da transferência e da resistência, como instrumento de trabalho pois é a via por onde se pode escutar a interpretação do analista. Esta interpretação opera através da transferência enquanto resistência ao desenvolvimento da análise. É justamente a partir deste núcleo onde se aloja a resistência é que podemos intervir, pois necessariamente esta resistência está falando da falha (a um nível edípico mesmo — castração) do sujeito. Esta falha que nada mais é do que seu próprio sintoma pede e exige uma interpretação. Não se faz um homem sem se produzir um furo (traumático) qualquer. É a partir deste furo que a verdade do

---

(9)"O analista ao interpretar, ocupa o lugar do significante paterno - da metáfora paterna - e, falando o desejo, inscreve-o na ordem do Édipo, que é o fundamento da ordem da cultura. O analista, quando interpreta, deixa de ser o pai imaginário encarnado, primitivo e onipotente para tornar-se aquele que fala, do lugar da lei".

(Pellegrino, Hélio - Aprendizado em Psicanálise: Formação e Deformação - "in" - Cadernos de Psicanálise - Novembro de 1983).

sujeito emerge ou, para retomar um aforismo lacaniano, O INCONSCIENTE EMERGE NAS FALHAS DO SABER.

Esta questão primordial está endereçada àquela nossa primeira formulação; quem sabe? O sujeito ao perceber que seu saber claudica, põe-se como paciente, a procurar um analista, outorgando-lhe desde já um saber que quer para si. Supõe que é o analista o detentor do saber. É o Sujeito-Suposto-Saber de quem Lacan nos fala.

É ele - representante do Outro - quem sabe e não eu, diria o paciente. Se é o Outro que sabe então eu não sei de mim. É por não se reconhecer naquilo que ele mesmo é, quer dizer, é por não reconhecer sua própria origem que ele formula ao analista sua dúvida agora transformada em dívida (de amor): quem sou eu? Esta interrogação é o seu desejo encoberto pelo sintoma, portanto, o que o paciente nos fala é de seu sintoma e não do seu desejo. A tarefa do analista consiste pois, em revelar aquilo ' que sempre foi dele. O final da análise, como disse Freud, é quando o paciente pode dizer: Ah, mas isto eu sempre soube. Será que ao esvaziar com esta frase o circuito do sintoma ele responderia a pergunta acima (Quem sou eu?) ou "eliminaria o sujeito suposto saber" como marca fundamental do fim da análise, como propõe Moustapha Safouan? Creio que nem uma nem outra de modo completo e definitivo, pois que da primeira questão o sujeito remonta ao inesgotável jogo do zero e de sua representação com relação à eliminação do S-s-S, isto se dá apenas com relação àquele analista para logo em seguida de modo análogo à uma cadeia de significantes, este sujeito supor que é um Outro quem sabe. Este sujeito suposto saber, que nada mais era do que puro significante, é retomado "logo ali adiante" no seu inconsciente por ou-

tro significante (S_1 - S_2 - S_3... S_n). Por não podermos precisar qual foi o S_1, o significante primordial, não podemos também precisar qual é este S_n. De modo análogo, não há um fim da análise pois que esta também não teve um início, isto é, no sentido de desconhecer o primeiro momento da procura pelo analista. É um tempo mítico. É um tempo no qual o sujeito não consegue mais dar conta de seu sintoma e pede um partner, uma cumplicidade para seu sintoma. Em troca desta cumplicidade, diria o paciente , eu lhe darei o meu amor sob forma de demanda.

Assim o analista torna-se o destinatário da demanda do paciente, mas o compromisso dele (do analista) é com o DESEJO do paciente. Por isto é que não podemos atender as demandas' e exigências do paciente, pois elas não estão endereçadas a nós mas a um Outro. É como uma criança pedindo uma bala e que não se satisfaz se a ganha, pois não era bem isto que ela estava pedindo. Há uma outra intenção por trás deste pedido. Então o desejo que aí se articula é sempre desejo do desejo de um outro e o sofrimento, seu sintoma, encobre esta questão. Poder-se-ia então perguntar ao paciente ao invés de: do que você sofre? para quem você sofre?

O paciente que faz do seu sintoma sua oferenda ao analista, fica a espera pacientemente de uma recompensa que é de cura e de saber. Embora no seu ofertório só surja a demanda, o psicanalista intervirá no desejo do paciente. É como se o paciente dissesse: eu quero saber, eu quero ser amado; e o analista respondesse: tudo bem, só que não deste jeito, ou seja, afirma e nega esta possibilidade. Aquilo que eu peço não é bem aquilo que eu recebo. Mas em que momento é que surje o desejo do paciente para que possamos aí alcançá-lo? Poderíamos dizer que embo

ra o desejo atravesse todo o discurso do paciente, ou seja, ele sempre esteve lá, este se dá com toda sua força no ponto onde há o esgotamento, a ruptura da demanda. O desejo surge na falha - fenda da demanda. Com as estórias dos príncipes encantados tenta-se suprir esta falha ao nível do conteúdo imaginário do social. É o "He-Man" dos dias de hoje com toda sua "força" e seus poderes "mágicos". Aí sim, toda vez que o analista tenta ser um modelo (ser um bom analista, fazer excelentes interpretações) ' ele quebra a cara (a sua e de seu paciente), ou seja, quando ele quer se tornar este príncipe encantado que "tudo sabe", ao invés de ficar no lugar daquele que nada sabe ou como na expressão de Lacan em sua proposição de 09 de outrubro de 1967: "*aquele que não quer saber nada*". Esta "ignorância" na qual o analista está mergulhado é a que pode provocar no paciente um outro sentido, um sentido de cura. Por aqui, podemos dizer que há um desejo de cura ou como diz com muita propriedade Moustapha Safovan: "*O desejo do analista não pode ser encarado de outro modo que como uma nova formação do inconsciente*" (*Safovan, M. - Jacques Lacan e a questão da formação dos analistas - pág.52 - Editora Artes Médicas*). Articulamos aqui "formação do inconsciente" com "formação do analista", visto que nestas duas formações engendra-se um saber e um desejo que se obnubila diante de um Outro que nada mais é do que a lei. Uma lei que está no bojo mesmo do desejo do analista com relação a seu paciente. Desejo de uma ética. Desejo de uma análise. Quem o autoriza a fazer isto? Esta questão nos remete à formação do analista ou como disse Hélio Pellegrino, sua <u>deformação</u>.

Ao inciar o texto, "A direção da cura e os princípios de seu poder", Lacan interroga: Quem analisa hoje? Ao per-

guntar, Lacan está interessado também em saber os que não são analistas e se dizem como tais. Neste texto, a direção da cura não é a direção do paciente, mas a direção da análise, ou seja, não é mostrar o caminho que convence mas o que possibilita. Não adianta outrossim, explicar teorias ao paciente, pois é só com a transferência que é possível a ação do analista e é onde se decide o combate. Este combate por conseguinte, não é decidido pela instituição da qual o analista fez sua formação e dela faz parte. O poder do analista está no objeto causa do desejo, este pequeno a, que está irremediavelmente perdido e não no respaldo (SIC!) que sua instituição possa lhe oferecer.

A psicanálise não dá garantias e onde há garantia, onde há certeza (o sujeito é sujeito da dúvida), onde há certificado não há condição para uma psicanálise. Assim é que Lacan rompendo com a IPA funda uma Escola e não outra instituição. Na proposição de 09 de outubro de 1967 dirá Lacan: *"Não instituímos senão no funcionamento"*. O funcionamento proposto é então o do próprio desejo do analista e a forma institucional preconizada é a experiência do PASSE. Uma forma de passagem, de transmissão da psicanálise. *"A transmissão do discurso da psicanálise em transferência é o laço social que vincula e protege da captação imaginária que surge nos grupos ..."* (*Ata de fundação da Escola de Psicanálise de Niterói - Arriscado - publicação semestral da Escola - nº 1 - novembro de 1985*).

Nos grupos institucionais como Freud muito bem abarca em sua análise da igreja e do exército em "Psicologia das massas e análise do ego", só se permite "fidelidade ao fundador", "obediência a um só chefe", "unidade de doutrina", "rejeição aos dissidentes" e etc. É interessante notar que todos estes traços

são pertinentes a Sociedade de Psicanálise criada por Freud. E isto não é pertinente numa análise.

Uma outra análise desta criação - a IPA - é a que propõe Renato Mezan ao citar Le Guen onde diz: "... *Le Guen propõe a hipótese de que a IPA representa a materialização de um fantasma inconsciente de Freud, fantasma que subjaz à totem e tabu e a Moisés e o Monoteísmo, e que consiste simplesmente no assassinato do pai primitivo*". Uma questão se instaura: como e por que este fantasma surgiu, e sobretudo, por que Freud em vez de analisá-lo, optou por uma "passagem ao ato", que inscreveu definitivamente a psicanálise na história das instituições? E mais adiante prossegue Mezan: "*Podemos nos perguntar até que ponto Freud, dominado por seu fantasma, não criou em parte uma situação perfeitamente conforme à sua expectativa. Que ele se identifique ao pai da horda primitiva parece indubitável (...) O fato é que vai se proteger da atualização do fantasma por meio de uma passagem ao ato (...) Num primeiro tempo, Freud se havia imposto como o Pai, incitando seus discípulos a tratá-lo como tal; quando reconhece a ameaça inscrita no fantasma, procura se proteger impondo na realidade social as regras que supõe, impedirão seus filhos de assassiná-lo*" (Mezan, Renato - Freud, Pensador da Cultura - pags.291 e 292). É a institucionalização de um saber. Com isto se pretendia garantias que como já vimos, não podem ser dadas.

A formação do psicanalista articula-se então com o seu desejo. Seu sintoma é o querer ser analista reconhecido por todos os outros. Aí entra a relação de poder. Quem deve saber das condições para ser analista, deve ser o próprio analista. Segundo um outro aforismo lacaniano: "*O analista se autoriza por*

si mesmo". O desejo do analista deve coincidir com o próprio desejo da análise, que é a copulação das palavras para que a última retroaja e retorne sempre sobre a primeira dando-lhe significação, dando-lhe um sentido. Direção da cura. Daí diferenciar-se o saber médico do "saber" psicanalítico. O primeiro responde à pergunta do paciente que não é nada mais do que o remédio (remediar). O segundo não responde, ou melhor, responde de lá de onde o sujeito não espera, a saber não como uma profissão, pois esta, a do analista, é impossível. Enfim não é pela profissão que ele poderá se autorizar a ser analista, mas sim pela sua ética, pelo seu estilo. Por sua profissão ele apenas pode se valer de uma relação de poder, de mestria para que o outro fique como que subjugado, não restando outra alternativa para este do que o desejo da submissão. Seria apenas por esta via que o aspirante a analista poderia se tornar um oficial, digo, didata. Betty Milan, falando de poder, diz o seguinte: "*Supondo a posição do locutor, o poder não vem de fora da linguagem - é através do discurso, e só através dele, que as posições sociais são definidas. A questão, exterioridade ou interioridade, é, com efeito, uma falsa questão. Não existe um poder exterior à língua como não existe um poder desta, indiferente à posição social. Há isto sim, um poder em jogo na língua, atualizando-se num discurso que só se vale das palavras para significar o poder*" (Milan, B. - *Manhas do Poder - Ensaios 59 - Ática - pág.81 - 1975, SP*). Quando então se fala destas estruturas discursivas, o que se marca é uma diferença, e é isto que o analista produz, uma diferença, e não a tentativa muito corrente de suprimir as diferenças. Estas estruturas dão conta de uma praxis, pois é o que permite articular um certo discurso que tem um agente específico, como

por exemplo, os quatro discursos citados por Lacan:

1. Discurso Universitário — o agente é o saber
2. Discurso do Mestre — o agente é a lei
3. Discurso da Histérica — o agente é o sintoma
4. Discurso do Analista — o agente é o desejo.

Retomamos assim, a questão fundamental do analista que é a de seu próprio desejo, sabendo entretanto, destas manhas do poder que são permitidas pelo social. Por mais óbvio que seja, o desejo do analista é de que haja análise. Dizíamos há pouco que dele depende o sucesso desta, pois que se refere também a um Outro. *"El deseo del psicoanalista será situado en el registro del Otro, es esencial al deseo el ser mediatizado por el Otro"*(...) *"En otros términos, cuanto más el analista calla su deseo, más la alienación del deseo del paciente en ese lugar es manifesta; el deseo del psicoanalista no es entonces el deseo personal de un psicoanalista, es una función esencial para la confesión del deseo como exigiendo el reconocimiento"* (*Cottet, Serge - Accion del Psicoanalista - "in" - Freud y el deseo del Psicoanalista - pág.157 - Editorial Hacia el tercer encuentro del campo freudiano - Argentina, 1982*).

O ensinamento de Lacan vem dizer que se o desejo do analista está situado no registro do Outro, isto não o coloca numa posição dual frente ao analisando, pois que entre os dois há um terceiro que é a própria linguagem insistindo sobre a função do simbólico na cura. Esta relação de reciprocidade dual e imaginária não dá conta deste "terceiro" evidenciado pelo simbólico. Nesta relação dual se impõe a noção de contratransferência que era aquela do analista sem memória e sem desejo. Como sabemos que o analista tem desejo, a solução encontrada por La-

can parece bastante pertinente visto que o sujeito só pode proclamar o objeto de seu desejo se não manifestar seus sentimentos e nem proferir palavras bonitas, pois que não podemos assegurar ao paciente o que ele quer ouvir mas sim o que ele tem de ouvir. Assim, o que resta ao paciente é arrebentar-se contra os rochedos da castração. Quanto ao analista, o que lhe resta é permanecer, enquanto houver análise, no lugar do morto.

VIII. PONTUAÇÕES

1. BETTY MILAN — A questão do analisando é: "o que é que ele quer de mim" (che vuoi?)
O analisando imagina, ao colocar essa questão que é o analista, na sua pessoa, quem deseja. A esta questão do analisando corresponde a questão do analista: "o que é que ELE deseja? Há, portanto, um não-saber do analisando, ao qual corresponde um outro do analista de que resulta um saber novo.

2. NILZA R. FÉRES — A questão do desejo está na origem da psicanálise, questão que permanece viva e atual na produção do analista...
Seu posicionamento com relação a ela tem o efeito da política do desejo, consequência de seu saber. E é o não-saber que marca o trabalho do analista. O analista é o que não sabe, não procura (no sentido da pesquisa científica), mas está aberto ao encontro. Encontro só possível quando não se procura, pois é o saber do INCONSCIENTE. E este só aparece como um tropeço, um esbarrão, uma derrapagem.

3. GEORG GRODDECK — A psicanálise é problema de todo o mundo ; querer fechá-la no círculo estreito da As-

sociação é uma pretensão que não se sustentará (...) É médico quem se sente médico e a quem os enfermos consideram como médico, e é o analista quem se sente conhecedor da resistência e da transferência e com quem as pessoas vêm fazer análise e tratar suas resistências e suas transferências, e isso nada tem a ver com a sua inscrição na Associação Psicanalítica.

4. MAUD MANNONI — De fato, nos próprios textos de Freud, pode se marcar sempre a presença de um duplo discurso: um, que se abre sobre uma fascinação com ciência; o outro, que deixa falar os mitos e nos lembra que o saber nos engana. (...) O saber tem relação com o desejo, e também com a revelação da causa desse desejo. Mas no domínio do saber, tal como no domínio do desejo, uma parte escapa ao sujeito. (...) Todo analista que acompanha o analisando na caminhada que é a sua (através das ondas sucessivas de desconhecimento) se encontra assim, em determinado momento, diante do que se lhe escapa.

5. PIERRE LEGENDRE — (citando enunciandos difundidos na Idade Média). "Vejam as coisas terríveis que lhes acontecerão, se vocês seguirem a inclinação de seus desejos; se vocês fizerem o

que a Lei proíbe, e se vocês não se acusarem por serem culpados diante do confessor, nada poderemos fazer por vocês". O pecador que sofre de seu desejo é assim ' convidado a procurar substitutos; o objeto de substituição por excelência, ideal e sublime, é a própria Lei, transformada' em objeto de amor.

6. FRANÇOIS PERRIER — Ser padre es siempre estar muerto, la única manera de ser comprendido, oído, imitable e... imitado. (...) Querer ser analista, muy a menudo es situar-se imaginariamente en el lugar del que se consagra a la busqueda del deseo del otro, pero ' que solo pretende ser su objeto en la ilusión que lo pondrá al abrigo del otro.

7. FRANÇOISE DOLTO — O amor é sempre sintoma de desejo parcialmente sublimado, mas o deseo, em si mesmo, pode não ser nada além de uma relação imaginária do sujeito com seu objeto.

8. JACQUES LACAN — É na análise de um tal caso que se vê bem que a realização do perfeito amor não é um fruto da natureza mas da graça, isto é, de um acordo intersubjetivo impondo sua harmonia à natureza dilacerada que o suporta.

9. SIGMUND FREUD — Quem desperta, como faço eu, os piores demônios incompletamente domados no fundo da alma humana, a fim de combatê-los, deve estar preparado para não ser poupado nessa luta.

- Uma das vantagens da profissão de analista é que a prática da "consulta" é aqui quase impossível.
- A resposta a sua pergunta, a saber, como faço para escrever, além de ocupar-me de minha prática analítica, é simples: é preciso descansar da psicanálise trabalhando, sem o que não aguenta.
- Perdoe-me por recair na psicanálise, é a única coisa que sei fazer. Sei apenas que a psicanálise não é um meio de se fazer querido.

10. FERNANDO PESSOA — Tudo quanto penso
Tudo quanto sou
É um deserto imenso
Onde nem eu estou.

BIBLIOGRAFIA REFERENTE ÀS PONTUAÇÕES

1. Milan, Betty - Lugar do analisando - "in" Lugar 9 - Colégio Freudiano do Rio de Janeiro - RJ, 1980.

2. Ferés, Nilza, R. - A Estranha Inquietude da Prática Psicanalítica - Boletim do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais - Nº 23 - Ano 11 - BH, 1984.

3. Groddeck, Georg - La Maladie, L'Art et le Symbole Paris, Gallimard, p.14.

4. Mannoni, Maud - Saber, Desejo e Ilusão - "in" A Teoria como Ficção - p.28 e 30 - Editora Campus RJ, 1982.

5. Legendre, Pierre - A Ordem Sexual e seu Terror - "in" O Amor do Censor - Ensaio sobre a Ordem Dogmática - A Outra Editora e Forense Universitária, RJ, 1983.

6. Perrier, François - Sobre el Psicoanalisis Didactico - "in" El Cuento de la Buena Pipa - Escritos Psicoanalíticos I - Ediciones Petrel, Barcelona - España, Febrerc, 1981.

7. Dolto, Françoise - Amância e Amor - No Jogo do Desejo - pág. 264, Zahar Editores, RJ, 1984.

8. Jacques Lacan - Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise, Escritos, p.129 - Ed.Perspectiva, SP, 1978.

9. Mijolla, Alain de - Pensamentos de Freud - págs.113,136, 123 e 136 - Editora Nova Fronteira RJ, 1985.

10. Pessoa, Fernando - Antologia Moderna - Iris Editora São Paulo, 1962.

IX. CONCLUSÃO

Pontuações... Gostaria que minha conclusão ficasse por aí. Não como coisa acabada, mas como pistas a serem seguidas, pois que não se esgota este tema da mesma maneira como não se esgota o desejo e nem a formação do psicanalista.

Creio que não se fecha uma tese, aliás livro algum, visto que produzem outros significantes quando do encontro com o leitor.

Da mesma forma que o analista espera (na escuta) a palavra do analisando, este também espera a interpretação do analista. De forma análoga, o livro, a tese, espera que o leitor abra suas páginas, deflorando suas folhas virgens, rabiscando a tinta ou a lápis suas margens, para que quem lê não fique mais à margem do pensamento do autor. Este espera que os seus escritos sejam colocados no devido lugar pelo leitor após sua leitura. Que seja livro de cabeceira ou esquecido na poeira, guardado ou encadernado, na prateleira ou para o lixo. De uma forma ou de outra, em qualquer lugar que o coloque, ele terá produzido um efeito causado pelo que Freud chamou de determinismo psíquico. Portanto, nem sempre colocaremos o material lido no local desejado, pois há um outro Desejo que nos fala e é por onde somos falado que nos permitimos algo. Sempre a partir de um Outro. Sempre a partir dos percalços do desejo inconsciente que, inscrevendo-se no inconsciente, é nos revelado nas fendas do saber.

Esta foi a trajetória do desejo até aqui. Desde Freud e com Freud. Resgatá-lo, pondo sua teoria no lugar é o que nos convém. A conveniência deste lugar não é lugar nenhum. Como eu

disse, é aí mesmo. Inscrito da mesma forma que o inconsciente.' Não se trata de inventar uma nova tópica, um novo "lugar" para a psicanálise, mas apenas deixá-la em seu próprio lugar que é o da permanente transmissão. Transmissão que se delega ao outro porque nada lhe pertence. Tudo que é dito, escrito, contado, é cifrado como notas musicais, as quais a partir do momento que são executadas não pertencem mais àquele que decifrou a estrutura melódica. Pertence a platéia que só pode dizer se entendeu ' ou não (gostou ou detestou) pelos seus aplausos, apupos ou silêncio.

Esta linguagem não me pertence mais do que você que a lê. Agora estás implicado, és cúmplice, partner desta história. Talvez tenha sido neste sentido que Freud tenha levado A PESTE para os EUA.

Sei que a dificuldade desta tese (e foram tantas) ' não foi a de achar idéias novas (porque eu poderia ter-me desviado do assunto e criado qualquer outra coisa, qualquer uma ...) mas simplesmente em escapar das antigas, ou seja, daquilo que nos prende como resistência ao avanço da escrita.

Se há um desejo de reconhecimento? Há sim. Reconhecimento do terreno por onde quero pisar. Neste sentido meu desejo passa num passe. Vem e fica. Aqui inscrito, aqui escrito, aqui restrito a não mais se fechar.

B I B L I O G R A F I A

1. Obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan:

1.1. Freud, Sigmund

1950a (1892-1899) - "Cartas nº 69, 71 e 75", in *Extratos dos Documentos dirigidos a Fliess*. Rio de Janeiro, Imago, 1977. (Edição Standard Brasileira, Volume I)

1950b (1895) - *Projeto para uma Psicologia Científica* - Rio de Janeiro, Imago, 1977 (Edição Standard Brasileira, Volume I).

1893-1895 - "A Psicoterapia da Histeria" in *Estudos sobre a Histeria*, Rio de Janeiro, Imago, 1977 (Edição Standard Brasileira, Vol.II)

1900 - *A Interpretação dos Sonhos* - Rio de Janeiro, Imago, 1972 (Edição Standard Brasileira, Volumes IV e V).

1905 - *Três Ensaios sobre a Sexualidade* - Rio de Janeiro, Imago, 1972 (Edição Standard Brasileira, Volume VII).

1907 - *"O Esclarecimento Sexual das Crianças"* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume IX).

1908 - *"Sobre as Teorias Sexuais das Crianças"* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume IX).

1909 - *"Notas sobre um caso de neurose obsessiva" - O Homem dos Ratos* - Rio de Janeiro, Ima

go, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume X).

1910 (1909) - *Cinco Lições de Psicanálise* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume XI).

1910a - *"Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância"*, Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume XI).

1910b - *"As Perspectivas Futuras da Terapêutica Psicanalítica"* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume XI).

1910c - *"Um Tipo Especial de Escolha de Objeto feita pelos Homens"* (Contribuições à Psicologia do Amor I) - Rio de Janeiro, Imago - 1976 (Edição Standard Brasileira, Vol.XI).

1912 - *"Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor"* (Contribuição à Psicologia do Amor II) - Rio de Janeiro, Imago - 1976 (Edição Standard Brasileira, Vol.XI).

1918 (1917) - *"O Tabu da Virgindade"* (Contribuição à Psicologia do Amor III) - Rio de Janeiro - Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira - Volume XI).

1910 - *"Psicanálise Silvestre"* - Rio de Janeiro - Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira - Volume XI).

1911-1915 (1914) - *Artigos sobre Técnica* - Rio de Janeiro - Imago, s/ data (Edição Standard Brasileira, Volume XII).

1914a - *A História do Movimento Psicanalítico* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira, Volume XIV).

1914b - "*Sobre o Narcisismo: Uma Introdução*" - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira, Volume XIV).

1915a - "Os Instintos e suas Vicissitudes" in *Artigos sobre Metapsicologia* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira - Volume XIV).

1915b - "Repressão" in *Artigos sobre Metapsicologia* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira, Volume XIV).

1915c - "O Inconsciente" in *Artigos sobre Metapsicologia* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira, Volume XIV).

1915d - "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos" in *Artigos sobre Metapsicologia* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira, Volume XIV).

1917 (1915) - "Luto e Melancolia" in *Artigos sobre Metapsicologia* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 - (Edição Standard Brasileira, Volume XIV).

1916 - "Sonhos" in *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (1916-1917[(1915-1917)]* - Rio de Janeiro, Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira, Volume XV).

1919a (1918) - *Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume XVII).

1919b (1918) - *Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, Volume XVII).

1919c - *O Estranho* -Rio de Janeiro, Imago, 1976 - (Edição Standard Brasileira, Volume XVII).

1920 - *Além do Princípio de Prazer* - Rio de Janeiro, Imago, s/ data (Edição Standard Brasileira, Volume XVIII).

1921 - *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* - Rio de Janeiro, Imago, s/ data (Edição Standard Brasileira, Volume XVIII).

1923-1922 - *Dois Verbetes de Enciclopédia* - Rio de Janeiro, Imago, s/ data (Edição Standard Brasileira, Volume XVIII).

1923a - *O Ego e o ID* - Rio de Janeiro, Imago, 1977 (Edição Standard Brasileita, Volume XIX).

1923b - *A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade* - Rio de Janeiro, Imago, 1977 (Edição Standard Brasileira, Volume XIX).

1924 - *A Dissolução do Complexo de Édipo* - Rio de Janeiro, Imago, 1977 (Edição Standard Brasileira, Volume XIX).

1926 - *A Questão da Análise Leiga* - Rio de Janeiro, Imago, 1978 (Edição Standard Brasileira, Volume XIX).

1927 - *O Futuro de uma Ilusão* - Rio de Janeiro - Imago, 1978 (Edição Standard Brasileira , Volume XXI).

1930 (1929) - *O Mal-Estar na Civilização* - Rio de Janeiro, Imago, 1978 (Edição Standard Brasileira, Volume XXI).

1937 - *Análise Terminável e Interminável* - Rio de Janeiro, Imago, 1976 (Edição Standard ' Brasileira, Volume XXIII).

1.2. Lacan, Jacques

1975a (1932) - *De La Psicosis Paranoica en sus Relaciones con la Personalidad* - México, Siglo Veinti uno Editores, 1976).

1938 - *La Família* - Lisboa, Assírio e Alvim, 1978

1975b (1953/54) - Seminário, Livro I - Rio de Janeiro, Zahar 1979.

1978 (1954/55) - Seminário, Livro II - Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

1981 (1955/56) - Seminário, Livro III - Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

1982 (1958/59) - *Hamlet por Lacan* - São Paulo, Escuta Editora, 1986).

1960 - "El Deseo y su Interpretacion" in *Las Formaciones del Inconsciente* - Buenos Aires - Nueva Vison, 1979.

1960/61 - *La Etica del Psicoanalisis, Seminário VII*, Buenos Aires, Impresso na Escuela Freudiana de Buenos Aires, s/ data.

1960/61 - *La Transferencia, Seminário VIII* - Buenos Aires, Impresso na Escuela de Buenos Aires, s/ data.

1973 (1964) - Seminário, Livro XI - Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

1966 - Écrits - Paris, Seuil, 1966.
- Escritos - México, Siglo Veintiuno Editores, 1984.
- Escritos - São Paulo, Editora Perspectiva 1978.

1967 - "Proposicion del 9 de Octubre de 1967" in *Ornicar? Nº 1* - Barcelona, Publicación periódica del champ freudien, s/ data.

1975 - Seminário, Livro XX - Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

2. Obras de Outros Autores

Aulagnier, Piera
1975 - *A Violência da Interpretação - Do Pictograma ao Enunciado* - Rio de Janeiro, Imago, 1979.

1979 - *Os Destinos do Prazer* - Rio de Janeiro - Imago, 1985.

Bachelard, Gaston
1968 - *Filosofia do Novo Espírito Científico* - Lisboa, Biblioteca de Ciências Humanas, 1972.

Bleichmar, Hugo 1984 - *Introdução ao Estudo das Perversões* - Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

Brazil, C.N.V. 1975 - "A *Estrutura do Inconsciente*" *in* Lugar nº 7 - Rio de Janeiro, Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1975.

Brazil, H.V. 1982 - "Moldura, Interpretação e Transferência " in *Transferência e Interpretação - Teoria da Prática Psicanalítica 1* - Rio de Janeiro, Editora Campus, 1982.

Brugger, Walter 1957 - *Dicionário de Filosofia* - São Paulo, Editora Herder, 1962.

Cabas, A.G. 1977 - *Uno* - Buenos Aires, Helguero, 1977.

1982 - *Curso e Discurso da Obra de Jacques Lacan* São Paulo, Editora Moraes, 1982.

1984a - "La Muerte: Una Pulsion" in *Cadernos de Psicanálise* - Rio de Janeiro, 1984.

1984b - "Ser Psicanalista" in *Os Emergentes do V Simpósio - Identidade como Desejo - SPCRJ IP* - Rio de Janeiro, 1984.

Cariou, M. 1973 - *Freud e o Desejo* - Rio de Janeiro, Imago, 1978.

Clancier, P.S. 1972 - *Freud* - São Paulo, Edições Melhoramentos, 1977.

Clément, C.
1981 - *Vidas e Lendas de Jacques Lacan* - São Paulo, Biblioteca Freudiana Brasileira, 1983.

Cottet, S.
1976 - "*Sobre el Deseo del Analista en Freud*" *in* Ornicar? Nº 1 - Barcelona, Editora Petrel s/ data.

1982 - *Freud y el Deseo del Psicoanalista* - Buenos Aires, Editorial Hacia el Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1984.

Dalto, F.
1982 - *No Jogo do Desejo* - Rio de Janeiro, Zahar 1984.

Ey, H. - *O Inconsciente - VI Colóquio de Bonneval* Rio de Janeiro, Biblioteca Tempo Universitário, 1969.

Garcia-Roza, L.A.
1984 - *Freud e o Inconsciente* - Rio de Janeiro - Zahar, 1984.

Groddeck, G.
s/ data - *O Livro Disso* - São Paulo, Editora Perspectiva, 1984.

Grosrichard, A.
1975 - "*El Santo Pedagogo*" *in* Ornicar? Nº 2 - Barcelona, Editora Petrel, s/ data.

Hamilton, E. - *A Mitologia* - Lisboa, Universidade Moderna, Publicações Dom Quixote, 1983.

Jones, E.
1961 - *Vida e Obra de Sigmund Freud* - Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

Kats, C.S.
1974 - "Algumas observações iniciais sobre a Formação Analítica in *Psicanálise em Crise, Coleção Conscientia nº 1* - Rio de Janeiro Vozes, 1974.

1975 - "Entre a Lei e o Desejo" in *Psicanálise: Problemas Metodológicos, Coleção Conscientia nº 2* - Rio de Janeiro, Vozes, 1975.

1984 - *Ética e Psicanálise: Uma Introdução* Rio de Janeiro, Graal, 1984.

Laplanche, J.
1970 - *Vida e Morte em Psicanálise* - Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

Laplanche, J. e Pontalis, J.B.
1967 - *Vocabulário da Psicanálise* - Lisboa, Moraes Editores, 1977.

Léclaire, S.
1968 - *Psicanalisar* - São Paulo, Editora Perspectiva, 1977.

1975 - *Conferencias y Seminarios* - Buenos Aires, 1975.

Legendre, P.
1974 - *O Amor do Censor* - Rio de Janeiro, Aoutra Editora, 1983.

Lemaire, A.
1977 - *Jacques Lacan: Uma Introdução* - Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.

Magalhães, L.C. e Vallejo, A. 1981 - *Lacan: Operadores da Leitura* - São Paulo, Editora Perspectiva, 1981.

Mannoni, M. 1979 - *A Teoria como Ficção* - Rio de Janeiro, Editora Campus, 1982.

Mannoni, O. 1968 - *Freud e a Psicanálise* - Rio de Janeiro, Editora Rio, 1976.

Masotta, O. s/ data - *Introducción a la Lectura de Jacques Lacan* Editora Proteo.

Mezan, R. 1982 - *Freud: A Trama dos Conceitos* - São Paulo Editora Perspectiva, 1982.

1985 - *Freud, Pensador da Cultura* - São Paulo, Brasiliense, 1985.

Mijolla, A.de 1982 - *Pensamentos de Freud* - Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

Miller, J.A. s/ data - *Cinco Conferencias Caraqueñas* - Caracas, Editora Ateneo.

s/ data - "A Sutura" in *Estruturalismo, Antologia de de Textos Teóricos* - Lisboa, Portugália Editora, 1967.

s/ data - "*Introducción a las Paradojas del Pase*" - in Ornicar? Nº 1 - Barcelona, Ed.Petrel.

Millot, C. 1979 - *Freud Anti-Pedagogo* - Barcelona, Paidos, 1982.

Muldworf, B. 1976 - *Freud* - Lisboa, Moraes Editores, 1978.

Palmier, J.M. s/ data - *Lacan* - São Paulo, Editora Melhoramentos, 1977

Pellegrino, H. 1983 - "*Aprendizado da Psicanálise: Formação ou Deformação*" *in* Cadernos de Psicanálise.

Perrier, F. 1978 - *El Cuento de la Buena Pipa* - Barcelona, Editora Petrel, 1981.

Roazen, P. 1971 - *Freud e seus Discípulos* - São Paulo, Cultria.

Robert, M. s/ data - *A Revolução Psicanalítica* - Santos, Livraria Martins Fontes.

Safouan, M. 1974 - *Estudos sobre o Édipo* - Rio de Janeiro - Zahar, 1979.

s/ data - *Jacques Lacan e a Questão da Formação dos Analistas* - Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

s/ data - *El ser y el Placer* - Barcelona, Editora Petrel, 1982.

1982 - *El Inconsciente y su Escriba* - Buenos Aires, Paidos, 1985.

Schur, M.
1973 - *Freud: Vida e Agonia* - Rio de Janeiro, Imago, 1981.

Silvestre, M.
s/ data - *Que se espera del Analista hoy?* - Buenos Aires, Editora Manantial, 1984.

Souza, A.M. de
1985 - *Uma Leitura Introdutória a Lacan (Exegese de um Estilo)* - Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

Valabrega, J.P.
1979 - *A Formação do Psicanalista* - São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1983.

Vidal, E.A.
1983 - *O Conceito de Repetição* - Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, 1983.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

Circe Navarro Vital Brazil
(PUC/RJ)

Esther Maria de Magalhães Arantes
(PUC/RJ)

Raldo Bonifácio Costa Filho
(UFF)

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro,

Vera Maria Ferrão Candau
Coordenadora dos programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas